



NORDESTE



"São os do Norte que veem..."

POVO, PROVINCIA, ESTUDANTE e ARTE

POR
GILBERTO FREYRE



ARTE POPULAR PERNAMBUCANA — "Carnaval", cerâmica (Coleção Roberto da Rosa Borges)

NORDESTE inicia, neste número, a publicação da conferência que, a convite da comissão promotora da campanha pró Gínasios Populares, Gilberto Freyre pronunciou, recentemente, no Gabinete Português de Leitura e que teve, em todos os centros culturais do Estado, a mais viva ressonância.

HA atualmente entre nós muita gente assustada com o que ouve falar ou com o que lê nos jornais e em livros acerca de "democracia social", de "socialismo", de "reivindicações populares". Sente em tudo isso cheiro de ensofre comunista, soviético, moscovita.

É possível que essa mesma gente também se alarme com o que se diga a favor da necessidade de valorização da arte popular e de província no Brasil. Em Pernambuco, para que mais arte popular e de província do que as bonecas de pano e os bichos de barro já expostos pelos matutos nas feiras e nos mercados — bonecas e bichos que para tanto elegante burguês desta muito leal cidade não valem um caracol? E que se pode esperar das mãos da gente do povo e de província que se compare com os produtos finamente

artísticos que nos veem das metrópoles em forma de estatuetas, figuras de louça, bronzes caros, oleogravuras? E para que estudante metido com isso — com povo, com matuto, com negro, com índio, com bumba-meu-boi, com maracatã, com cavalo-marinho, com ex-voto, com arte popular, com arte de província, quando a arte que convém a um futuro doutor é só a que seja erudita como ele?

Não estou aqui para enganar nem mistificar ninguém. Não me encontro em campanha de esteticismo puro. Venho, na verdade, pedir aos estudantes de Pernambuco que se voltem para a arte do seu povo e da sua província não para simplesmente se regalarem com o encanto estético ou com o pitoresco nem sempre artístico, às vezes apenas etnográfico, que se possa encontrar nessa mesma arte, mas porque aí se acha uma zona necessária de confraternização de intelectuais com o povo, de metrópole com província. E essa zona de confraternização me parece estar ainda um tanto abandonada entre nós, com prejuízo para a integridade da nossa cultura e para a convivência democrática na qual a melhor cultura brasileira se vem baseando.

Não estou aqui para exaltar a arte popular nem para considerá-la mãe da erudita e, por isso, merecedora de um culto ou objeto de uma mística. Do que se sabe das duas artes, nem a erudita é sempre original, nem a do povo é sempre imitadora. Elas se interpretam e se completam com a tendência para a do povo selecionar e guardar da erudita o que encontra nela de congenial; uma seleção em que se exprime, como alguém já acentuou, "o espírito" ou o "gênio" da província, da região, da comunidade da "raça" no sentido social da raça. Dê-se espírito é que as chamadas elites precisam de se conservar próximas para que às suas letras, à sua música, à sua pintura, à sua escultura, à sua arquitetura, às suas modas e estilos de vestido, de calçado, de mobiliário, de confeitaria não falte a base ou a inspiração ou experiência regional ou provincial ou da sabedoria do povo ou de camponês. Pois região, província, povo, camponês ou matuto, guardam em sua experiência, mesmo quando analfabeto o matuto ou o povo, uma forma de sabedoria que até quando envolvida por supers-

tições, é, algumas vezes, mais valiosa como força criadora de valores e estilos para as comunidades, que o saber guardado nas academias; que quase sempre é um elemento de criação ou de conservação de cultura socialmente tão valioso quando a ciência ou a erudição metropolitana ou cosmopolita. Entretanto, nas circunstâncias atuais nem este saber pode dispensar aquela sabedoria sem de certo modo artificializar-se nem aquela sabedoria pode conservar-se viva — e não simples arcaísmo pitoresco, — fechada de todo aos estímulos e às sugestões do saber metropolitano ou da ciência acadêmica. É possível que se chegue a um dia de tanta interpretação entre ambos — sabedoria popular e saber acadêmico, metrópoles e província — que eles se tornem indistintamente um só; mas enquanto não chega essa dia, ainda remoto, o de que se necessita é de zonas de confraternização entre os extremos que os tornem complementares com suas diferenças em vez de estranho um ao outro.

Sabe-se que um dos primeiros ímpetos dos mais simplistas bolchevistas quando triunfaram na Rússia e depois que se desembarçaram de homens como Lunocharsky e Mayakovsky, num excesso de doutrinarismo esquemático, pretenderam acabar com tudo que fosse regional, em cultura, provinciano, folclórico, espontâneo, pessoal, diverso e ao mesmo tempo com tudo que fosse considerado burguês e clássico, com tudo que fosse sabedoria, arte ou tradição da gente do povo, inclusive ou principalmente, a tradição religiosa; contudo que fosse obra do passado e dos mestres burgueses. Durante anos, esse excesso se fez sentir de forma lamentável. Até que se modificou a política cultural dos leaders soviéticos no sentido de reconhecer-se a diversidade regional da comunidade russa, respeitando-se de certo modo suas várias expressões artísticas, folclóricas, populares e permitindo-se aos escritores o contacto com as sugestões ou inspirações do passado e dos clássicos burgueses. Passou-se a só se exigir dos artistas e escritores o chamado "realismo socialista", que os guardasse, por um lado, do esteticismo individualista ou da exagerada preocupação com a forma literária e, por outro



ARTE POPULAR PERNAMBUCANA — "Casamento", cerâmica (Coleção Roberto da Rosa Borges)

lado, da extrema vulgarização da preocupação sociológica dentro de critério ou literatura nacional. Pois neste particular — a técnica literária ou artística — a decadência se tornara alarmante na Rússia nos dias de tentativa de internacionalização ou proletarianização absoluta de quanto fosse arte ou literatura. Atribue-se ao próprio Stalin o conceito de que "a música na Rússia soviética deve ser nacional na forma e socialista no conteúdo", o que representa desvio considerável da política de cultura seguida, simplista e rigidamente naquêles país durante os anos de internacionalismo ou proletarianismo absoluto e de completo repúdio às tradições regionais tanto quanto às chamadas depressivelmente burguesas, de arte. A música, princi-

(Conclue na 2.ª página)



ARTE POPULAR PERNAMBUCANA — "Gente de roça", cerâmica (Coleção Roberto da Rosa Borges)

SUMÁRIO

COLABORAÇÃO de Gilberto Freyre — Lednar de Assis Rocha — Olivio Montenegro — Luiz Delgado — Sílvia Rabelo — Aderbal Jurema — Mário Souto Mayor — Valdemar de Oliveira — Barros Lima — Abgar Soriano.

POEMAS de Mateos de Lima e Tomás Seixas.

INQUÉRITO: O intelectual e o após-guerra — Resposta de Odilon Nestor.

REPORTAGEM de Jorge Abrantes.

CINEMA: Luiz Felipe Vieira — ESPORTES: Sócrates Tines de Carvalho — Página Feminina.

DESENHOS de Rugendas — Luiz Tetzel — Gonçalves Pereira — Zuleno Pessoa.

FOTOS de Teles Filho e do SPHAN.

Povo, Província, Estudante e Arte

(Continuação da 1.ª pag.)

palmente, vem refletindo a nova política de cultura de regresso ao contacto com as fontes regionais, tendências representadas com grande vigor por um armênio. A Khachaturian, em arquitetura, não teve até hoje sucesso o chamado constitutivismo, ou a arquitetura puramente "proletária", com sua repugnância por todas as tradições nacionais, regionais ou consideradas burguesas. Ao se tratar da construção do Palácio dos Soviéticos em Moscovo — informa Michael Karpovich, em livro recente, de 1943 — a comissão nomeada pelo governo para dirigir o concurso de arquitetos, exprimi-se a favor de cuidadoso estudo dos estilos de arquitetura do passado de modo a "ganhar-se para a nova (arquitetura) todos os benefícios desenvolvidos pela antiga". Também na pintura, passou-se a permitir o contacto dos artistas novos com as tradições académicas, embora não nos cheguem notícias de sua aproximação com tradições populares, talvez por estarem estas impregnadas do misticismo cristão que durante anos os dominadores soviéticos da Rússia supuseram poder extinguir; e que não desejam estimular. Diz-se que o censo realizado na Rússia em 1937 revelou, para espanto de muitos ingénios que, mesmo sob um governo quisse oficialmente ateuista, queriam por cento de russos se declararam religiosos. Daí, talvez, a nova política seguida nos últimos anos pelos soviéticos em relação com essa outra poderosa força de sentimento ou tradição popular: o sentimento ou a tradição religiosa. Em 1939, os ingénios — podemos chamá-los assim, sem tomarmos ar de superiores ou de sabidos, tão excessiva foi sua ingenuidade que se haviam julgado capazes de acabar com o cristianismo não somente ético como poético do povo russo, adotaram nova interpretação do assunto que muito mais se aproxima de uma interpretação sociológica que a primeira. Segundo a nova interpretação, um "verdadeiro Marxista deve compreender" — informa o Professor Michael Karpovich, nas notas com que atualiza a obra de Paul Milinikov sobre a cultura russa — que "em certos períodos históricos, e sob certas condições, o cristianismo pode ser uma força progressiva. Tal foi sua função nos primeiros séculos de sua existência, quando teve caráter definitivamente democrático e até revolucionário. Do mesmo modo a conversão da Rússia ao cristianismo no século dez deve ser considerado fato histórico de positiva importância desde que introduziu na vida do povo russo elementos de cultura su-

Vê-se assim que os dominadores soviéticos periores aos que o mesmo povo conhecera até então".

A Rússia vem alterando sua política interior no sentido de um regresso às forças populares como também às tradições clássicas de arte, de religião, de cultura. Sem considerarmos a Rússia moderna nação messiânica da qual tudo se deva esperar ou se possa aprender, devemos fixar nossa atenção nesse aspecto nada insignificante da sua experiência, que nos mostra o erro de se separar por completo o grupo dominante de uma comunidade — seja esse grupo uma classe ou uma aristocracia, uma raça, um partido ou uma seita como a Puritana na Inglaterra do século dezesseis — da cultura popular e tradicional, supondo-se o mesmo grupo capaz de criar cultura no vácuo, de improvisar cultura inteiramente supranacional, de inventar cultura, mesmo que ela se denomine pospositamente proletária e seja — o que não era o caso entre os russos — de toda a massa operária e não apenas de um partido, representante do agente dessa massa.

Erro semelhante foi o dos que no Brasil pretendiam poder desenvolver uma cultura exclusivamente européia, desprezados, ignorados ou reprimidos os elementos básicos da formação do nosso povo, além do português (ele próprio menos europeu do que muitos estudiosos supõem): o ameríndio e o negro. Os que no Brasil nos interessamos pelos valores de cultura ameríndios e africanos, matutos e sertanejos, não somos os colecionadores de curiosidades etnológicas imaginadas pela gente mais superficial: esses valores estão nas raízes e não apenas na rama da nossa cultura.

Que aconteceu por meio tempo no Brasil? Muitos dos artistas e escritores eruditos evitaram o contacto com a gente do povo e com suas tradições regionais e de província, para seguirem passivamente Coimbra, Paris, Milão, Roma, a antiga Grécia, como si do contacto com aquela gente e com aquelas tradições só pudesse resultar corrupção ou degradação para o que eles supunham cultura ou civilização, arte ou literatura, Grécia ou Roma era porém artifício, simulação, fantasia. A ter vingado entre nós o eruditismo dos "últimos dos helenos" em formas vigorosas de comportamento ou de ação, teria esse triunfo resultado num Brasil sem nenhuma articulação social e de cultura entre sua pouca gente de corte ou de metrópole e a muita gente de suas províncias, entre seus

escassos e estereis letrados e artistas de ciência ou de técnica puramente européia e de estufa e seus milhões de ameríndios e negros não só sem letras e quase sem técnica européia como de certo modo forçados pela atitude da casta dominante a refluírem ao seu tupi e ao seu nagô, aos seus deuses e aos seus feitiosos.

O que principalmente salvou o Brasil de-se desajuste desfavorável ao desenvolvimento de uma cultura nova e hibridamente vigorosa nesta parte da América sabemos hoje que foi a miscogeneação com a interpenetração de culturas e de classes de que se fez acompanhar; foi o cristianismo franciscano, lírico, fraternal da maioria dos portugueses. E sem que os académicos ou os eruditos concordassem com o fato, para eles vergonhoso, dos "superiores" imitarem os "inferiores", desde os primeiros tempos de colonização que da cultura da massa selvagem, e depois da massa escrava, começaram a subir até aos europeus, valores que

se foram tornando, sob formas artísticas ou simplesmente etnográficas, parte da vida da sociedade colonial: a rede, que é hoje uma das artes brasileiras mais dignas de desenvolvimento; o cachimbo, outra arte do povo na mesma situação de merecer estímulo, havendo alguns de madeira, hoje raríssimos, que são verdadeiras maravilhas no gênero; o balangandã; o tipiti; a cuia; a cabaça; formas de canto, instrumentos de música; passos de dança; soluções para problemas de habitação e de vestuário no trópico; maneiras de preparar ou temperar alimentos; jogos de adultos e folguedos de meninos, inclusive o que se serve de bola de borracha de fabrico primitivo ou ameríndio.

Entretanto, por muito tempo, sempre que o Brasil se julgou apto a aparecer com um artista ou um escritor de que a população erudita se orgulhasse, estava subentendido que nenhum desses valores concretos ou básicos deveria aparecer cruamente na obra conside-

rada representativa da cultura brasileira; só se admitia a vogã de alegação delese como no Guarani. Daí o pouco caso que se fez por muito tempo do Alejadinho, em cuja escultura já havia começos audaciosos de revolta contra a ortodoxia ou exclusividade européia, de ponto de vista de técnica e certa fraternização do escultor de gênio ou quase de gênio, com tendência e estilos da arte popular dos santeiros mestiços. Esses santeiros haviam trazido para seu modo de ser cristãos e para sua interpretação de Cristo em face dos judeus e dos soldados romanos, alguma coisa de africano: alguma coisa de sua própria experiência de escravos ou de quase escravos, dominados na região das minas, por novos soldados romanos e judeus por novos judeus. Na arte se desabafavam, aparentemente contra romanos e judeus remotos, mas na verdade contra reinos e opressores para eles atualíssimos.

Hoje sabemos que o Alejadinho foi uma das nossas maiores forças artísticas. E q grande parte dessa força lhe parece ter vindo do fato de que, a cor e a doença talvez mais do que a condição econômica, não lhe permitiram distanciar-se muito do povo miúdo e sofredor, da gente da preta sua mãe, dos escravos que éle, com sua falta de dedos comidos por uma doença terrível, fez seus colaboradores. E quase o mesmo sucedeu, em escala muito menos dramática mas com resultados semelhantes e esse extraordinário Simões Lopes Filho, do Rio Grande do Sul que escreveu O Negrinho do Pastoreio. Ao Padre José Maurício, a Carlos Gomes, a Gonçalves Dias, e Castro Alves, a José de Alencar, a Machado, a Euclides, a Nabuco, a Graça Aranha, a Aluizio de Azevedo, a Raul Pompéia — talvez os mais significativos dos nossos artistas — foi talvez o que faltou para se exprimirem mais americana ou brasileiroamente: um contacto maior ou mais fraternal com as experiências e as dores do povo, que no tempo deles meninos, era em grande parte escravo. O maior ou menor contacto com o povo miúdo que experimentaram, experimentaram-no quase todos somente durante os dias da meninice e um pouco durante os de estudantes. Os dias da meninice eram outrora dias de aventura democrática para muito menino aristocrático; para muito menino branco ou quase branco do tipo de Nabuco e até certo ponto do de Euclides. Dias durante os quais os melhores amigos dos ióiosinhos eram muitas vezes muleques, malungos, mucamas, negros velhos, pagens, boleiros, cabras de engenho ou de fazenda entendidos em coisas de caçada, de bicho do mato, de passarinhos, de cavalo, e boi, de peixe, de planta, e rio, e sexo, de mulher tanto quanto os negros velhos em almas do outro mundo e em cabras cabriolas.

Também é das tradições brasileiras o prolongamento da meninice aristocrática ou semi-aristocrática, como período de aventura democrática e franciscana, em mocidade de estudante. É claro que o estudante já não é tão franciscanamente fraternal com o povo miúdo e com a natureza como o menino. Já se nota nele o futuro doutor, o futuro erudito, o futuro burguês e ultimamente teem querido fazer dele funcionário público e até secreta de polícia com compromissos de precoces submissão ao governo ou ao chefe de segurança, recompensados esses compromissos com verba secreta e com embaixadas chamadas ao Prata mas na verdade à prata. Mesmo assim ele conserva uma sensibilidade ao que é popular que o torna um predisposto aos movimentos de reivindicações democráticas, embora muitas vezes se afaste desses movimentos logo depois de formado, de casado, de eleito deputado ou nomeado secretário de governo ou delegado de polícia: nos dias que correm uma das maiores indignidades que podem manchar o começo de vida de um moço.

(Continua no próximo número)

★ IMORTALIDADE

POEMA ARABE DE NEME KAZAN

"Em verdade, em verdade vos digo
"que antes que Abraão existisse, eu
"sou".

CRISTO.

"Em verdade, em verdade vos digo
"que nem em cabelo de vossas cabeças
"caí, sem a vontade de Deus".

CRISTO.

Oh, presença invisível! Tons perdidos
dentro de mim, na bruma dos reflexos!
Ah, se tivesses olhos estes olhos!
Se tivesses ouvido estes ouvidos!

Ontem perdi meu ontem nevoento,
e busquei-o em mim mesmo, e nesse afan,
encontrei-o em meu próprio pensamento,
é meu Ontem, meu Hoje e Amanhã,
E para o pensamento, esse sem-fim,
não encontrei lugar senão em mim!

Oh, presença invisível! Tons perdidos
em mim mesmo, na bruma dos reflexos!
Ah, se tivesses olhos estes olhos!
Se tivesses ouvido estes ouvidos!

Soltei meu pensamento no Pensamento,
como um vento no dorso de outro vento.
E solto, em arrancadas descabidas,
ele foi desdobrando as minhas vidas.
Eu insisti! Em ímpetos mais fortes,
ele foi desdobrando as minhas mortes!
Eu ainda insisti! E tanto olhei
para o meu próprio íntimo profundo,
que, através do meu ser, vi tanto mundo!
Vi tão longe que quase me adorei!

Oh, presença invisível! Tons perdidos
em mim mesmo, na bruma dos reflexos!
Ah, se tivesses olhos estes olhos!
Se tivesses ouvido estes ouvidos!

Enquanto iam meus olhos distraídos,
absortos no mistério da Unidade,
o silêncio da própria Eternidade
palavra, entorpecendo os meus sentidos;
levava-me a girar de sóis em sóis.
Então ergui a voz num grito imenso
para o silêncio imarredouro e denso,
e quase não ouvi a minha voz:

"Minha Mãe é a terra, a mãe divina!
Meu pai é o Tempo, que jamais termina!
Antes de Agora e adiante de Depois,
eu envolvo, envolvido nesses dois!
Minha Pátria é Ser Imperecível
é tudo que é visível e invisível!
Toda morte é um dormir para sonhar!
Toda vida é um cadente cochilar!
E todo pensamento é um céu de encanto!
E todo coração é um Eden santo!
Toda alma é uma vida exelta ou falha!
Todo corpo é uma efêmera mortalha!
Todo ser vivo é um Deus numa subida!
Todo morto é matéria para a Vida!



Que soprem, pois, as ambições tiranas,
inflando o "Eu" de ânsias sordideiras,
deitando-se as inquietações humanas,
e para isso, erguendo-se as fronteiras!
Que exploda a guerra em brados horrorosos,
despedaçando os corações audazes!
Que concetam os tímidos vorazes!
Que procriem os herços dardivosos!
Haja o que houver ao mundo insatisfeito,
tudo é bom sob o sol; tudo é perfeito!
Minha mãe é a Terra, a mãe divina!
Meu pai é o tempo, que jamais termina!"

(Versão portuguesa de
GIUSEPPE CHIARONI)

OFERECE: A

CASA FATIMA

A rainha das sedas bonitas

RUA NOVA, 363 -- RECIFE

NORDESTE

MENSARIO DE CULTURA

Redação e gerência: RUA DO IMPERADOR, 346
— Sala 33 — 6.º andar

Redator-chefe: Aderbal Jurema
Gerente: Fernando Barros Lima

Número avulso Cr\$ 2,00
Número atrasado Cr\$ 4,00

Representante no Rio: João Condé

— Todos os livros enviados a esta revista serão
registados independente de crítica assinada.
— Solicitamos permuta com as publicações
congenêres.

EUCLIDES da CUNHA

COLABORADOR de JORNAIS

Sylvio Rabello

SIAO de 1904 os artigos d' "O Estado de São Paulo" e d' "O País" que formam quase todo o livro "CONTRASTES E CONFRONTOS," de 1908. Euclides da Cunha não os escreveu com a ligeireza ou a superficialidade de quem colabora para jornais. Ele não possuía as qualidades do jornalista: a espontaneidade, a objetividade, o senso de oportunidade. E, depois, preocupava-o sempre a certeza do que afirmava ou sugeria. Dele disse certa vez João Luso, que era um jornalista fácil e abundante: "Uma das suas preocupações, a sua verdadeira preocupação era a certeza. Certeza do que pensava e do que dizia; queria sempre examinar a fundo, esquadriñar as últimas notícias, ver com os olhos, apalpar com os dedos, penetrar com toda a intensidade do raciocínio; quem lhe pedisse uma opinião, tinha que lhe dar tempo para a formar, ponderadamente, escrupulosamente; e, mesmo quando contava simplesmente um episódio presenciado, um caso de que fora simples espectador, parecia, apesar da sua surpreendente facilidade de expressão, escolher, uma por uma, as frases e analisá-las, antes de proferidas, para ver se elas traduziam de modo fiel a certeza da sua observação".

Quem lê os artigos escritos por Euclides em 1904, exatamente a época em que era mais infeliz a sua situação financeira, não sente por trás deles o homem que necessitava de ganhar dinheiro. E que por isso os alinhavava. Dir-se-á que ele não tinha outra possibilidade de redigi-los. Na verdade Euclides não era um espontâneo. Ele precisava de "cozinhar" os assuntos que tinha de explicar em discurso ou em artigo. A sua elaboração era lenta — a mental possivelmente que não o fusesse, mas a da expressão de certo que o era, embora a João Luso tivesse parecido o contrário. E faltava-lhe muitas vezes objetividade. Uma ocasião falara de certas aves de voo curto que tinham de subir a um arbusto para daí ganharem o espaço. Também ele tinha de apoiar-se em alguma coisa — num "fato" que fosse o estímulo para o seu trabalho de idealização ou de imaginação. Mas cedo ele desprezava esse "fato". O jornalista nunca esquece o acontecimento, o episódio — o "fato" — não como ponto de apoio de um momento, mas como terreno em que sempre tem de pisar. Euclides não. O fato era mesmo o seu galho de arbusto. Desferido o voo, ficava este em baixo, desprezado. Raramente no decorrer dos seus artigos de jornal ele voltava ao fato que dera motivo à sua análise ou à sua explanação. Comum em Euclides era desprender-se às primeiras linhas daquilo que fora o seu principal interesse e entrar em divagações doutrinárias ou em deduções teóricas que apagavam a objetividade própria dos homens de imprensa. Ainda há a considerar a falta de oportunidade de muitos dos seus artigos. Nem sempre o que preocupava a Euclides correspondia à curiosidade dos leitores. Por isso os seus artigos não tiveram a duração do momento em que foram escritos. São antes estudos ou ensaios de interesse permanente — desses que poderiam ser enfiados em livro sem parecerem simples artigos de jornal.

Acontece, entretanto, que muitos desses artigos envelheceram ou pelo menos perderam a sua novidade. Isto provem do tom dogmático que era mesmo de Euclides. Da sua preocupação de certeza ou do que supunha certo no quadro das suas fórmulas e dos seus princípios. A sua adesão, por exemplo, a teorias acerca de problemas etnográficos — que n'OS SERTÕES se mostra de modo quase incondicional quando trata do autoctonismo do homem americano, da superioridade das raças chamadas "fortes", do esmagamento dos povos mestiços pela civilização mesma — é um dos aspectos da sua obra que tende a envelhecer, se já não envelheceu de todo. Mas ao lado das suas conclusões tomadas do evolucionismo científico, ontem certas mas hoje superadas em sua rigidez ortodoxa, há nos trabalhos de Euclides intuições, geniais que não perdem com o tempo nada da sua verdade ou aproximação de verdade. A sua frase é deste modo um reflexo dessa obsessão tirânica da certeza. Notara Gilberto Freyre que nas suas sentenças não há lugar para um "talvez", para um "a não ser que" ou para um "entretanto" — tôdas essas, partículas "a quebrar-lhes em curvas — curvas irônicas, às vezes irritantes, mas sempre necessárias — a imponência das retas, tão da sua predileção de construtor de frases imperiais."

Quem sabe se o próprio Euclides não se affigia ao reter os seus trabalhos mais antigos e escritos naquele tom aparatoso e empolado de que OS SERTÕES dão toda a altura? E' o que se depreende de uma sua carta a Dom Agustin de Vedia, argentino autor do livro MARTIN GARCIA, comentado por Euclides. "Pede-me o sr. que lhe mande OS SERTÕES, mas antes necessito dizer-lhe que não o teria enviado espontaneamente porque este

livro bárbaro de minha mocidade, monstruoso poema de brutalidade e de força, é tão estranho à maneira tranqüila como considero hoje a vida, que a mim mesmo, às vezes, custa entendê-lo. De qualquer modo, é o primogênito de meu espírito, embora críticos audazes afirmem que é meu único livro... E' possível que Euclides já no fim da vida tivesse dificuldade em encontrar-se nas páginas d'OS SERTÕES; que ele já na idade madura tivesse atingido a uma serenidade de que as páginas d'OS SERTÕES não davam mais a medida. Mas o que certamente ele não conseguira modificar foi a sua expressão. Esta ficara-lhe toda a vida com a mesma marca dos tempos da mocidade.

Euclides possuía ainda do tempo da elaboração d'OS SERTÕES um caderno que lhe dera Teodoro Sampaio, cheio de notas e que tinha o título de "Apontamentos para a história da Geografia Brasileira". Notas minuciosas e dispostas em capítulos sobre as primeiras explorações sertanejas, a civilização pela catequese

— e das letras? E de que se queixava amargamente em quase tôdas as cartas que escrevia aos amigos mais aproximados? Talvez o próprio Euclides não tivesse dado por essa aparente contradição da sua atividade intelectual, exatamente no ano em que, em férias forçadas da engenharia, procurava de uma vez por tôdas mudar o rumo da sua vida. "Fazedores de desertos" e "Ao longo de uma estrada" são inegavelmente estudos senão de engenharia técnica, ao menos de engenharia em suas relações sociais. Os três artigos intitulados "Plano de uma cruzada" parecem de um técnico de inacreditável audácia para a época e ao mesmo tempo de um ecologista moderno para quem a terra, as águas, o ar, as plantas e os animais existem em interdependência com as demais formas de vida — a do homem, a da sociedade, a da raça, sempre em termos de valorização, de pujança e de domínio das qualidades latentes do brasileiro das regiões abandonadas do sertão. Era essa uma maneira inconciente de transformar a engenharia em



EUCLIDES DA CUNHA

e pelo cativoiro, as minas de ouro, as fundações dos séculos XVI e XVII e muitos outros assuntos que certamente eram estudos preliminares de um livro que não chegou a ser escrito. Mas havia páginas em branco nesse caderno. Essas páginas em branco utilizou-as Euclides, não para continuar as notas já existentes, como supuzera Sampaio, mas para esboçar os seus artigos de colaboração para "O País" e para "O Estado de São Paulo" em 1904. Enquanto a parte da autoria de Sampaio é limpa, a letra sempre igual e miúda, a da autoria de Euclides é um emaranhado de frases e de rabiscos nervosamente traçados como em primeiro facto de composição. Quase metade dos estudos de CONTRASTES E CONFRONTOS lá está quase ilegível de tanta emenda, provando a enorme dificuldade de expressão de Euclides.

A primeira surpresa de quem faz a leitura dos artigos de colaboração para "O País" e para "O Estado de São Paulo" decorre da natureza dos temas escolhidos. Temas de engenharia ou temas a ela relacionados. Que teria levado Euclides a escrever sobre assuntos ligados a uma profissão que era a sua, mas que ele detestava com toda a sua capacidade de antipatia? Que ele considerava como sendo o grande estorvo da sua verdadeira vocação

motivo literário e mesmo artístico e deste modo ficar bem dentro das suas mais constantes preocupações de espírito. A engenharia desses artigos nada tinha a ver com a rigidez dos instrumentos e das tabelas, com a minúcia dos traçados, com o enervante dos orçamentos — justamente aquilo que mais o aborrecia na profissão de engenheiro. Mas o seu aspecto social e humano — o que mais se prestava aos devaneios de um imaginativo como era Euclides. Nestes momentos é que ele se reconciliava com a engenharia. Também transformada em elemento de remodelação da terra e de valorização do homem, a engenharia acabava sendo aquilo que ele chamava um assunto da sua predileção.

E' particularmente curioso o plano que Euclides propunha como uma cruzada aos governos do país, — um plano que debelaria "o regime desértico em mais de um milhão de quilômetros quadrados do território e torturando mais de três milhões de povoadores..." Eram as zonas assoladas pelas secas no nordeste brasileiro que ele queria mudar em zonas compatíveis com a vida. Daí a espécie de "guerra de cem anos" que se devia empreender contra tôdas as desgraças que há quatro séculos faziam delas o cemitério do que melhor possuía a nacionalidade. Estava Euclides convencido

de que sem um estudo prévio da natureza física do nordeste nada se poderia tentar. Ali a engenharia teria muito o que fazer: o levantamento de cartas topográficas e hipsométricas, as pesquisas do solo, as observações do clima, as investigações da flora. Seria esse o traçado da "campanha formidável contra o deserto". Depois disto viriam então as obras: a acção-grem com o aproveitamento de vales e a reconstrução de montanhas; a arborização por meio de espécies afeitas aos rigores da região; a perfuração de poços onde o granito permitisse; a construção de estradas; a irrigação. Euclides esboçava com admirável previsão o plano que mais tarde seria adotado pela Inspeção de Obras Contra as Secas. De certo que era um plano arrojado, mas é mesmo o considerava "único, improrrogável, urgente."

Outra curiosidade dos artigos daquela época é que cinco deles foram de uma excepcional oportunidade: "Contrastes e confrontos", "Conflito inevitável", "Contra os caucheiros", "Entre o Madeira e o Javari" e "Solidariedade sul-americana". Todos êles comentários à margem dos conflitos de fronteira no extremo norte do país, entre brasileiros, bolivianos e peruanos que se disputavam o Território do Acre. Estava longe Euclides de imaginar que no ano seguinte seria impedido pelos acontecimentos a participar daquela questão já na sua fase tranqüila, final. A vasta erudição que ele mostrava nesses artigos indicava naquela época um conhecimento minucioso da geografia e da história dos países andinos — providencial preparação que muito lhe valeria na missão de reconhecimento das cabeceiras do rio Purús. Ele considerava o movimento dos peruanos no sentido do vale amazônico como natural defesa de um povo comprimido entre "o maior dos mares e a maior das cordilheiras." O destino do Perú comportaria duas alternativas: a sua extinção permanecendo do outro lado dos Andes ou a sua sobrevivência avançando para a Amazonia. Mas se as incursões dos peruanos correspondiam a uma defesa, era preciso que eles não excedessem do limite dos interesses brasileiros. Tranqüilizava-o saber que qualquer excesso dos caucheiros seria reprimido pelos jagunços que há muito anos lá viviam no trabalho dos seringaais. Num desses artigos — "Entre o Madeira e o Javari" — Euclides fez uma profecia sobre a Amazonia que está longe de ser realizada. Dizia ele que mais cedo ou mais tarde esse grande trecho do nosso território se desligará do Brasil e isto "natural e irresistivelmente, como se despega um mundo de uma nebulosa..."

Sem insistir no sentido social da obra de Euclides, pode-se destacar de alguns dos seus estudos opiniões e pontos de vista que são verdadeiras antecipações para o Brasil do começo do século. Entre os contemporâneos, mesmo entre os mais esclarecidos, nenhum como ele foi tão sensível às novas idéias. Sobre tudo às idéias que dizem respeito a uma estruturação da sociedade sob bases mais justas e mais humanas. Talvez que a sua capacidade de observação do panorama brasileiro muito mais do que a sua curiosidade propriamente intelectual fôsse responsável pelas soluções audaciosas que sugerira ao seu tempo. E' que no emotivo facilmente solidário ao sofrimento e à toda condição inferior de vida se pudessem encontrar as tendências mais profundas do seu socialismo. Um socialismo a bem dizer humanitário, mas que era uma aventura ou quase uma insensatez em plena discussão do nosso Código Civil.

Impregnado pelo positivismo que era como um pano de fundo a que se gradavam as suas idéias na época do curso da Escola Militar, Euclides tomara depois um certo gosto pelo estudo das ciências sociais, avançando sobre os seus companheiros de turma até o materialismo dialético de Karl Marx. De passagem tocara em Saint-Simon, em Proudhon, em Fourier — todos para ele uns teóricos impenitentes, uns fantasistas sem importância da questão social que chamava "um velho problema", — título de um dos seus artigos de 1904. Dizia que com Marx tinha-se chegado ao ponto culminante do socialismo científico. Em vez das idealizações e dos sonhos dos antecessores, via nele um lógico doutrinador para quem o rigor do método estava acima de tôdas as instituições possíveis. Como se tivesse chegado subitamente ao X de uma equação, Euclides não tinha nenhuma dúvida em admitir que a fonte única da produção é o trabalho e que o capital ou a terra ou a máquina de nada vale sem o braço do homem. E em afirmar com a ênfase de um alologista que "a riqueza produzida deve pertencer toda aos que trabalham" e que "o capital é uma espoliação."

O egoísmo capitalista, Euclides julgava-o responsável pela situação de inferioridade do trabalhador em face da máquina, esta afogada com zelos de amante pelos seus donos, en-

CRISE AGRARIA E INFLAÇÕES NA PRODUÇÃO AÇUCAREIRA DE PERNAMBUCO
INSUFICIENTE, A PRODUÇÃO, PARA ATENDER AO AUMENTO DO CONSUMO, ENQUANTO QUE A INFLAÇÃO TORNA INADEQUADOS TODOS OS REAJUSTAMENTOS DE PREÇOS ATÉ AGORA CONCEDIDOS

NORDESTE oferece abaixo, aos seus leitores, alguns dados bastante expressivos a respeito da situação da indústria açucareira local.

Estamos certos de que os leitores apreciarão tais informes, de vivo interesse e acentuada importância para o conhecimento da vida econômica de Pernambuco e do Nordeste.

Abrimos espaço à transcrição:

PREZADOS CONSOCIOS: Cumprimos o dever de submeter à apreciação e julgamento dos associados desta Cooperativa, as contas, o balanço encerrado em 31 de agosto de 1945 e o relatório das nossas atividades na safra 1944/45, de acordo com as exigências legais e as prescrições estatutárias.

ASPECTOS GERAIS Temos à registar, neste exercício, com intenso júbilo, o término da guerra, esse terrível flagelo desencadeado pela ambição criminosa de algumas nações imperialistas, que por tanto tempo enlutou a humanidade.

No exercício social em revista, tivemos ainda de enfrentar duras contingências resultantes do conflito mundial. A safra de 1944/45 foi produzida e em grande parte distribuída na vigência da guerra.

Suplicamos as necessidades do mercado regional e atendemos às exigências da nossa frequência com as quotas que normalmente fornecemos, apesar da redução da nossa safra em comparação com a safra anterior.

Table with 2 columns: Safra and Sacos. Rows include 1940/41, 1941/42, 1942/43, 1943/44, and 1944/45.

A safra de 1943/44 foi a maior já registrada na nossa história açucareira, e a de 1942/43 esteve bem próxima desse limite.

de 1940/41 e 1941/42. Verifica-se, portanto, que entre os índices máximo e mínimo da nossa produção não há um quicênio houve uma diferença que não atinja a 20%.

PREÇO DA SAFRA O Instituto do Açúcar e do Alcool fixou em Cr\$ 94,70 na safra de 1944/45 o preço para o saco de açúcar cristal de sessenta quilos, pósto a bordo, inclusive imposto de consumo.

Apesar das entregas de açúcares para o abastecimento dos centros consumidores de Rio e São Paulo às grandes refinarias dali, ao preço FOB standard, tal foi o esforço contínuo e a atenção aos negócios da organização que tivemos a satisfação de obter em média geral sobre toda a produção uma melhora de preço de mais de Cr\$ 3,00 em saco sobre a estimativa de Cr\$ 87,50 bruto.

ESCOAMENTO DA SAFRA Conforme já referimos anteriormente, o problema da distribuição do nosso produto ainda assumiu graves aspectos na safra em revista.

Table with 2 columns: Location and Amount. Lists export destinations like Rio de Janeiro, Minas, Santos, Paraná, Rio Grande, Pelotas, Porto Alegre, Belém, and a Total.

A esse total devem ser acrescentados vários lotes de refinado e granfina atingindo a cerca de 400.000 sacos o açúcar escoado de Pernambuco em vapores estrangeiros.

O frete nesses navios é mais alto, o que importa em redução do preço médio do açúcar. Contudo, não houve prejuízo para os produtores pernambucanos porque obtivemos do I. A. A. uma bonificação de Cr\$ 300.000,00 para compensar essa diferença de frete.

O financiamento concedido pelo I. A. A. à Cooperativa por sacos de açúcar recebido das Usinas, em forma de warrantagem, alcançou, na safra 1944/45, a cifra de Cr\$ 121.189.800,00, relativos a 1.905.500 sacos.

COMPRA DE MERCADORIAS PARA OS ASSOCIADOS Atendendo às dificuldades na obtenção de mercadorias de que necessitavam os nossos associados, realizou a Cooperativa, na safra analisada, importantes operações de compra dos artigos abaixo mencionados, em benefício dos seus associados.

Table with 2 columns: Item and Price. Lists Charque and Enxofre with their respective prices.

TRANSAÇÕES O movimento geral da Cooperativa, levando em consideração todas as suas operações, atingiu a expressiva cifra de cerca de Cr\$ 600.000.000,00 importando em Cr\$ 425.495.490,50 o volume de nossas vendas de açúcar.

RELAÇÕES COM O INSTITUTO DO AÇUCAR E DO ALCOL Foram as mais cordiais as nossas relações com o Instituto do Açúcar e do Alcool, que continua prestando assinalados serviços à economia açucareira do país.

Desejamos ainda assinalar a honrosa visita de a. excia., ao nosso Estado e a esta Cooperativa, em princípios de julho. Além de vários contactos mantidos com o Conselho de Administração e com grupos de produtores, a excia., foi recebido em reunião especial dos usineiros em nossa sede, onde, perante grande número de associados, teve a oportunidade de esclarecer diversas questões de interesse da classe, e de comunicar oficialmente que o Instituto abriria um crédito de milhões de cruzeiros, destinados à aquisição de adubo, para amortização após a colheita das safras beneficiadas.

Durante toda a safra, contamos com a assistência do Sr. Miguel Arraes de Alencar, Delegado Regional do I. A. A., neste Estado, sempre presente às reuniões semanais que instituímos da classe para elaboração do plano da nova safra e do novo regime de tabelamento de cava.

CONCLUSÕES Ao encerrar-se mais um exercício social da Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco Limitada, podemos afirmar, com segurança, que essa organização tem prestado relevantes serviços aos seus associados, organizando de modo eficiente a distribuição do produto mesmo através dos anos difíceis da guerra, financiando os produtores, facilitando-lhes e fortalecendo-lhes o crédito, defendendo intrinsecamente os interesses dos seus associados.

Os dados fornecidos neste relatório e os mapas a ele anexos esclarecem o movimento verificado na safra de 1944/45 e os fatos mais importantes que, a nosso juízo, mereceram destaque.

SITUAÇÃO GERAL DA INDUSTRIA AÇUCAREIRA O açúcar, naturalmente sujeito à superprodução nos tempos de paz, e de dumping em situação normal de comércio, é hoje, transitoriamente, mercadoria escassa no mercado mundial.

Por outro lado, o aumento vertiginoso da inflação tem tornado insuficiente e inadequados todos os reajustamentos de preços até agora concedidos. O próprio Instituto do Açúcar e do Alcool possui estatísticas rigorosas evidenciando ter o valor do açúcar permanecido muito abaixo do alcançado pelos demais gêneros de primeira necessidade, o que se de um lado mostra a ação daquela autarquia em defesa do consumidor brasileiro, torna evidente e flagrante um enorme desajuste da economia nacional em detrimento do produto que há mais tempo concorre para a riqueza da nação.

Quando se discuta o plano da nova safra, a Cooperativa procurou também sustentar, perante o Instituto, a tese de que, em face da marcha progressiva da inflação, não seria justo fixar-se um preço inflexível para toda a safra, devendo o mesmo ser revista desde que se modificasse o quadro do custos de produção.

Tudo indica, pois, a necessidade de um justo equilíbrio entre esse dos extremos, de forma a desfazer-se tão grave contradição econômica. Se não podemos nos aproveitar dos preços remunerativos do mercado externo, o que seria um tônico para a nossa indústria, é justo que as autoridades competentes permitam uma imediata revisão nos preços do produto para venda ao consumo nacional de modo a amparar a lavoura, a indústria e a causa do próprio operariado que depende da prosperidade das fábricas.

Diz André Gide que justamente o autor de romance chega a fundir-se com tanta naturalidade nos seus personagens como Dostoiévski. O que é bem verdade: ninguém foi mais ortodoxo na sua arte e mais ao pé da letra seguiu a palavra dos Evangelhos, perdendo a sua vida para salvá-la.

Além o primeiro romance de Dostoiévski pode-se dizer que foi o da sua própria vida. De um sentido não menos comovido e trágico do que os da sua melhor ficção. É possível mesmo que o instinto ficcionista lhe dirigisse a vida no sentido terrivelmente trágico que ela teve.

Ainda hoje constitui um problema para a crítica indagar se o homem é inseparável do artista, ou, pelo contrário, se a arte esconde o homem. Nesta última hipótese tem-se a arte como alguma coisa de agêlico, feita de momentos de inspiração, de estados emocionais específicos, que transcendem todos os estados psicológicos da vida comum. Vai daí exatamente falar-se muitas vezes do contraste entre a vida e a obra de certos escritores, como se uma fosse independente da outra, ou se desentendessem reciprocamente.

Não se acerta por exemplo em concordar o acento divinamente lírico, a doçura de um tão místico sabor da poesia de Verlaine, da sua poesia infável da "Sagesse" com a desordem da sua vida exterior, a sua concupiscência e os seus excessos de boemia: da mesma maneira que não se identificam o sólido senso pedagógico, nem os pensamentos desinteressados e vivos que se encontram no "Emílio", de Rousseau, com o selvagem egoísmo do homem que manda para a roda todos os filhos; nem por outro lado se encontra uma fórmula honesta para conciliar em Bacon o cortejo e o filósofo.

No fundo, porém, tudo são pontos de vista: quando se diz, mesmo no sentido religioso, que se deve perder a sua vida para salvá-la, não é, está claro, que se vá esperar a metamorfose do homem em Deus, ou que a natureza humana vá perder os seus caracteres naturais; é dizer apenas que ela se deve concentrar naqueles dons que mais a identificam com os mistérios da eternidade. Na arte também. Não se compreenderia que nenhum artista possesse se idealizar a tal ponto no seu esforço criador, passar por um tal processo de decantação espiritual que nele se dissolvessem os outros elementos da sua personalidade. Este poder de absoluta despersonalização pela arte, e porque tanto se bateram os mestres do romance naturalista, Flaubert mais do que todos os outros, nunca ninguém viu em nenhum autor.

Seria fazer da arte um ato eterno da inteligência, um motivado fiat do espírito, ou um puro milagre da imaginação. Mas não: quanto mais o artista tenha a força de clarificar de si mesmo as tendências mais reais, dar expressão aos seus impulsos mais secretos, ou desenvolver em todas as formas possíveis de ação o seu potencial de instinto e de vontade, tanto melhor, e mais afirmativo na sua arte.

Se hoje os primeiros grandes mestres do romantismo não são mais assimilados pelo gosto das novas gerações—e quase ninguém mais lê Chateaubriand, Hugo, Gauthier—é porque foram artistas infelizes ao homem: traíram-se a si mesmos pela maneira por que comumente se traem os autores menos fortes—correteando femininamente o espírito da época.

O grande vício daqueles românticos foi idealizarem um sentimento, um desejo, uma tendência até esgotarem a sua substância viva; até caírem no reino da hipocrisia. Emfim pouco importa ao romance a natureza do assunto, a forma do enredo, a idéia que o conduz: o essencial é que o homem e o artista se encontrem na mesma vontade de expressão.

Nada enfraqueceu tanto a obra dos primeiros romancistas do século XIX como o seu particularismo de tendências, o seu egoísmo sentimental, e também a circunstância de falar à sua inspiração um plano subjacente de história que a enriquecesse de novos e mais humanos valores, criando daí o desinteresse de espírito que leva às descobertas mais imprevisíveis no plano da arte.

"Mais um homem é capaz de participar segundo a sua própria ressonância do fenômeno histórico e social mais rica é a sua vida". São palavras do próprio Dostoiévski, e palavras que ele ilustra de uma maneira admirável com o exemplo da sua obra.

No romance de Dostoiévski não feita a constante da alma russa que o penetra de todos os lados como um elemento vivificador.

Subordinar o artista toda a sua grande e fecunda inspiração a uma determinada realidade histórica é uma maneira de dilatar a consciência do seu eu, integrando-se mais facilmente às situações de um caráter universal.

E quanto às contradições em que tantas vezes parecem se confundir o caráter e o es-

pirito dos grandes escritores são para eles mais uma causa de excitação do que de erro; fazem-se mais de protestos do que de renúncias de vida. Não se contradizem senão por um maior amor ao real: para se adaptarem e não para se negarem.

Nem de outro modo autores como Dostoiévski se encontrariam jamais na sua obra: "Je ne connais pas, diz Gide, d'écrivain plus riche en contradictions et en inconsequences que Dostoiévski."

A verdade, porém, é que o critério para julgar dos homens de gênio não poderia nunca ser o da distinção lógica, mas o intuitivo: a força criadora dos gênios tem algo de irracional como a da natureza ela mesma.

Dostoiévski não dava a impressão de um, mas de vários Dostoiévski. Mesmo com os personagens dos seus romances. Raramente ele figurava um desses personagens com uma exis-

tência singular, única, mas sempre acompanhada de um duplo, de outro ego, que quanto mais o contradiz, mas o desenvolve e o completa.

Das suas contradições pessoais, pois, diríamos a mesma coisa que das contradições dos seus personagens: longe de significarem insuficiência de caráter, significam antes uma maior vitalidade do instinto, uma tensão de querer que se parte de vez em quando em várias direções.

Só uma contradição não vingou na vida de Dostoiévski, e esta mesma imposta mais pela disciplina da família—a carreira militar que no começo seguiu. Nenhuma carreira que cruzasse menos com os caminhos da sua vocação. Mas dá-se que a vocação é como um dom sagrado—uma espécie de graça com todas as fidelidades da raça. E uma necessidade e salvação, como a que acompanha os

eleitos, não deixa nunca às grandes vocações que elas percam o seu caminho.

O caso de Dostoiévski é um dos mais típicos dessa feliz predestinação. Filho de um médico cirurgião que não era menos impassível nem menos frio nos seus processos de educação doméstica do que nos da sua cirurgia, e que queria talhar à sua própria e insípida imagem o caráter de cada um dos filhos, viu-se o pequeno Dostoiévski logo cedo obrigado a compromissos morais que não haviam de torturá-lo menos do que os compromissos de dinheiro que o perseguiram em toda a idade adulta.

Menino e só, o único consolo de Dostoiévski, feito prisioneiro da casa paterna, eram as leituras: leituras de Shakespeare, Hugo, Scott, Dickens, Pouchkin, Joukovski, e de outros não menos românticos que haviam de excitá-lo até o delírio.

E o pior de tudo é que a carreira militar que o pai teve a bondade de escolher para ele não tinha nenhuma relação com Shakespeare nem com Joukovski; a de engenheiro militar. Talvez a mais em conflito com o seu temperamento.

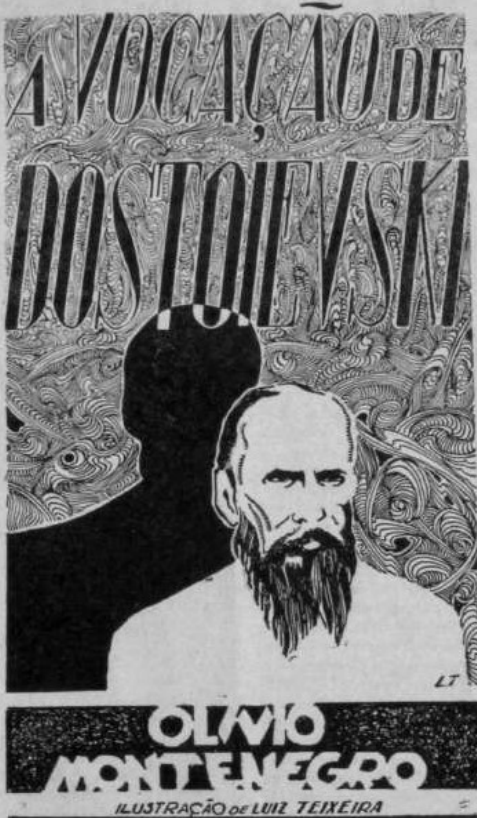
Disciplina, espírito geométrico, o culto do nacional pelo nacional são os predicados que mais aderem ao caráter da vida militar, ou que mais; exprimem a liberdade do espírito, gênio de aventura, o culto do universal são, pelo contrário, os predicados em que mais se exprime a vida de Dostoiévski.

A ordem que deve prevalecer para o soldado é consubstancial com o princípio da mais rígida autoridade; para Dostoiévski a ordem por excelência é consubstancial com o princípio da mais franca liberdade. Nada disto, porém, impede que ele chegue a oficial. Apenas a voz do oficial não consegue abafar a do escritor que se faz ouvir a esse tempo em traduções dos romances de Balzac. Na tradução de Eugénie Grandet, conta um dos seus biógrafos que acaba ele pondo mais de si mesmo do que do autor. Projetou também uma tradução das obras completas de Schiller.

Não traduziu Schiller, porém. Começou em verdade uma tradução, mas de um outro texto diferente, e muito mais intrincado. Dele próprio. Dal em diante Dostoiévski passa a verter em atos e em pensamentos do mais dramático vigor o seu texto psicológico: a interpretar com a resolução dos desesperados o seu próprio destino.

E o primeiro capítulo de tão extraordinária obra foi a sua demissão voluntária do posto de tenente-engenheiro, um gesto loucamente audacioso para quem, como ele, não contava então com nenhum outro meio de subsistência, e afogava-se em dívidas.

Mas esse gesto louco traduzia no fundo o irresistível bom senso da sua vocação. Era um realismo da sua inteligência e da sua vontade. "A vida, ele bem o confessava, é um péso morto quando se perde o melhor do seu tempo em ocupações que nos deixam estéréis".



★ TRES LIVROS

Valdemar de Oliveira

TRES livros me chegam às mãos, com letra de seus autores. Sabem eles que não sou crítico literário, tampouco esperam referência pública às suas obras. São, apenas, membros da família intelectual a que pertencem e é em nome dessa afinidade espiritual que me mandam seus trabalhos, misturando a isso alguma velha simpatia que se foi consolidando no tempo e na distância—na distância, embora, de algumas ruas e algumas casas, dentro da mesma cidade onde a gente vive separada como se um vasto mar se derramasse de permeio.

Três livros de poesia: "Sugestões de um poeta persa", de Araújo Filho, "Poemas da hora melhor", de Mateus de Lima, "Antologia de poetas pernambucanos", de Fernando Mota. Três livros diferentes, que se vai lendo, uma noite um, outra noite outro, devagar para saborear melhor, na conformidade do estado de espírito, que tem suas exigências de nómade de tantas paisagens.

Araújo Filho vem longe, comigo. Como tantos poetas, só se trai nos seus versos. Há um contraste profundo entre as gargalhadas de sua anedotas e a gravidade de suas imagens poéticas. Libertando-se das volúpias do parnasianismo em que deixou a mocidade extravasar-se, mergulha na tarde de sua vida com uma serenidade evangélica, tomado de santos desenganos. Muito antes de se deixar sugestio-

nar pelos doces acentos da poesia de Omar Khayyám, já Araújo Filho se sentia impregnado do lirismo compassivo e terço dos "Epigramas irônicos e sentimentais", de Ronald de Carvalho. E agora embêtu mais profundamente sua poesia das palavras e das imagens do Oriente, com um ar de asceta que aconselha, em sua imensa sabedoria, as almas ainda ludidas pelo mundo. Sua poesia é, por isso, murmurada e grave. É inútil procurar, nela alegria: só há serenidade e consolação. E, se alguma vez, ainda o Amor estremece na carne dos seus versos, o tom é místico e puro, e tão nobre, que muitos deles são inscrições que velhos filósofos poderiam gravar à porta de seus eremitérios. Incrições que a mocidade não poderá compreender.

Da poesia de Araújo Filho à de Mateus de Lima, passamos como da Vida pejada de dóres para um mundo irreal, em que o pensamento vagueia como uma nuvem sobre o infinito. Não é fácil, à sensibilidade que aprende a beleza de outras poesias apoiadas em imagens sensíveis, entender essa Poesia pura, que é como uma música de câmara para ouvidos afetados às realidades sonoras. Em Mateus de Lima, os versos estão diluídos num vasto espaço. É difícil captar-lhes as intenções, dividá-los em seus contornos perfeitos, na "fria neblina de escuro pego", onde parecem

mexer-se como, no fundo tranquilo das águas, palpitar as primeiras biomoléculas. Sua inspiração vê o mundo através de vidros embaçados. E não é raro que seus versos nos deem a impressão de longos e lentos braços de algas movendo-se na água profunda de um aquário. Realmente, a substância e a forma de sua vaga poesia vão além, muito além dessa amarga e negra esfera e ganham as estrêlas, na via látea ardente da mais pura fantasia. Para usar suas próprias palavras. Nem todos podemos acompanhá-lo pelas ermas ilhas por onde seus pensamentos deslizam. Mas, fechamos o seu livro sentindo, sempre, um pouco, as coisas manifestas que nos diz.

Influenciado por trabalhos congêneres de Manuel Bandeira, dá-nos, Fernando Mota, uma "Antologia de poetas pernambucanos". Prudentemente, sublinha o de, para forçar-se à malquerença dos poetas não contemplados, por qualquer motivo, no volume. Entre os motivos apontados, está a premência de tempo, que não parece justificável, mormente quando, por culpa disso, suas composições "tiveram de ser sacrificadas". Isso não obteve que alguns poetas comparecessem à "Antologia" com um grande número de trabalhos, alguns, sem dú-

O Intelectual e o Após-Guerra

RESPOSTA AO INQUÉRITO DE "NORDESTE" O PROF. ODILON NESTOR, CATEDRÁTICO DE DIREITO INTERNACIONAL DA FACULDADE DE DIREITO DO RECIFE.

INQUÉRITO DE "NORDESTE"

O INTELLECTUAL E O APÓS-GUERRA

- A) Qual deve ser a posição do intelectual numa nação democrática?
- B) Qual a sua concepção da Arte em face da Política?
- C) Quais as relações que devem existir entre o intelectual e o povo?
- D) Quais os mais prementes problemas que precisam de solução?
- E) Quais as principais correntes políticas do após-guerra?

NORDESTE inicia, neste número, uma série de entrevistas com os intelectuais sobre palpitantes problemas do após-guerra. Coube ao professor Odilon Nestor, catedrático de Direito Internacional da Faculdade de Direito do Recife, responder a este 1.º inquérito de NORDESTE que apresenta cinco quesitos que vêm publicados nesta página.

Não fizemos questão de perguntas e respostas. Pelo contrário, deixamos o escritor de "Aproximações", com plena liberdade de explanação. Os quesitos propostos são mais um roteiro do que propriamente perguntas. E não poderia ser de outra maneira em se tratando de problemas tão graves e tão complexos como os que o poeta de "O Barqueiro das Sombras" discerta com clarividência e brilho, dando aos leitores de NORDESTE uma síntese do seu pensamento e das suas idéias no panorama do mundo atual.

O professor Odilon Nestor é um dos grandes nomes da literatura brasileira.

Em 1906, no verbor dos anos, publicou o seu 1.º livro de versos: "Juvenília", que mereceu, naquela época, um artigo entusiasta do escritor Gilberto Amado. Em 1930 escreveu a história da Faculdade de Direito do Recife e em 1934 apareceu, em edição Ariel, o seu livro de ensaios de estética: "Aproximações".

Os seus dois últimos livros publicados: "Atenas, Roma e Jesus", ensaios, e "O Barqueiro das Sombras", poemas ilustrados por Luiz Jardim. Foi professor por muito tempo da Faculdade de Direito do Recife, viajou toda a Europa, a Ásia e a África, demorando-se nos centros mais importantes do Velho Mundo. Com as qualidades de seu espírito sempre vivo e moço e a experiência adquirida através de uma atividade sempre voltada para os problemas do destino da humanidade, o prof. Odilon Nestor esteve naturalmente indicado para iniciar o inquérito que ora NORDESTE propõe a todos intelectuais brasileiros.

RESPOSTA DO PROF. ODILON NESTOR:

"O panorama do mundo de hoje—intelectual, social, moral e político—é semelhante, mais ou menos, ao que se nos debruçou no fim do primeiro período da guerra mundial, cuja trégua se prolongou até ao ano de 1939. Os problemas são ainda os mesmos; iguais também as inquietações. Mas uma diferença fundamental existe e é que nós vamos agora entrar numa nova era: a era da força atômica. Difícil, na confusão deste momento, discernir o que acaba e o que começa, o que vive e o que morre, o que passa e o que fica, o que se deve temer e o que é razoável esperar.

Neste desordenado caos, onde encontrar alguma coisa de claro, de distinto e de fixo que nos dê uma idéia ou um semblante do futuro quando tudo parece, aliás, presagiar-nos mudanças profundas?—E, eu creio, o assunto que se propõe à nossa reflexão, e que está subentendido nas duas últimas questões que me são apresentadas.

A sobriedade e o desinteresse dos observadores aí convêm mais que um acesso de febre oracular. Profecia nenhuma. Também nenhuma síntese, a síntese não sendo às vezes senão uma profecia tímida, latente e sem fulgor, mas não sem temeridade e sem risco: não será de tal maneira fácil descobrir o presente.

Precisando o sentido geral das perguntas, seria já alguma vantagem ter visto todas as dificuldades que elas suscitam. Não pensemos em esclarecer o mistério de amanhã, e, sobretudo, convém não tomar nossas lembranças por previsões, nossas preferências por descobertas, nossos pezares por catástrofes, e não crer facilmente ou que o mundo vai aonde nós queríamos ir, ou que tudo está perdido se ele entra em caminhos que não são os nossos.

Quanto as três primeiras questões, elas se acham de tal modo entrelaçadas e unidas tão naturalmente, que é impossível separar qualquer delas da ordem da política.

Nós bem sabemos que é o próprio do escritor e do artista impôr, quaisquer que sejam as circunstâncias, sua lei e sua fé, seus modos de pensar e de sentir. Ninguém já hoje mais crê que sejam os povos, por uma espécie de inspiração difusa, que tenham conduzido o império do espírito e composto mesmo os mais belos poemas da humanidade. O gênio, aliás, se sai sempre bem através to-

das as dificuldades; acha o seu caminho e o seu destino até no infortúnio dos tempos e nos motins da cidade. Parece, mesmo que a imaginação dos criadores tenha mais de uma vez obtido das revoluções e das guerras, uma excitação surpreendente. Verdade é ainda que um certo estado de civilização convém à produção regular das obras do espírito. Talvez estaríamos ao alcance de saber onde se vai, se pudéssemos distinguir no urdimento amaranhado da vida contemporânea, de uma parte o que tende a conservar,



Prof. Odilon Nestor

e, doutra parte, o que tende a romper esse estado em que temos costume de reconhecer os caracteres da civilização.

Todo Estado, dizia o cardinal de Retz, tem o seu mistério, isto é, um conjunto de regras e de princípios que o uso e o hábito justificam e mantêm, mesmo antes que a razão, e sobre os quais os governantes e os governados nunca se entendem melhor que no silêncio.

Numa nação democrática, o número decide soberanamente

da marcha geral dos negócios, mas, praticamente, aí se aceita o conselho e a direção espiritual da elite. Hoje, a questão está em saber se a elite não se deixará absorver ou anular pela massa, se uma sorte de direito divino do número não sucederá ao compromisso tácito e tradicional que acaba de definir. Eis aí o drama, latente em nossa sociedade atual, e cuja peripécia aguda nos impede de perceber a confusão do espetáculo e os incidentes do cenário.

Uma elite fundada unicamente sobre o mérito e sobre a inteligência, uma elite recebendo continuamente das profundezas do povo um influxo de vida ou germes de renovação: é o que supõe de toda necessidade o governo do povo pelo povo. Mas que sucederá se os mais inteligentes e os mais cultivados põem seu orgulho em seguir a massa cantando hinos? Se são os lisonjeiros de suas paixões e os apologetas de seus desacertos, em vez de a instruir e de guiá-la?

As altas direções do país perentencero elas, em alguns anos, aos que se tenham mostrado os mais dignos ao mesmo tempo que os mais capazes pelo espírito e pela técnica? Ou elas serão abandonadas a multidões sem guias, ébrias de uma mística rudimentar e impacientes de toda superioridade?

O futuro das coisas do espírito, que faz principalmente o objeto destas cinco questões, aparece como fatalmente ligado a todo esse futuro das relações da massa e da elite. Segundo o que ele for, nós iremos a destinos diferentes. Perguntar onde se vai, e, sobretudo, reconhecer as vias divergentes que se misturam aos laços do destino e da História. E esta alta filosofia na cruzilhada dos caminhos nos seria de grande proveito, se pudéssemos aí pensar com força nos perigos

de certas estradas, saber nós mesmos aonde queríamos ir.

Não desejaríamos ir ao país monótono e sombrio dum falsa igualdade, o país quimérico. A idéia de igualdade está profundamente incorporada a nós e aos nossos costumes. Nisto que ela quer que o direito do mais fraco seja sagrado e assegurado tanto quanto o direito do mais poderoso, e que o mais pobre possa pretender, se é disso capaz, os cargos e as dignidades as mais altas, temo-la por um dado definitivo e inabalável de nossa consciência. No entanto, como outras idéias também assim justas, esta pode sofrer estranhos desvios.

Há uma perversão do espírito que faz que alguns tentariam de bom grado aplicar à natureza mesma esta igualdade, que os nossos avós tinham concebido e estabelecido na região do Direito. Lutam eles por organizar a sociedade sem ter em consideração as desigualdades que a natureza pôs entre os homens. Aí é admitido, contra toda razão e contra toda experiência, que um homem vale sempre um outro. A elite, não será praticamente tolerada, que se trate da cultura do espírito ou de outra qualquer coisa, senão com a condição que queira regular o seu passo conforme o interesse, os prejuízos e as comodidades da massa.

"Igualdade no méio saber, eis aí para a ordem intelectual; igualdade na miséria, eis aí para a ordem econômica, esperando o excesso supremo; que seria destruir o que se não pode ter."

Tal era o quadro que um escritor, no intervalo das duas grandes guerras, havia ainda traçado. Quadro, ou síntese, ou vaticínio; é a mesma coisa, torno aqui a dizer. Vãs palavras que se perdem na sucessão das eras levando os homens e as nações ninguém sabe aonde.

DEVE-SE SALIENTAR, com muita propriedade, que o traço mais característico, ou o mais individual, da obra de Eça de Queiroz, foi sempre a sua inconformidade com o seu meio e o seu tempo. Inconformidade que aguçou o sarcasmo, facetando em asperezas, às vezes injustas, o rigor de sua observação. Deste choque profundo e permanente do seu temperamento com a sociedade que o cercava e os hábitos que a circunscraviam, nasceu quase espontânea aquela ironia amarga que sacudiu a velha e decadente sociedade portuguesa, como se fossem abalos cismáticos imprevisíveis e devastadores. Daí—dessa contínua incompreensão—os seus admiráveis romances, cujas personagens são figuras que viveram, conversaram, intrigaram, rezaram e pecaram na velha Lisboa do tempo do artista, anquilosada pela vaidade de suas tradições e embalsamada na molizsa sentimental dos fados coimbrãos da Lapa dos Esteios...

Foi contra esta tendência normativa do passado; foi contra a velha rotina de hábitos obsoletos que impunham regras quase invariáveis à sociedade portuguesa—que se não renovava ao calor do fecundo progresso que a rodeava—que o grande temperamento do artista iniciou esta luta constante e sem trégua. Luta que desceu até o subsolo crestado e duro das convenções, dos erros que campeavam com a força de lei e aubiu até a alma do velho Portugal com a poderosa unção de salmos cheios de fé no futuro da raça nobre e boa que tanto dera de si à humanidade e ao homem.

Assim na filosofia e na política, como na arte, no romance e na crítica, o inovador se mantém refratário ao princípio da tradição; pois a tradição significa continuidade de desenvolvimento, veículo constante entre momentos sucessivos e pelo qual presente e futuro

EÇA DE QUEIROZ

BARROS LIMA



brotam do passado. Mas, para esses espíritos singulares, que possuem o privilégio de fecundar as novas gerações e enriquecer o património do homem, o passado não é a lei que une a realidade presente às tradições que se gravam, em uma unidade invariável que chega, quando excessiva, a mumificar a sociedade e o homem. E por isto, essa luta do inovador, na vida agitada e nervosa do grande fuxador de caracteres, se projeta, como raios vivificadores de luz em todos os cantos onde viva, trabalhe e sofra o homem português. E

é com o arado da mais poderosa lógica e do mais fino e aguçado sarcasmo que ele revolvia as estratificações seculares da rotina que a tudo imobilizava: arte e idioma, costumes e políticas, teatro e história. Não deixava ridículo sem anotação; velharia sem sarcasmo; erro sem castigo; vício sem apontamento e falta de caráter sem a sua correspondente caricatura. Não se imobilizava a olhar, pela janela de sua casa do Rocio, "a miserável gente amarela e morna que vai para o emprego público ou vem da casa de penhores". Naquele olho aberto para a rua agitada ele retinha os gestos agnizantes de uma sociedade amolecida de erros e vícios sem par. Observa e estuda, com a paciência de um sábio num laboratório, todos os episódios da vida portuguesa e, durante o dia, não raro era de vê-lo pela Havanese, exibindo vivas cheviolas para quebrar o tédio sorna que o invadia e noites velhas pelas restaurantes do Silva ou do Augusto e pelos cafés do Martinho, da Montanha e do Marvare, a sentir os movimentos tristes e bisonhos desta sociedade que ele tanto amou na vida.

Mas, no observador cuidadoso e infatigável existia o artista inconfundível que, para a plena expansão de seu gênio, para o colorido vivo e nobre de suas paisagens, para a exata pintura de seus personagens tão reais e humanos, necessitava de uma língua harmoniosa e plástica, fluida e transparente, lívre e nova. Ete foi bem, na sua arte e na sua vida, o exem-

plo evidente do binómio: escritores que, possuindo o sentido claro da língua que usam, não chegam a possuir nem personalidade nem estilo próprio, e escritores que, tendo personalidade e estilo, não têm o sentido do idioma. No primeiro caso, predomina o espírito da língua, submetendo o artista a uma servidão passiva às suas regras e aos seus cânones, como Herculano, Garrett e Camilo. E no outro, predomina o espírito do escritor que se coloca acima do idioma, domina-o, forma-o à sua semelhança e às necessidades de sua arte e de sua técnica. Eça possuía esse espírito e a língua portuguesa, sob os mandamentos de seu gênio, se renovou e se tornou mais plástica. Algumas vezes se deixa arrastar pela ampla e poderosa corrente da língua portuguesa, mas quase sempre reage e vence as formas tradicionais, inovando, inventando, criando, como um Deus rebelde, novos modos mais expressivos e mais claros ao entendimento. Daí a expressão forte de seu estilo; a nota imprevista de sua observação; a pureza de sua ironia inesperada e a natural movimentação de enredo de seus romances. Daí toda a realidade dos caracteres que descreve e todo o vigor dos pormenores que anota.

Ela o artista que, sendo das reuniões demoldoras do Conselho para as conferências agitadas do Casino—que tantos aurores frios deu ao libéi José da Vila—derramou acutiladas tremendas nos crânios ocios de sua geração, "nos espartilhos suados, na Carta Constitucional, nas niasas do rei, na quebra de um banco", nos costumes preguiçosos, na falta de iniciativa do Poder Público, em tudo que em Portugal fosse velharia e falta de gozo.

E que, pela sua alta e nobre estirpe de artista e homem, tanto se fez amar aqui no Brasil.

EM seu pouco mais de meio século de existência, o Brasil republicano elaborou três constituições. A primeira durou quase quatro décadas, a segunda não chegou a durar quatro anos e da terceira só vigorou efetivamente o dispositivo que autorizava a não execução de todas as demais. Como quer que seja, cada uma dessas leis fundamentais resultou de uma técnica e incarnou um espírito, mesmo quando não chegasse a incarnar um sistema. E para as experiências que elas representam devemos voltar atentamente os olhos quando se vai iniciar no país uma quarta jornada constitucional.

Das duas chamadas carinas-magnas, a de 1891 e a de 1934, compuseram-se mediante debates públicos, trabalhos coletivos, discussões livres em assembleias eleitas, ao passo que a outra, a de 1937, veio feita do silêncio e do mistério, encomendada que fôra, discretamente a um cérebro único. Al estão, em linhas gerais, as suas técnicas. E isso explica que a constituição de 1937, ainda que muito menos sã, seja muito mais estruturada e coerente do que a de 1934, esta sendo, às vezes, quase tumultuária. A lei de 1891 apresenta a esse respeito, desde logo, a sua superioridade quanto às outras: recebeu a massa da inteligência de um homem—e era um homem de excepcional competência política, inexcusada até hoje entre nós, Rui Barbosa,—mas teve também a colaboração de inúmeros outros obreiros.

Em si mesma, a Constituinte posterior às revoluções de 1930 e 1932, não seria muito diferente daquela que o sr. Oliveira Vianna descreve assim—a que fundou a República: "os expoentes do ideal republicano, na Constituinte ou fora dela, não pareciam muito senhores da sua idéia motriz; a impressão que nos dão, é que não sabiam bem o que queriam, nem bem o que era preciso fazer. Bons rapazes que se haviam adestrado em atirar pedras no governo, colhidos de surpresa para a grave missão de constituintes, tiveram que improvisar às pressas um programa de construção. Preocupados, desde 70, em fazer oposição ao poder (como se costuma fazer oposição entre nós), eles realmente não haviam pensado nisto até 14 de novembro de 89 e quando, a 16 do mesmo mês e ano, foram forçados a pensar nisto, sentiram-se visivelmente embaraçados".

Escrevendo isso em 1927, o sr. Oliveira Vianna deixou de levar em conta aquilo que Pedro II, depois dos seus vaticínios pessimistas no advento do novo regime, soube reconhecer sem delongas, com lisura de ânimo e clareza de vista: "a mentalidade de Rui Barbosa".

Rui sabia o que fazer e tinha a capacidade requerida para realizá-lo. A autoridade pessoal que dal lhe adveio, orientou a feitura da Constituição, tanto nos dias em que ela se discutiu no seio do governo provisório quanto naqueles outros em que a assembleia presidida por Prudente de Moraes a estudou e redigiu. Dêsse modo, ela não foi um produto mal feito e disforme; pôde, pelo contrário, manifestar um pensamento político íntegro, compreensível, orgânico.

Debalde procuraríamos, em 1834 ou 1937, quem tivesse a força e a projeção de Rui Barbosa. E não terá sido amente um homem da mesma envergadura o que nos faltou então e, sim, também, ao que parece, uma consciência positiva das responsabilidades do momento e da magnitude da tarefa. Semelhante ausência é, aliás, mais sensível em 1934 do que em 1937, pois no primeiro desses dois anos desejava-se realmente fazer uma constituição enquanto que no outro se procurava apenas reforçar o poder executivo sem escolha de processos.

São, como se vê, três técnicas diferentes: a de uma assembleia dirigida por um pensamento individual à altura do encargo, a de uma assembleia sem tal direção e a de uma direção—posto que secundária—sem assembleia e sem pensamento.

Queira Deus que não vamos repetir agora a segunda eventualidade, agravada com o sentimento destes últimos anos, com a mágoa da liberdade violentada e da justiça escandalizada aqui e no resto do mundo pelo espetáculo das insolências absolutistas. De um lado, as reivindicações que se irritam e extremam, do outro, as reações que se tornam intratáveis e ferozes—eis as duas estradas mais à vista. Quem será, na multidão desses candidatos que vimos, tão numerosos quanto pálidos, inexperientes uns, rotineiros outros, ambiciosos e pessoalistas uns e outros, formando a massa que um fermento de cultura e dedicação também às pressas deve levantar,—quem será que se revele o orientador, o mestre, o guia? E se ôe não aparecer, para onde nos conduzirá o entrechoque das pequeninas coisas desordenadas que tantas mentalidades esfervilhantes, com um ardor inversamente proporcional ao preparo, irão transformar em código político? Que espírito governará esse fórum?

O que governou a primeira constituição republicana era claro: construiu a federação e o presidencialismo, estabeleceu o prestígio do ju-

diário e da justiça. Tanto em matéria de distribuição de rendas e serviços, quanto na definição das prerrogativas dos Estados-membros ou da União, tinha o desejo nítido de atender aos moldes teóricos do federalismo que adotara. Expressiva, portanto, uma concepção sistemática de nossos problemas políticos e, por isso mesmo, tinha as virtudes de unidade e os defeitos de uniformidade de todo sistema. No entanto, ainda aí, a ação extraordinária de Rui Barbosa fez-se sentir: com a clarividência de sempre, ôe soube distinguir, na lei que traçara, o essencial e o acessório, soube ver o que, no essencial, devia ser ajustado da teoria científica às condições racionais e o que, no acessório, devia ser ora confirmado ora repellido.

Nas conferências do civilismo, aí por 1909, o grande homem, prevenindo o atropelo inovador das nossas câmaras, discriminou certos pontos constitucionais que não deviam ser alterados e certos outros que urgiam serem-n'o. O federalismo que ainda se impunha em face das condições geográficas do país, o presidencialismo, tão mais de acordo com a nossa índole e que evitava o erro de dar a um deputado ou senador eleito por um só Estado a chefia do governo que devia caber a um ajeito da nação inteira, eram, para dar um exemplo, pontos a ser mantidos. Mas, para evitar os inconvenientes da autonomia excessiva dos Estados, a reforma proposta sugeria a unidade do direito processual e da magistratura, do mesmo modo que a declaração explícita dos artigos da constituição federal a serem respeitados pelas constituições estaduais, sob sanção. Alguns desses e dos outros princípios então defendidos foram objetivados tanto na rescisão do período governamental do sr. Artur Bernardes como depois, comprovando-se as suas justificativas.

Anos depois, novamente candidato à presidência da República, Rui Barbosa alargou esse programa, tendo em consideração principalmente dois fatos: a cooperação internacional esbo-

çada em largas perspectivas à saída da Grande Guerra e a questão social que a industrialização de nossa economia trouxera até nós.

Tudo isto vai lembrado aqui para mostrar como a crítica das instituições era feita com equilíbrio e competência e como nem o capricho de reformas apressadas e subversivas nem o conservadorismo ferrenho e taçanho dominava o campo de nosso pensamento político.

A assembleia de 1934 não se influenciou muito por essas lições. Ela temeu e recusou com patriotismo e razão certas mudanças radicais que lhe foram propostas mas, talvez, por falta de um maior preparo de direito público e de um melhor senso político, multiplicou, no texto da constituição que fez, artigos desconexos. Em dois sentidos, melhorou consideravelmente o passado: interferindo, como não podia deixar de fazer, no terreno econômico, para regular, principalmente, as relações entre os produtores, e conceituando com mais justiça a liberdade religiosa que antes se entendera num sentido anti-liberal e agnóstico. Mas, a preocupação social pouco esclarecida levou a erros como o da famosa representação classista que nada era em si mesma e acabou sendo apenas um instrumento eleitoral de péssimo emprego.

Na constituição de 1937, a desorganização de nosso sistema político foi levado para diante de maneira mais segura e profunda: não se soube mais, por exemplo, onde ficavam os princípios de federação. É verdade que, nas circunstâncias atuais do mundo, nenhuma nação extensa—e ainda mais: uma nação extensa e nova—pode dispensar certa centralização ou unificação dos serviços públicos, mas entre nós, em 1937, isso se intentou sem um critério de qualquer espécie, mesmo levando-se em conta apenas o teor de lei e não o que se fez na prática, à sombra do estado de emergência e por meio dos Interventores.

O poder legislativo foi objeto, nesse novo código, de uma organização que o diminuiu e

desligava, bastando recordar que para a iniciativa de qualquer projeto de lei se requeria um terço da câmara. Ora, é inegável que há males no legislativo—e são sérios males. E quase tão evidente quanto a espontaneidade popular dos movimentos de liberdade e democracia que estão apagando no mundo as idéias reacionárias e fascistas, o reconhecimento da necessidade de uma disciplina para os comícios de legisladores. O que se fazia entre nós na elaboração dos orçamentos, prolongando-se as sessões enquanto as propostas dormiam, só à última hora se discutindo o que devia ser preponderante e nessa balbúrdia final só se estando alerta para interjeções particularistas nem sempre elevadas, é um símbolo. Com a nossa educação política reconhecidamente precária, ainda mais se impõe uma reforma nas atividades dessas assembleias onde pelo número e pelas prerrogativas as responsabilidades pessoais se desvanecem e diluem. Mas, a Constituição de 1937 não pensou em melhorar e elevar o legislativo: quis imobilizá-lo e anulá-lo em proveito do outro poder que tentava libertar-se também das fiscalizações do judiciário.

Assim, três espíritos diferentes se observam nas três constituições que nos regeram até agora, sob a República.

A primeira delas conseguiu para a nossa realidade uma configuração política que resistiu a todas as críticas pois não se revelou incompatível com o nosso desenvolvimento material e moral e de tal modo se identificou conosco que as suas diretrizes ainda não puderam ser substituídas nas aspirações e nas convicções do nosso povo. Seu idealizador foi também seu crítico e nas suas idéias devemos ainda hoje inspirar-nos, nem convém esquecer que elas abriram o caminho para o que de bom se vem fazendo depois—o alargamento dos conceitos relativos à economia social e à liberdade religiosa em 1934 e a revolução de uma tendência de regulamentação do legislativo e de ampliação dos serviços federais, em 1937.

Se os desacertos e os inóculos que a realidade—como toda realidade, por sua própria natureza,—nos ofereceu, levarem a próxima constituinte para uma tentativa de remodelações substanciais, estamos mal, pois nem há correntes de pensamento nem há grandes figuras entre nós, presentemente, para guiar e canalizar semelhante esforço. O que salvará de tamanho perigo será a honesta humildade com que os legisladores mantenham o arcabouço que o passado nos legou e que permanece bastante forte para sustentar as inovações reclamadas pelos novos tempos e pelas novas almas.



VIANA MOOG NO RECIFE

O escritor rio-grandense Viana Moog, a convite do Departamento de Documentação e Cultura, da municipalidade do Recife, realizou, no dia 15 do corrente, a sua esperada conferência subordinada ao tema "Variações em torno de Eça de Queiroz".

A conferência do autor de "Eça de Queiroz e o século XIX", foi muito bem recebida pelos intelectuais e pelo público que ocorreram ao salão do Gabinete Português de Leitura, numa homenagem ao 1.º centenário do nascimento do grande romancista português.

Antes da conferência foram entregues os prêmios aos autores das monografias classificadas em 1.º, 2.º, 3.º e 4.º lugares e os prêmios do concurso de desenhos de tipos da galeria de personagens dos romances queirozianos. A comissão de julgamento das monografias, compostas pelos srs. Otávio de Freitas Júnior, Sílvio Rabelo, Olívio Montenegro e Aderbal Jurema, classificou, entre as monografias apresentadas, os seguintes autores: 1.º lugar, Maurílio Bruno; 2.º, Tomaz Seixas; 3.º, Fernando de Oliveira Mota e 4.º, Paulo Cavalcanti. Os 3 primeiros lugares do concurso de desenho ou pinturas foram conquistados, pela sra. Matos Siqueira.

Durante a sua permanência entre nós, o escritor Viana Moog recebeu várias homenagens da cidade do Recife e percorreu os principais recantos históricos de Pernambuco.

No almôço regional oferecido ao sr. Viana Moog pelo diretório do Departamento de Documentação e Cultura, o poeta Ascenso Ferreira recitou os seus últimos poemas. Em seguida o escritor rio-grandense visitou os "estúdios" do pintor Lula Cardoso Aires, acompanhado dos representantes dos jornais e de um redator de NORDESTE.

No próximo número o escritor Viana Moog responderá ao nosso inquérito sobre "O Intelectual e o pós-guerra".

NOTA DA REDAÇÃO

—Por um lapso de paginação não saiu neste número a colaboração do prof. Abgar Soriano que será publicada no próximo número de janeiro.

É DE LAMBER OS BEIÇOS!

Para a hora do recreio,
Eis um menu da "pontinha":
O pão dividido ao meio
E um recheio de sardinha...
Que merenda saborosa!
Que festa pr'o paladar!
Nutritiva, apetitosa,
Dá forças para estudar.

"Sardinhas Neptune" são o alimento ideal para as crianças em idade escolar.

Conservadas em óleo de amêndoa puríssimo ou em extrato de tomate.

Sardinhas
NEPTUNO

Distribuidores: M. BARROS & CIA.
Rua da Moeda, 179 - Recife

Rogativas e promessas —
 Precissão de Penitência —
 Métodos de tratamento —
 Rivalidades entre alopatas
 e homeopatas — Doentes
 de classe... — Desorganiza-
 ção na vida da cidade —
 Esperteza comercial — Sú-
 plicas e ameaças — Cemi-
 tério de Santo Amaro.

Toda vez que se fala na in-
 vasão da febre amarela em
 Pernambuco vem à baila o ca-
 so do infeliz marinheiro Mário
 Icard e, então, como nos livros
 de velhas crônicas, lá está o
 período clássico da história.

"Foi o marinheiro Mário
 Icard, vindo da Baía já
 doente, a bordo do brigue
 ALCYON, que se encarregou
 de nos trazer o terrível
 flagelo. Dêse amarelento
 recém-chegado originou-se
 a mortifera epidemia que se
 generalizou por toda a Cida-
 de e seus recôncavos..."

A crônica, porém, da febre
 amarela reveste-se de aspectos
 singularmente pitorescos. Para
 surpreendê-los vamos abrir os
 jornais de 1850. E a coisa mais
 curiosa a ressaltar à vista do
 pesquisador atento é a de que
 o povo, fustigado pela peste,
 que aumentava na medida das
 providências do CONSELHO
 GERAL DE SALUBRIDADE
 PÚBLICA — quarentenas, expur-
 gamentos, recolhimento de doentes
 no hospital provisório da
 Ilha do Nogueira... — perdeu
 a fé na medicina oficial e vol-
 tou olhos súplices e místicos
 para Deus, justificadamente a-
 borrecido pelos erros execranda-
 dos dos habitantes desta Pro-
 vincia pecadora.

Possivelmente, em tempo al-
 gum, deram os pernambucanos
 mais altas e repetidas provas
 de arrependimento e de humil-
 dade, diante da cólera divina,
 abatida sobre eles de modo im-
 piedoso e tenaz.

Viu, por isto, a Provincia
 destilar pelas ruas desgraçadas
 de sua Capital um sem número
 de procissões de penitência
 que, pelas noites ermas, à luz
 fantasmagórica das tochas e ao
 som plangente dos cânticos re-
 ligiosos, imploravam ao Cria-
 dor zangado misericórdia para
 os nossos males.

O primeiro brado de reunir
 foi dado por este aviso, inser-
 to nos jornais de princípios de
 janeiro de 1850:

"Sempre que os habitantes
 desta Capital receiam que
 cólera divina, provocada
 pelas reiteradas e graves
 culpas da mão parte delles,
 se prepara para ferir-os
 mortalmente, hão recorrido
 com successo ao patrocinato
 do milagroso San Sebastião,
 fielmente representado
 pela respectiva
 imagem erecta na Matriz
 do Santissimo Sacramento
 da Boa Vista. Firmados na
 experiencia de longos annos
 a mesa regedóra da
 Irmandade da mesma Matriz
 teve a feliz ideia de
 fazer trasladar a referida
 imagem no dia 20 do corrente
 para a Igreja de S. Gonçalo
 e tencionava reconduzi-la
 para o seu nicho
 habitual a 4 de fevereiro
 proximo futuro, com a so-
 lenidade devida a tão im-
 portante intercessor dos
 peccadores. Rogo, pois,
 que durante a estadia da mes-
 ma imagem em o segun-
 do dos mencionados tem-
 plos, todos os fieis christãos
 lhe vão endereçar fervorosas
 supplicas pela des-
 saparição dos males que
 nos affligem, bem como
 aos demais habitantes des-
 te Imperio; e que no di-

CURIOSOS ASPECTOS DE UMA EPIDEMIA DE FEBRE AMARELA EM PERNAMBUCO, EM 1850

Leduar de Assis Rocha

aprazado para a sua vol-
 ta e vão acompanhar em
 testemunho de gratidão
 pelos beneficios que elle
 necessariamente lhe ha de
 outorgar..."

Entretanto, a cólera divina
 não foi abrandada com estas
 súplicas iniciais do povão em
 culpa, pois que outro aviso da
 mesma irmandade notifica o
 adiamento do regresso do san-
 to para o seu nicho habitual
 na Matriz da Boa-Vista:

"Persuadida de que a
 cólera divina ficasse abrandada
 até 4 do corrente com as
 preces que, por inter-
 medio do milagroso San
 Sebastião o povo desta Ca-

bons christãos, continuam
 fervorosos nas rogativas e
 pedidos no nunca assaz
 louvado San Sebastião, não
 deixando uma noite sequer
 de implorar o seu valioso
 patrocinio e intercessão..."

E embora o Governo no-
 measse médicos para o socorro
 gratuito das populações po-
 bres flageladas: dr. Francisco
 Antônio Vital de Oliveira para
 Santo Antônio; dr. Inácio Nery
 da Fonseca, para S. José; dr.
 Francisco Gonçalves de Moraes,
 para o Recife; dr. Pedro Dor-
 nelas Pessoa, para a Boa-Vista;
 embora designasse boticas para
 o fornecimento, também
 gratuito do Conselho de Salu-
 bridade, dr. Joaquim de Aquino

do-se sem reservas; embora
 tudo isso, a epidemia continua-
 va a roer as entranhas do
 povo

E assim sendo, nada havia
 como continuar apelando para
 a clemência do Céu. Ergueram-
 se rogativas, então, ao glorio-
 so São Roque:

"A ordem terceira de S.
 Francisco attendido ás fe-
 bres reinantes que tem as-
 solado esta cidade, expõe à
 piedade dos fieis a milagro-
 sa imagem do glorioso S.
 Roque na sua Igreja, hoje,
 das 6 ás 8 horas de noite,
 por espaço de 8 dias..."

E S. Roque, advogado da
 peste, saiu em procissão de

todos os desvarios e conscia
 de que o remédio só
 nos pode vir daquelles que
 nos fêre, e nunca dos es-
 forços dos homens: certa
 de que he a mãe de Deos,
 cujas entranhas puras são
 todas de misericórdia, a
 mais efficaz e poderosa
 medianeira ante o throno
 de seo Divino Filho, tem
 resolvido expôr no Cruzei-
 ro da Igreja a Santissima
 Imagem de sua exceisa Pa-
 droeira, afim de que os
 fieis de todas as idades e
 ambos os sexos ahi venham
 implorar todas as noites o
 seu patrocinio para que ella
 nos alcance de Deos, que
 tanto a honra, o termo
 deste cruel flagello da pes-

te. A exposição principiará
 do dia de hoje em dian-
 te..."

E a febre devastando sem ces-
 sar. Até o Presidente da Pro-
 vincia fora atacado. Até o Bis-
 po Diocesano entrara para o
 rol dos amarelentos. Ninguém
 escapara. Tudo era inútil. Os
 prosélitos da homeopatia, que
 eram muitos na Cidade, capa-
 llaram quantos consultórios pu-
 deram pelos bairros do Recife,
 fazendo uma desabalada con-
 corrência à medicina alopatia
 e, mais do que isto, uma de-
 sarvorada campanha de descré-
 dito contra a terapêutica ofi-
 cial. Na rua do Trapiche n.
 20 funcionava o consultório HO-
 MEOPATIA PURA, dirigida
 por um dr. Casanova; também
 na rua do Trapiche foram es-
 tabelecidos o CONSULTÓRIO
 HOMEOPATICO DO HOTEL
 FRANCISCO e o CONSULTÓRIO
 CENTRAL HOMEOPATI-
 CO do sobrado n. 15; abriu-se,
 igualmente, o CONSULTÓRIO
 HOMEOPATICO da rua da Ca-
 deia n. 22 e, como que lideran-
 do todo o movimento anti-alo-
 patico, o CONSULTÓRIO HO-
 MEOPATICO fundado e dirigi-
 do pelo dr. Sabino Pinho, de
 parceria com um dr. J. A. Luz
 e um dr. C. Childeo.

A imprensa publicava, cotidi-
 namente, artigos de propa-
 ganda, discussões entre pro-
 fissionais, atestados de doentes
 curados com as tinturas prodigi-
 osas dos sacerdotes de Hane-
 mann. Uma que outra vez apa-
 recia uma voz isolada, defen-
 dendo, publicamente, a medicina
 alopatia. Entre ellas está o do
 Padre Lopes Gama que um dia
 veio pelo jornal do velho Fi-
 gueirões declarando que "toda
 a minha numerosa familia e eu
 fomos curados, Deus louvado,
 com os remédios do tempo do
 Rei Velho, com a prosaica alo-
 pathia. Quem quiser que re-
 corra à poesia da romantica
 homeopathia..."

A motestia do bispo provo-
 cou uma turba cresta entre alo-
 patas e homeopatas: Sabino Pi-
 nho afirmava que o santo doente
 fora curado com as tinturas
 dinamizadas de sua botica
 homeopática... José Joaquim
 de Moraes Sarmento, médico
 official do prelado, sustentava o
 contrário: — as suas bebera-
 gens alentadas; os seus vomitô-
 rios e os seus clisteres — êstes
 sim!... — salvaram o bispo...

O assunto tomou tamanha
 voga que, certa manhã, pelo
 DIARIO, appareceu um corres-
 pondente — o JUSTUS — com
 esta rogativa maliciosa:

"Pede-se ao sr. Francis-
 co de Paula que se digne
 contar a historia da mo-
 testia do Excmo. Sr. bis-
 po do Maranhão com a
 mesma franqueza com que
 a do Excmo. Sr. bispo des-
 ta diocese..."

Mas, enquanto os sábios dis-
 cutiam, o povo martelava nas
 rogativas a Deus. A 27 de mar-
 ço a Irmandade da Senhora
 da Conceição da Matriz da Boa
 Vista realizou, mesma noite em
 ponto, a sua procissão de peni-
 tência, com aquellas lígubres
 pessoas envoltas no "saco da
 penitência". Depois veiu a da
 mesa regedora da Irmandade do
 Senhor Bom Jesus dos Marti-
 rios e, até em Olinda, o Con-
 vento dos Franciscanos fez o
 seu desfile, com a Cruz do Se-
 nhor, a imagem de S. Roque,
 a imagem do Crucificado, a
 imagem de N. S. da Soledade,
 percorrendo, depois das 10 ho-
 ras, as ruas da Hora, do An-
 paro, Quatro Cantos, S. Pedro,
 S. Bento, com os respectivos
 penitentes carregando grossas
 correntes e pesados madeiros...

Aproveitando-se do estado
 psicologico do povo, os conser-
 vantes astutos procuravam fa-
 zer da desgraça coletiva um

(CONTINUA NA 16ª PAGINA)



VENDA EM PERNAMBUCO — Desenho de Rugendas

pital ia dirigir ao Todo
 Poderoso na Igreja de S.
 Gonçalo, a mesa regedóra
 da Irmandade da Matriz do
 Santissimo Sacramento da
 Boa Vista tinha resolvido
 effectuar nesse dia a pro-
 cissão do mesmo milagro-
 so santo de volta para a
 referida matriz, mas ten-
 do dolorosamente reconhe-
 cido que os males que es-
 perava fossem removidos
 com aquellas preces ainda
 continuava a affligir o po-
 vo pernambucano na mes-
 ma, si não maior escala,
 tem acordado em não le-
 var a effeito a indicada
 procissão sem que tais ma-
 les desapareçam inteira-
 mente ou ao menos minguem
 consideravelmente. Entretanto,
 para que isto se verifique
 cumpre que os

Fonseca, que "não convindo
 os soldados occupados com o
 serviço do hospital provisório
 da Ilha do Nogueira fossem
 distraídos com o enterramento
 daqueles que succumbissem
 fora da Ilha, previnha aos capi-
 tães de navios e pessoas da
 Cidade que, quando tivessem
 de dar sepultura a qualquer
 cadáver levassem consigo quem
 procedesse à inhumação, fa-
 zendo previamente a declara-
 ção de que os males que
 ainda continuava a affligir o
 povo pernambucano na mes-
 ma, si não maior escala,
 tem acordado em não le-
 var a effeito a indicada
 procissão sem que tais ma-
 les desapareçam inteira-
 mente ou ao menos minguem
 consideravelmente. Entretanto,
 para que isto se verifique
 cumpre que os

penitência pelas ruas da Cida-
 de, arrastando, como fantasma,
 homens que vergavam ao peso
 de enormes cruces, que arras-
 tavam, gemendo, grossas hu-
 mides e lacrimeiras, as tristes
 vestes dos penitentes.

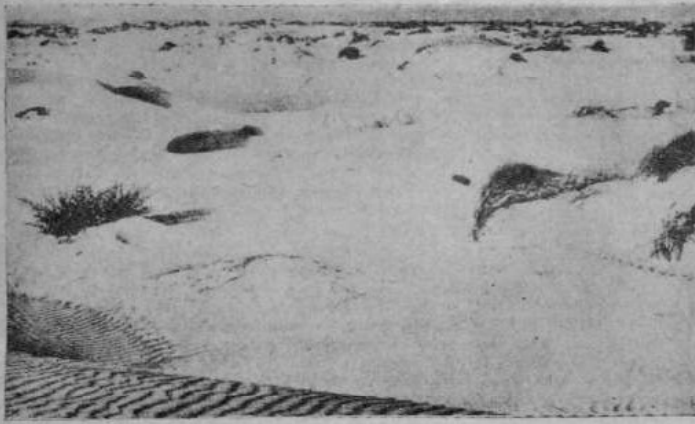
"A mesa regedóra da Ir-
 mandade de Nossa Senhora
 da Conceição dos Militares
 — dizia outro AVISO de
 março, publicado no DI-
 RIO — penetrada de profun-
 da magoa pelo terrível
 flagello da peste que nos
 tem opprimido, convencida
 de que he um visível casti-
 go de Deos, offendendo pe-
 los nossos gravissimos pec-
 cados, e ainda mais pela
 nossa impenitencia e pertinacia
 em seguir a passos largos
 pela estrada de

te. A exposição principiará
 do dia de hoje em dian-
 te..."

Isto foi a 16 de março A 18
 teve lugar, sempre à noite, a
 grande procissão de penitência,
 com a imagem do Senhor Bom
 Jesus das Navegantes à frente.
 O desfile realizou-se a meia-noite
 em ponto: — hora morta,
 hora presága, hora de súplicas
 das almas penadas pela terra.
 E, para aumentar o horror des-
 tes atos de mistério, em que os
 individuos se imprecavam mu-
 tuamente e mutuamente se tor-
 turavam, as irmandades avisa-
 vam que tais desfiles não po-
 diam ser acompanhados por
 mulheres e crianças e, ainda
 mais, não deviam ser observa-
 dos das varandas, como "infe-
 liz e abominavelmente se tem
 praticado..."

Um Agrônomo Americano Na Palestina

ADERBAL JUREMA



Aspecto do deserto da costa mediterrânea onde começou Tel-Aviv em 1909



Trinta anos depois: Vista aérea da moderna cidade judia de Tel-Aviv — (Fotos do livro "Palestine Land of Promise")

O LIVRO do dr. Walter C. Lowdermilk — *Palestine Land of Promise* — traduzido para o português pelo sr. León Mirilas (Editorial Abril — Buenos Aires, 1945), é um depoimento completo sobre a atual situação do sionismo no Próximo Oriente. O dr. Lowdermilk, do Serviço de Conservação da Terra dos Estados Unidos, é um técnico de grande responsabilidade que os Estados Unidos enviaram à Palestina a fim de estudar os processos adotados pelos judeus na reorganização do seu Lar Nacional. Acontece, no entanto, que o dr. Lowdermilk revela, neste livro, ao par de um seguro conhecimento da matéria de sua especialidade, uma cultura sociológica muito viva que transformou o seu depoimento em um dos grandes livros que já se escreveram sobre a questão judaica naquela região. Através desse depoimento e do que escreveu o sr. Wendell Wilkie no seu livro de reportagem — *Um Mundo só* — a gente já pode ter uma idéia formada do que se passa nas esferas diplomáticas e financeiras a respeito da revogação do famigerado Livro Branco de 1939.

Deante das palavras do Velho Testamento e do empenho dos sionistas contemporâneos pode-se afirmar que o judeu jamais perdeu a esperança de retornar à terra da promessa. Quando Nabucodonozor, 587 anos antes de Cristo, levou o povo hebreu cativo para a Babilônia, os seus maiores profetas, inspirados nas lutas e nos sacrifícios de sua gente, viviam da esperança de, um dia, regressar à sua terra. Com o alargamento do imperialismo romano, aquelas esperanças foram se transformando numa vigília igual à espera do Messias. E ainda hoje, aguardando a vinda do Messias, os judeus do mundo inteiro, sonham com a autonomia da sua pátria palestinese.

Sofrimentos sem conta formam a história desse povo. Se os da nossa geração protestaram veementemente contra o racismo hitlerista, os nossos antepassados também, algumas vezes, tiveram voz para gritar contra o anti-emitismo anti-cristão e desumano que se servia da Religião para exterminar concorrências comerciais. O judeu, neste século, sofreu nas estepe russas, nos desertos africanos, nas praças espanholas e, sobretudo, na Itália e na Alemanha nazistas. Veio a guerra de 1939 aumentar mais ainda o seu martírio. E eis que uma nação, como a Inglaterra, fecha as portas da Palestina à imigração judaica, pretextando salvar o Próximo Oriente de uma contenda entre árabes e judeus. Melhor seria dizer entre os senhores feudais árabes e os trabalhadores judeus organizados em fazendas coletivas.

Como se não bastassem os seus profetas, os seus sábios e os seus santos, o povo judeu foi admirável na sua luta, na sua resistência e no seu martírio deante dos novos vândalos da cultura que foram e que são os nazistas da Alemanha e de todo o mundo. Porisso mesmo, esse martírio e essa luta sempre encontraram a solidariedade de todos os intelectuais que não traíram a sua dignidade de homens livres e nem se venderam ao fascismo imperialista. O engenheiro Walter Lowdermilk é um intelectual digno deste nome. No seu livro ele estuda e analisa a terra da Palestina e o esforço do homem para melhorar a sua produção. Estuda e analisa também a grande lição de economia planificada que os pioneiros judeus estão dando ao mundo com a organização de suas fazendas coletivas e de seus estabelecimentos de ensino.

Em 1917, a 2 de novembro, o governo britânico dava publicidade à seguinte declaração:

"O Governo de Sua Majestade é partidário do estabelecimento de um Lar Nacional na Palestina para o povo judeu e consagrará seus melhores esforços para facilitar a realização deste objetivo, devendo-se entender claramente que nada fará susceptível de prejudicar os direitos civis e religiosos das comunidades não-judas existentes na Palestina ou os direitos ou condições políticas de que gozem os judeus em qualquer outro país."

Esta é a célebre "Declaração Balfour" resfirmada depois pela Liga das Nações e que, como acentua o agrônomo americano, é uma espécie de Magna Carta para a redenção da Palestina como Pátria Nacional dos judeus.

Nesta esperança os judeus da Europa — quais novos Moisés — começaram, de 1918 em diante, a afluír para a Palestina, sem temer os sérios e profundos problemas que os esperavam. Encontraram um solo abandonado, trabalhado pelas erões seculares e uma população em precário

estado econômico. Os primeiros judeus, graças ao sr. barão Edmond de Rothschild à frente da Organização Sionista, puderam se localizar em algumas zonas e começar a luta pela transformação do solo. Os exemplos de desertos e vales improdutivos que foram, aos poucos, ficando verdejantes e produtivos são inúmeros na Palestina de hoje. O dr. Lowdermilk, encarregado do projeto de criação do Departamento do Vale do Jordão, mostra, no seu livro, que ao par do emprêgo de técnicas as mais modernas para melhorar o solo, os judeus foram dando vida a novas formas de organização social. O reaproveitamento da terra foi seguido por uma nova experiência social do homem. Sem extremismos teóricos e nem tampouco reacionarismos caducos, a Federação dos Trabalhadores Judeus deu novas formas à economia, desenvolvendo o espírito de cooperação das fazendas mistas agrícola-industriais.

Surgiram o cultivo das plantas cítricas e o aproveitamento dos minerais das águas do Mar Morto ao lado de chácaras de legumes e até de criação do gado bovino. Com uma tenacidade adquirida à sombra de séculos de sofrimento, os pioneiros judeus da Palestina foram vencendo todos os obstáculos da natureza semi-árida e completamente árida em muitas regiões.

Quando da invasão da Tchecoslováquia, milhares de professores, médicos, engenheiros, advogados, filósofos, sábios, estudantes e operários especializados judeus foram jogados nas águas do mar Mediterrâneo em calhambeques indignos

de conduzir animais. Se Castro Alves fosse vivo empalideceria deante desses novos navios negreiros que eram proibidos de tocar em qualquer pórtico da Palestina, a não ser com a condição de não permitir o desembarque dos fugitivos da sanha hitlerista que escapavam à Gestapo e à "cugina" do dr. Rosenberg. Mas os que escaparam ao escurto e ao torpedeamento tinham de chegar à Palestina para, mais uma vez, cumprir a sentença do Talmud: "Os trabalhadores de todas as categorias voltarão, afinal, à terra. Um homem que não possui uma parcela de terra, não é um homem, em realidade."

Enquanto o povo judeu, espalhado pelos quatro cantos do globo, concorria para o fundo econômico sionista do Lar Nacional a fim de que fosse possível criar, na Palestina, condições modernas de agricultura e progresso social, a Inglaterra redimir-se daquele espetáculo dantesco dos navios velhos e pestilentos que vagavam, de pórtico em pórtico, como se fossem cemitérios flutuantes, onde os que ainda tinham um alento de vida eram roídos pelas ratarranjas ou enloquecidos pela avitaminose.

O engenheiro Walter Lowdermilk, a quem devemos um estudo tão sério e tão culto, não conseguiu que o seu espírito de técnico abafasse a sua admiração em face da obra realizada pelos judeus até 1943, quando lá esteve em viagem de observação e de estudos. Por meio da irrigação

e da terraplanagem os pioneiros da Palestina remodelaram e transformaram, até no sub-solo, o aspecto geo-físico daqueles terras, hoje fazendas e granjas férteis e habitáveis. Os "fellahs", tradicionalmente explorados pelos chefes árabes, viram, de um dia para o outro, surgirem cidades e campos de cultura onde, ontem, só existiam desolação e miséria.

Introduziram, numa revolução pacífica, os métodos industriais no processo agrícola de aproveitamento da terra. Construíram uma cidade moderníssima, Tel-Aviv, onde antes era quase um deserto. E, ao lado dessas realizações materiais, deram um sentido social ao trabalho, estimulado a cooperação nas organizações coletivas de produção e consumo, ao mesmo tempo que fundavam escolas primárias, secundárias e superiores.

Os judeus trataram da terra com amor e ela se tornou fecunda, deu frutos. Frutos do amor e da solidariedade humana que são os mais belos da vida, principalmente para eles que vinham corridos do ódio e do assassinio coletivo que o nazismo oficializava no mundo. Filhos de um individualismo desenfreado, vítimas da guerra e da injustiça social, na Palestina eles tentaram uma nova vida. A terra é de todos, porque o livro sagrado diz que o Senhor a deu aos homens e não a um homem.

Na obra de recolonização da Palestina, ao lado dos processos de tratamento do solo, salientados incansavelmente pelo autor de *Palestine Land of Promise*, ressalta a nós, sulamericanos de um país agrário, a contribuição da experiência social que o judeu fez em relação ao grave problema da fixação do trabalhador rural ao solo pátrio, fixação sempre ameaçada pela industrialização parcial das nossas riquezas. A experiência cooperativista da Federação dos Trabalhadores Judeus é uma lição e uma advertência. Lição para os homens de boa vontade e advertência aos reacionários que só conseguem se manter como exploradores da terra graças à exploração dos fellahs, dos párias, dos servos, dos trabalhadores rurais.

Psicologicamente se compreende muito bem porque o amor à terra vai mingando na gente do campo. Vivendo uma vida miserável, tudo o que eles tiram da terra é de má vontade porque sabem que só um mínimo é para eles mesmos. E porisso que o engenheiro Lowdermilk descobriu o bom entendimento que existe entre o trabalhador árabe e o trabalhador judeu, não acontecendo o mesmo em relação com o senhor de terras árabe ou com o capitalista judeu que não se amendeu ou não soube corrigir o seu individualismo. E ainda por esse razão que os chefes árabes não toleram a influência judaica junto aos seus fellahs e vivem provocando revoltas, criando casos internacionais, aproveitados também pelos reacionários ingleses que se pudessem já teriam decretado a prisão preventiva de um Harold J. Laski. Unem-se, por interesse financeiro, chefes árabes e milionários estrangeiros nesta guerra fictícia de nacionalismos adrede preparados para combater os milenários e sagrados direitos de um povo que está recriando a sua velha pátria.

O dr. Lowdermilk anotou, em seu livro, a ausência de trabalhadores árabes nos centros de colonização judaica. Não se conformou e interpeleu os seus dirigentes. Estes responderam que a quantidade de judeus pobres que descem da Europa é tão imensa que não sobra lugar para outros trabalhadores. Mas, deante do progresso técnico da Palestina, a desculpa não perdurará por muito tempo. E preciso que o sionismo, ao lado do seu espírito técnico, procure abrandear o processo de aculturação dos vários elementos étnicos do Oriente Próximo, segundo desta vez o exemplo da fusão do negro, do índio e do branco, miscigenação que é o segredo da nossa unidade histórica e política tão largamente estudada pelo sociólogo pernambucano, sr. Gilberto Freyre.

Se os árabes educados contemplam com simpatia o movimento sionista, como declarou certa vez, em 1919, o defunto rei Feisal, necessário será que os judeus recebam, não só com simpatia, mas, sobretudo, com real fraternidade humana todos os árabes que desejem ingressar como elementos de trabalho nos seus centros de colonização. Para isso é preciso também saber colocar a Religião num plano elevado, acima de preconceitos terrenos, aliás o único plano digno da Religião que, ao invés de mascarar subalternos interesses e ódios, será um traço profundo de união entre os povos da terra.

O IRMÃO

Hei de lembrar-me de ti ó meu irmão enfermo e da penumbra densa que envolvia o nosso quarto (nós vivíamos então uma época remota).

Os mistérios acumulavam-se todos os dias sobre [nossas cabeças].

Quando o médico chegava com grandes circunló- [quitos]

uma aura mística nos envolvia e à sombra dos [dias singulares]

se projetava crepuscularmente sobre o grande [espelho].

Nossa solidão era infinita de abandono nas som- [brias salas desertas]

onde tudo era diáfano como nossas próprias mãos [enfermas].

Através do muro ouvíamos os rumores da rua, [do outro lado,

do qual com pavor já suspeitávamos, e isso era [um grande segredo,

Mas nossos gestos às vezes eram lentos e logo [nos fatigávamos dos nossos brinquedos;

e sorriamos fracamente. Distantes um do outro [já no fim,

como espantados de ainda estarmos juntos, e nos [olhávamos como estranhos —

e não era bem esse o nosso espanto.

Porque quase sempre em torno de nós tudo era [calma e silêncio,

Então o sortilégio interrompia-se e salamos cor- [rendo pela porta do jardim.

TOMAS SEIXAS

COOPERATIVA BANCO DO NORDESTE LTDA.

deseja aos seus amigos e clientes

Natal feliz e próspero Ano Novo

Falam os Críticos

NO 1.º CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE EÇA DE QUEIROZ

EÇA DE QUEIROZ E A CONQUISTA DO ESTILO

"Esta sua técnica do estilo foi a preocupação maior do escritor e o seu maior esforço durante a sua vida literária. Houve quem tomasse isso como pobreza e lentidão de poder criador, quando significava só uma alta compreensão da arte literária, a dentro das ideias do tempo, da escrita artística do reinado de Flaubert. A sua primeira afirmação no ofício de escrever chocou o meio lisboeta por essa diligência ansiosa de achar um estilo novo e pessoal. Não era a profundidade de análise que o seduzia, era a reprodução perfeita e duradoura da superfície, patente a todos. Daquela alternativa, que lhe atormentava o espírito e que declarou a Teófilo Braga, foi o segundo termo que para sempre o reteve: "Pobre de mim, nunca poderei dar o sublime nota da realidade eterna, como o divino Balzac—ou a nota justa da realidade transitória, como o grande Flaubert." (V. Quarenta e cinco de vida literária. Teófilo Braga, Lisboa, 1903, página 103). Foi por atingir "a nota justa da realidade transitória" que Eça de Queiroz sempre se esforçou. E quis fazê-lo de modo perfeito, isto é, com o máximo poder de expressão."

(FIDELINO DE FIGUEIREDO—Trechos de artigo do "O Jornal"—Rio, 25-XI-1945).

EÇA DE QUEIROZ

Eça de Queiroz foi o maior escritor satírico da nossa raça; o que lhe faz parecer irônico é o espírito, é a graça. Na península, depois de Cervantes, que foi um dos mais profundos olhares que ainda se debruçaram sobre a alma humana e ao mesmo tempo o grande mestre da sátira ibérica, somente em Eça de Queiroz surgiu o grande temperamento que viu, rindo, motejando e sofrendo os erros, os vícios, as fofoquices de uma realidade dolorosamente banal. Viu, recordado na precisão da sua insignificância, o que a geração romântica viu engrandecido em paráfrases. E como despojada dos esplendores mentirosos da literatura enfática, a realidade era ridícula, o seu obra é a descrição minuciosa, apaixonada e implacável deste ridículo.

GILBERTO AMADO—Trechos de artigo do "Jornal"—Rio, 25-XI-1945).

EÇA E O BRASIL

A importância da obra de Eça de Queiroz para a cultura brasileira é tão fundamental que quase poderíamos dizer que em redor de seu nome se criou o romance nacional. O próprio Machado de Assis colocando-se em posição deliberadamente anti-Eça, aceitou como constituição dos dogmas de sua escola, e a graça contida, retorcida e quase onipotente de quem não quer se entregar aos seus próprios personagens, são filhos e herdeiros de Eça de Queiroz.

Hoje é fato incontrovérsio que o naturalismo brasileiro teve em Eça o seu maior mestre, pese as anotações francesas dos figurinos de Uol e de Flaubert. Estes autores que tão diretamente impregnaram as personagens portuguesas, refletiram mais como "escola", enquanto que Eça, traduzindo-as às vezes em seus livros, incluiu como sistema, como estilo, como atitude. O "naturalismo" brasileiro bebeu e se embriagou com as criações de Eça. Discutiu-o, amou-o, combatu-o, mas não pôde deixar de sofrer seu sortilégio. E mesmo, hoje, Eça serve de exemplo para escapar aos seus erros clássicos, de um romantismo obtusista e sentimental, para os modernistas.

(NEWTON FREITAS—Trecho do artigo EÇA DE QUEIROZ (1845-1900) "Correio da Manhã"—Rio, 25-XI-1945)

ATUALIDADE DE EÇA

Há uma atualidade nacional, portuguesa, localizada, de Eça

de Queiroz. Corresponde à permanência dum contraste fundamental entre o ideal de pátria, renovada pelo pensamento moderno, e a sua realização.

Em 1878, após a publicação do "O Primo Basílio", Eça, em carta a Rodrigues de Freitas, escrevia: "O que queremos nós com o Realismo? Fazer o quadro do mundo moderno, nas feições em que ele é mau, por persistir em se educar segundo o passado; queremos fazer a fotografia, ia quase a dizer a caricatura, do velho mundo burguês, sentimental devoto, católico, explorador, aristocrático, etc., e apontando-o ao desprezo do mundo moderno e democrático—preparar a sua ruína". At está, em frases lapidárias, o seu conceito da missão social do romancista. São tão claras e tão eloquentes essas palavras, uma por uma, que não demandam comentário. Leia-se apenas com atenção.

Ora esse contraste fundamental entre o "mundo moderno e democrático e a realidade nacional, portuguesa", não desapareceu. Pelo contrário, foi constantemente agravado. E daí a grande, a viva, apaixonada atualidade de Eça, em Portugal.

(JAIIME CORTESÃO — Trecho do artigo "Atualidade universal de Eça", "Diário de Notícias"—Rio, 25-XI-1945)

O ESTILO DE EÇA

Há na Introdução da Relíquia um pequeno trecho dos que melhor podem documentar o intenso poder descritivo de Eça de Queiroz, a sua acuidade sensitiva e a força extraordinária no transmitir-nos em cheio a realidade do espetáculo que o impressionou. Quase vinte anos decorreram sobre a minha primeira leitura daquela romance — e a impressão desse trecho nunca me saiu da memória. E ele prova eloquentemente a agudeza sensibilidade de artista que, unida ao "seu dom de percepção da realidade", faz que, na observação de um crítico (1)—além, talvez, não original—"muitas das cenas que descreve podem ser facilmente imaginadas, isto é, representadas ao vivo no nosso espírito". Prova da verdade daquela afirmação de Remy de Gourmont — que "il y a des hommes en qui tout mot suscite une vision et qui n'ont jamais rédigé la plus imaginaire description sans en avoir de monde exact sous leur regard intérieur" (2). Lela-se:

"Jerusalém é uma vila turca, com vielas andrajosas, acocanha entre muralha cor de lodo, e fedendo sob o sol ao badalar dos sinos tristes".

Ai se reunem três impressões sensoriais: a visual, a olfativa e a auditiva. De todas se deduz a matéria: das visuais, indicadas naquele "cielos andrajosos" e nas "muralhas cor de lodo"; a olfativa, traduzida no "fedendo", reforçado pelo contraste de "sob o sol", e, depois, aquela inseqüencial "badalar dos sinos tristes". A síntese do período, e a escolha e disposição das palavras dão-lhe uma força dificilmente igualável. . .

(AURELIO BUARQUE DE HOLANDA — Trechos de artigo—"Diário de Notícias"—Rio, 25-XI-1945)

EÇA, EÇA A MAOS CHEIAS...

Representa força construtiva para seu povo e a Humanidade. Eça não era um "poeur", apesar do que diz ao se encontrar em sua aparência individual e literária. E jamais seria um opinante de galeria, dos que não querem envolver-se com os movimentos, as indecisões e as atribuições da turba. Não. Eça, o gigante maior que a própria pátria, era um lutador que se interessava pelo rumo certo das coisas. Era dos que desjejavam ajudar o povo a achar o caminho da felicidade coletiva. Foi, pode-se dizer, um militante socialista, não dos que trazem nas mãos apenas a disquete para fazer voar os mitos e brilhantes reconciliações, mas dos que trazem também o tijolo para a construção da idade nova, que já

O LIVRO DO MÊS

Rui Barbosa, de Luiz Delgado



Luiz Delgado

NORDESTE indica, com satisfação, o livro "Rui Barbosa — tentativa de compreensão e de síntese"—do escritor pernambucano Luiz Delgado, para figurar como o melhor livro do mês de novembro de 1945. No primeiro número desta revista, ao classificarmos o livro "Sociologia", do sociólogo Gilberto Freyre, nós esclarecemos que três fatores seriam ouvidos nesta classificação: a repercussão na crítica literária nacional, a aceitação do público e a importância intrínseca do livro. Acontece que o trabalho de compreensão das ideias e dos fatos na vida de Rui Barbosa, realizado pelo sr. Luiz Delgado com rara penetração crítica,

alcançou uma repercussão nacional. A crítica do sul foi minime em destacar o valor do estudo do escritor pernambucano. As livrarias do Recife encontraram da parte do público um interesse incomum pelo "Rui Barbosa". E o valor do livro, já destacado por nós em crítica à parte, é daqueles que se impõem acima das simpatias e das conveniências de igrejinhas adrede preparadas.

O sr. Luiz Delgado dividiu o seu livro em quatro partes: A vida—os críticos—As ideias e o Homem. Em todas elas a gente encontra o estilo sério a serviço de uma inteligência que penetra nos assuntos em busca da verdade sem se preocupar com o brilho das frases bem armadas. Não interessa ao autor os recursos plásticos da inteligência que fica boiando na superfície das ideias, antes, pelo contrário, o espírito de aventura que o anima tem qualquer coisa da atitude daqueles aspectos medievais que viviam de costas voltadas para o mundo e de olhos cravados dentro de suas almas. O sr. Luiz Delgado cravou os olhos no mais profundo das ideias de Rui Barbosa e da sua época e apresentou ao pensamento brasileiro uma síntese admirável do que nós poderíamos chamar de o pensamento vivo do grande Rui.—A. J.

O QUE DIZEM OS LEITORES

Em todos os números publicaremos, nesta secção, a opinião do leitor sobre os últimos livros de autores brasileiros. — Envie a sua opinião, datilografada a 2 espaços em uma só lauda de papel tipo carta, ao redator-chefe desta revista: Rua Real da Torre, 701 — Recife.

estamos começando a viver, ainda que tão dificuliosamente.

(EMIL FARHAT — Trechos de artigo — "O Jornal" — Rio, 25-XI-1945)

O ADVOGADO, EÇA E MEU TIO

Que pena o Eça não estar vivo para escrever umas coisas sobre esses moços! E sobre aquele tolerância do Salazar que representa em Portugal tudo que Eça de Queiroz odiou com todas as garras do seu sangue socialista.

Volto ao advogado do princípio desta crônica para conciliar que o amor a Eça de Queiroz é um patrimônio das gerações que o leram. O seu centenário se comemora num mundo confuso, mas onde já se premeia pelo menos algo do que havia de positivo, de anti-utópico, de real, no socialismo de Eça. Que seja assim. E para que seja assim, é preciso que haja, sempre em maior número, a irmandade dos leitores de Eça, de que aquele meu tio foi um membro humilde mas fiel — a quem devo minha iniciação no homem da Povoia do Vazina, e a grata impossibilidade de concordar, por um momento que seja, com o pré-juré advogado de nossa praça.

(GUILHERME DE FIGUEIREDO — Trechos de artigo — "O Jornal" — Rio, 25-XI-1945)



DA PROVINCIA:

O THEATRO ESPANHOL

"Seja a história dos três loucos, contada por Grau, seja a tragédia de um amor impossível de "Bodas de Sangue" ou a de uma maternidade fracassada, de "Yerma", de Lorca, seja a lenda de uma noite de São João, nas Astúrias, como a da "A Dama da Madrugada", de Alexandre Casanova, em qualquer delas, o que fica no espírito do espectador, é a paisagem humana da Espanha, gen-

Falam os Editores:

Do Rio Grande do Sul:

CAPRICORNIUS—romance de Ovidio Chaves. "Capricornius", cujo cenário é a cidade do Rio de Janeiro, dá-nos em traços sugestivos a paisagem carioca nos dias inquietos da guerra, e resalta, num tom de irônica simpatia, o ambiente que ali se criou com a vinda dos emigrados europeus e marujos norte-americanos. Sobremaneira expressiva, entre as entidades que surgem no romance, é a organização da Empresa de Trabalhadores Unidos,—a E.T.U.—iniciativa que põe em destaque um dos personagens mais sugestivos do livro, Anselmo Nirjinsky, um arquiteto russo, rude e revolucionário que, a despeito de tudo, dividia com os seus operários todos os lucros da Empresa." (Aba do romance CAPRICORNIUS—Edição da Livraria do Globo—Porto Alegre, 1945).

O DELATOR—romance de Liam O'Flaherty. "Liam O'Flaherty" escreve com uma espécie de fúria: o espanto é a sua arma, e a loucura o seu inimigo. O material que usa é o melodrama da alma, e o seu tema é a caça ao homem. Dando expansão a estes poderosos elementos. O'Flaherty escreve numa linguagem e com uma percepção que em sua essência pertencem à ordem poética." (Aba do romance O DELATOR—Tradução de Valdemar Cavalcanti—Edição da Livraria do Globo—Porto Alegre, 1945).

A MULHER QUE FUGIU DE SODOMA—romance de José Geraldo Vieira.

"Tristão de Ataíde afirmou que José Geraldo Vieira era o primeiro escritor a tentar, no Brasil, o romance diretamente no plano universal. Tomando como tema social a paixão do jogo-território imenso onde a natureza humana se revela em sua capacidade irresistível de ser vencida e dilacerada—Geraldo Vieira criou uma obra de tal riqueza e profundidade que, quase vinte anos depois, levaria Alvaro Lins a afirmar que o livro permanecia ainda hoje como um dos melhores romances que lera.

(Aba de romance—A mulher que fugiu de Sodoma—Edição definitiva da Livraria do Globo—Porto Alegre, 1945)

EXPRESSÃO LITERARIA DO NOVO MUNDO—Arturo Torres Rioseco.

"Neste volume foram reunidas as quatorze palestras do "Curso de Inverno" que o Prof. Arturo Torres Rioseco realizou, em meados de 1944, na Escola Livre de Estudos Superiores da Casa do Estudante do Brasil. O ilustre escritor chileno fez nessas palestras, a largos traços, uma análise viva da evolução do pensamento literário dos povos latino-americanos. Espírito lúcido e compreensivo, de formação universitária, o autor realizou um trabalho não de pesquisas, mas de interpretação.

Observará logo o leitor, como decerto o observaram os seus ouvintes, que o Prof. Arturo Torres Rioseco estuda os assuntos da sua especialidade com absoluta segurança, revelando apreciáveis méritos didáticos a par de agudo senso crítico."

(Aba de livro—Edição da Casa do Estudante do Brasil—Rio, 1945)

Caminhos na Sombra, do sr. José Condé

"O presente volume, em que José Condé reuniu as suas primeiras novelas—"Entardecer" e "A Noite"—,representa a auspiciosa estreia de um dos mais expressivos valores da nova geração de escritores brasileiros. Verão os leitores que as nossas letras de ficção ganharam agora um elemento novo, dotado de apreciáveis qualidades e capaz de enriquecê-las com obras de mérito indiscutível."

Muito jovem, ainda, José Condé iniciou as suas atividades literárias em Pernambuco, seu Estado natal. Subservindo artigos, crônicas e reportagens na imprensa do país, logo se impôs o seu nome nos círculos intelectuais. Tornaram-se bastante apreciados os seus trabalhos, que revelavam sempre compreensão viva, agilidade e leveza de espírito." (Aba do livro "Caminhos na Sombra", edição da Livraria José Olímpio—Rio, 1945).

Ayres, Son & Cia.

Distribuidores do óleo lubrificante "SINCLAIR" — enlatado na refinaria

— 100 POR CENTO PENNSYLVANIA —

— Comissões — Representações — Conta Própria —
Gin Seager's — Cimento "Poty" — Material elétrico —
Produtos Químicos

Rua Dona Maria Cezar, 31 a 41 - Telefones 9263 - 9182

RECIFE -- PERNAMBUCO

POEMAS DE MATHEOS DE LIMA

Santa-Teresa do Rio de Janeiro

As tuas casas, Santa, ou mais que as tuas casas,
os teus muros, em pequenos lances sobrepostos,

as tuas estradas íngremes e ligeiras,
estradas que, mais que estradas, são ladeiras,

estas tuas estradas não são estradas para noivos;
nem mesmo para o cão fujão,
daquela personagem da pensão,
com a sua imensa fome de caminhos;

nem mesmo para os seus "fantasmas" comezinhos,
com a sua implacável sede física de espaço,
sede esta só à tua comparável,
— sede de mais uma cova para um muro,
de mais um muro para uma trepadeira.
Sede e cansaço.

Mas vamos e venhamos,
aquêlpe pé de amor-perfeito da ladeira,
onde mora
um senhor, nem verde, nem maduro,
um "lua",

que de-noite (dizem) chora,
e de-dia sonha e súa,
êste amor perfeito de uma leira
é uma perfeita conquista da estrumeira

de um poeta enamorado dos seus goivos,
agradecidíssimo (por especial fracasso),
por esta falta de metro e de compasso,
com que nos vamos desposar, os noivos,

contra a eloquência processional das avenidas,
contra a patética simetria dos canteiros,
desenhados por famanazes engenheiros,
captadores verbais de cachociras.

Oh! a minha e a tua vida!



O Céus Azues

O céus azues, depois de tantos dias conturbados,
como podeis secar as lágrimas dos lenços,
antepondo ao loiro sol as brancas nuvens?

Gentilíssimos céus, ó mal-me-queres dos caminhos,
como podeis deixar que as minhas brancas pombas
(essas brancas pombas que trago no meu peito),
antepondo ao loiro sol as brancas asas,
estejam a despojar da minha alma tanto as luzes,
que me sinto abalado da razão?

O céus azues, dizei-me, os pensamentos onde vão,
por essas ermas ilhas da minha pobre feitoria,
que elejo, para ir buscar por cima das estrélas,
a substância e a forma dessa vaga poesia,
na via-látea ardente da mais pura fantasia?

Vão além, muito além dessa amarga e negra esfera,
onde por voto surdo e cego dos enganos,
eu sigo passo a passo, e às vêzes, verso a verso,
por vil desejo ou malvada tentação,
a todos confiando essas coisas manifestas.



A nossa vida é uma ladeira.
Como a vamos subindo depressa, depressa,
no sonho!

A hera e um lampeão, em cada esquina e muro,
ponho,



Lingua Materna

Tu és como uma árvore e tens galhos,
e os galhos têm flores,
e as flores têm frutos.

Tu és lógica,
eterna, substancial.
Tens o móvel e o imóvel da vida,
as nuvens que passam nos céus,
as ilhas que jazem aos teus pés,
as raízes que te jungem à terra,
e que te fazem mal!

E eu?
Ó transatlântico da minha mocidade,
e o longo exílio em que me negaram a tua graça,
Coimbra, vozes hereditárias de Portugal,
Santo-António de Lisboa, Camilo, Santo-António do
Quental,

António Nobre, nobilíssimos confrades,
livrai-me da desgraça de ser mudo,
assim como me livrastes da desgraça de ser tudo,
descei-me o vosso manto sobre os ombros,
êstes ombros (e nada mais) que trago
como um muro
sobre mim, e que me pesam tanto, tanto!
e sob o manto,
o escuro, o escuro.

O Mastim

Eu e tú.
Nossas almas irmãs

passeando vão.
— Que belo jardim!
Trá-lá.

Pelo caminho vamos,
eu e tú,
de mãos nas mãos.

— Que belo fortim!
Trá-lá.

Pelo caminho damos
tudo o que amamos.
Eu e tú.

E vamos, vamos, vamos,
nossas almas derivando,
pelos caminhos do jardim.

Enquanto o tempo vai
andando
(que afiado mastim!)
e êle a ti vai devorando,
num interminável festim.

Pelo caminho, mudos,
eu e tu,
a só isto é que olhamos:

— Ele a mim te devorando,
(o desgraçado de mim!),
as nossas horas desfiando,
pelas ruínas do jardim.

Pelo caminho vamos ...
Voltemos para o fortim.

imitando um dia limpo, como a toalha da nossa mesa,

— o dia! que do nada, da noite, do escuro
de-manhã nos arrebuta, e contra o sol nos arremessa!
Só a aurora é menos triste que o teu sorriso, Teresa!



Quando a Moita Verde Penetraste

Quando a moita verde penetraste,
a moita verde,
a tua face sobre a outra face,
uma loira abelha entre as tuas loiras mãos,

um búzio achaste
na espessura agreste,
mas através das folhas divisaste
um céu aberto.

Uns lábios debruçavam ao teu ouvido
palavras de espanto e de ternura,
os teus olhos distilavam as doces fugas,
com que os anjos assopravam o meu flautim.

Quando a moita verde penetraste,
a moita verde,
a tua loira abelha sossegaste,
com a sede dos frutos desfrutados.



O RÁDIO POSTO A SERVIÇO DA CULTURA PERNAMBUCANA

É a PRA-8: organização radiofônica exemplar, grande veículo de civilização, ninho de artistas e o ponto de escala de valores internacionais. SERÁ: a estação mais poderosa do Brasil

ASSIM FALOU O SEU DIRETOR-SUPERINTENDENTE, SNR. ARNALDO MOREIRA PINTO

NÃO se poderá escrever a crônica do desenvolvimento cultural e das atividades sociais em nosso Estado e, resumidamente, no Recife, dentro dos últimos vinte-e-cinco anos, sem uma referência especial e muito expressiva a essa organização que é o Rádio Clube de Pernambuco — a única, no seu gênero, que através de vários lustros, desde a sua fundação em 1923, vem mantendo entre nós um programa ininterrupto de realizações valiosas no terreno de sua atividade específica.

Quando o assunto das emissões radiofônicas ainda era uma coisa desconhecida em vários pontos e para muita gente, no Brasil, um grupo de pioneiros recifenses já o manejava, com meios deficientes, e bem verdade, mas com espírito tenaz e saudavelmente aventureiro, como realidade concreta, abrindo penosamente o estreito caminho que mais tarde viria a ser alargado e palmilhado por dezenas de outros agrupamentos e instituições, que hoje compõem o quadro de nossa cultura e técnica radiofônica. O Rádio Clube de Pernambuco — digamolo, apesar dos riscos do lugar comum... — foi o marco inicial da rádio-cultura brasileira. E mesmo pitoresco lembrar os tempos não muito remotos de quinze a vinte anos atrás em que "A Voz do Norte", emitida pela velha P. R. A. P. levava à gente de casa e de fora os sinais — sons, vozes, ruídos — de uma atividade que então se nos apresentavam como qualquer coisa de maravilhoso e inédito.

Hoje, afinal de contas, cruzam-se no ar as faixas de uma multidão de emissoras que atravancam em encontros confusos o espaço dos "dials", insinuando-se em rica competência nos ouvidos das escutas. Mas quem não se recorda de quando — reduzido o número das estações nacionais e quicê estrangeiras e reduzido o número de aparelhos receptores — um rádio isolado de uma rua recifense concentrava as atenções de toda a vizinhança, embevecida com as coisas com que a velha P. R. A. P. a brindava?

Hoje em dia, é costume levantarem-se críticas impiedosas e acerbas contra a veterana do rádio pernambucano e brasileiro, apontando-se-lhe apenas as dificuldades, os pontos negativos — que, afinal, são fatais a toda instituição humana — e esquecendo-se propositada ou inconscientemente os seus grandes esforços pelo bom nome de nossa terra.

Ao invés de reparos construtivos e bem intencionados, lança-se sobre o Rádio Clube uma condenação total, tanto mais absurda quanto não se exami-

nam as condições e as circunstâncias especiais em que se debate a nossa emissora para ir cumprindo a sua, inegavelmente, gloriosa missão civilizadora. No entanto, o que se vê é que o Rádio Clube procura — e sempre procurou — servir aos mais legítimos interesses pernambucanos e atender a todas as sugestões razoáveis que se lhe façam no sentido de uma superação de suas possibilidades. Um exemplo, é esse da irradiação da música chamada fina, ou séria e que a parte do público pouco esclarecida qua-

há poucos dias, uma entrevista, no decorrer da qual colhem os dados que se seguem.

Importante fator de cultura

— Posso dizer com a tranquilidade de quem emite um conceito verdadeiro — começou o sr. Moreira Pinto — que o Rádio Clube tem sido um dos mais importantes fatores de cultura em nossa terra. Está ele ligado a todos os movimentos sociais e acontecimentos culturais que têm marcado a vida pernambucana durante os

anos e aos brasileiros tudo aquilo que se possa incluir nas tarefas comuns da radiofonia, desde a alta música até o comentário jornalístico dos fatos cotidianos. Programa como os "Grandes Autores", "Grandes Intérpretes", "Intérpretes de Fama Mundial", "Cosmorama Nacional", "Sala de Concertos", "Música Selecionada", levam aos amantes da música elevada o alimento que a sua sensibilidade e a sua inteligência exigem. Existimos, porém, para atender a todos os gostos e a toda gente. Brindamos, então,

em vitoriosa excursão pelo Norte e que seguirão dentro em breve para o Sul em cumprimento de contrato, os Demônios do Ritmo, popular e agradável conjunto de música ligeira, o Regional do grande saxofonista Felinto, o conjunto Gente de Casa, que se encarrega de arranjos musicais, etc.

O Rádio-Teatro possui um "cast" muito apreciado, sob a direção de Luiz Maranhão e com elementos como a grande artista Poliana e outros como Mercedes do Prado, Hélio Peixoto... Por trás destes elementos artísticos, agindo anonimamente, estão os redatores de programa, os técnicos e, ainda, o funcionalismo dos nossos escritórios, num total de mais de uma centena de pessoas — os obreiros do rádio em Pernambuco. Orientando essa grande equipe, há o estado maior da Diretoria — Dr. Mário Martins, diretor-presidente, Arnaldo Moreira Pinto — diretor-superintendente, Mário Libânio — diretor secretário — e dos chefes de departamentos e serviços: Nelson Ferreira — diretor artístico, o mesmo Mário Libânio — diretor redacional, Luiz Maranhão, chefe do rádio-teatro, Jocemar Ribeiro, encarregado da discoteca, Otton Costa, chefe do controle, Oto Sihler, chefe do Departamento Técnico em Casa Amarela, Valdeir Teles, chefe da Contabilidade, Sebastião Estanislau, chefe da Publicidade e Expediente...

Organização e importância técnica

Nossa organização interna e nossas instalações têm sido considerados como exemplares por visitantes ilustres, como o dr. Pires do Rio, diretor da Rádio Jornal do Brasil, Cesar Ladeira, diretor artístico da Rádio Mayrink Veiga, Carlos Frias, chefe dos locutores das estações dos Associados do Rio, etc. Tendo tido um começo, somos hoje uma das emissoras mais poderosas do Brasil, cuja voz vai aos mais longínquos pontos da terra, de onde recebemos a comprovação de que, realmente, irradiamos "para o Brasil e para o mundo". Nos nossos primórdios, funcionávamos com 1 kw. Depois, aumentamos essa força para 5 kw. Em consequência de reforma posterior, atingimos a potencialidade de 25 kw., em onda larga juntamente com a onda curta, em que tínhamos permissão de utilizar o máximo de 5 kw. Ultimamente, no Congresso Rádio-Difusão realizado no Rio de Janeiro e a que estive presente, ficou resolvido que as estações com canal exclusivo, como a P. R. A. S., aumentariam a sua potência em ondas largas para o mínimo de 50 kw., medida que já estamos pondo em prática, esperando que em breve "A Voz do Norte" esteja com o referido potencial, igualmente, esperamos aumentar a potência de nossa onda curta também para



O sr. Arnaldo Moreira Pinto quando falava ao repórter

lifica erradamente com a denominação genérica de música clássica.

O simples exame da programação diária da estação revela, hoje, que ela satisfaz, na medida do possível, as exigências da alta sensibilidade musical, sendo de notar que não se trata de uma atitude recente mas que vem de anos atrás. Eximimo-nos, porém, de ir adiante em considerações por conta própria, para ceder lugar, nestas notas, às declarações que fez à nossa reportagem o diretor-presidente do Rádio Clube de Pernambuco, sr. Arnaldo Moreira Pinto, que teve a gentileza de nos conceder,

anos fecundos de sua existência. O rádio, hoje, é a voz universal das realizações humanas, o grande veículo de comunicação dos espíritos e o rádio, em Pernambuco, tem se confundido, até hoje, com própria vida P. R. A. S. Festas, atos cívicos e religiosos, reuniões artísticas, política, carnaval — de todos estes aspectos da nossa vida social temos sido o grande e exclusivo veículo radiofônico. Nossas atividades diárias, representam um grande esforço que denota espírito de iniciativa, capacidade de organização e amor ao bem estar e progresso geral. Em 14 horas de irradiação, damos aos pernambuca-

a outra classe de ouvintes, à gente mais simples e menos exigente em arte, como a música dos nossos compositores populares, através de programas de estúdio e de discos, em várias horas do dia. O teatro, hoje, está definitivamente ligado ao teatro e aos aficionados desta conjugação artística, oferecemos o nosso rádio-teatro e essas produções — tão ridicularizadas por uns e tão estimadas por outros — que são as chamadas novelas... Há também os apaixonados da música lírica e estes encontram no nosso programa "A Ópera no Lar" (atualmente em fase de justificativo natural do número de peças...) e na transmissão avulsa de trechos de peças, a satisfação de sua volúpia operística.

A equipe da P. R. A. P. e seu estado maior

Para realizar todas essas coisas, contamos não apenas com a colaboração inerte dos discos (o que representaria muito pouco de esforço) mas de uma equipe de locutores, redatores, rádio-atores, cantores, músicos, dividindo-se estes entre solistas e participantes de conjuntos de variada natureza. Posso lembrar, entre estes, a Orquestra de Concertos, regida pelo maestro Felipe Caparrós, o Quarteto de Saxofones Ladário Teixeira (talvez o único em todo o Brasil), o Quinteto de Cordas, a Jazz da P. R. A. S., dirigida pelo maestro Nelson Ferreira, os Garotos do Ritmo, atualmente

50 kw. E, assim, ficaremos sendo a estação mais potente do Brasil. Base aperfeiçoamento técnico era uma das grandes preocupações de Oscar Moreira Pinto, meu inesquecível irmão, e sua realização é uma maneira de reverenciar a memória do grande batalhador radiofônico de Pernambuco.

Realização dos ideais de Oscar Moreira Pinto é, também, essa articulação da P. R. A. S. com os movimentos e as figuras da maior expressão do mundo artístico internacional e esse verdadeiro intercâmbio que ela realiza, de um lado exercendo o papel de ninho de verdadeiros artistas que daqui partiram para outros pontos do país, como Fernando Barreto, Vicente Cunha, Ivonete Miranda, Irmãs Avany e outros; de outro lado, dando possibilidade de novos êxitos a valores de fora que atuaram no nosso microfone, honrando a nossa estação e deixando a multidão dos nossos ouvintes: Jacha Heffetz, Libertad Lamarque, Tito Guizár, Esperanza Iris e seu esposo Paco Sierra, Olga Praeger Coelho, Tito Schips e numerosos outros, além de intérpretes de música ligeira do sul do país, como Lourdinha Bittencourt, Trio de Ouro, Marlene Vitória, Emília Borba, Orlando Silva, Silvio Caldas, Francisco Alves, Carlos Galhardo...

E esta, a P. R. A. S. de nossos dias, que honra a esforço inicial dos nossos valerosos pioneiros — Oscar Moreira Pinto, João Cardoso Aires, John Thom, Augusto Pereira, Pereira de Lira e quem aguardam grandes momentos nos seus dias futuros.

Até aí a palavra do sr. Arnaldo Moreira Pinto.

Mas, esta reportagem com que NORDESTE pretende inaugurar uma seção permanente dedicada à radiofusão em Pernambuco, não poderia ficar encerrada sem o registro de outro aspecto igualmente simpático das atividades da P. R. A. S. em nosso meio. Queremos referir-nos à maneira como o Rádio Clube se tem posto, invariavelmente, com largo espírito de compreensão e solidariedade, a serviço de quantas iniciativas surgem entre nós, visando, sob qualquer ângulo, o bem estar coletivo ou o interesse geral. Nenhuma campanha filantrópica, cívica ou cultural que se inaugure entre nós deixa de apelar para a cooperação preciosa de P. R. A. S. E essa cooperação jamais se fez esperar.

Surge, pelo contrário, imediatamente, numa ajuda de todas as horas e de todos os minutos.

P. R. A. S. se identifica, desatarte, com todos os aspectos da vida pernambucana, vai a todas as classes, penetra em todos os círculos, sempre disposta a cooperar, infatigável na orientação que lhe foi traçada desde os seus primórdios, — de ser um elemento de progresso e cultura a serviço da Pernambuco e do Brasil.

CÓDIGOS:

RIBEIRO, MASCOTE, 1.ª e 2.ª Ed. UNIAO, BORGES, BENTLEY'S, A. B. C. - 5th. Ed. e 6.ª PARTICULARES

ENDEREÇOS:

Telegrama: "ALVEJA"
TELEFONE, 9333
Caixa Postal, 277

Annibal Gouveia & Cia. Ltda.

Fábrica de Óleos Vegetais

"SIPOS"

Exportadores de Algodão

Rua Matiz e Barros, 328 - 1.ª

RECIFE - PERNAMBUCO

*
Aguardem:
Luiz Delgado
TRES ENSAIOS
Edições Nordeste
*

Dois Contos de Mário Souto Mayor

TODA vez que saía da repartição para engulir um café-pequeno no bar da esquina "66" estava lá, sentado quase sempre nas últimas bancas, cabalinho, ante um "grog". Não era só durante o dia; às vezes, quando tinha necessidade de dar um pulo na cidade não perdia a oportunidade de passar pelo "Astória", onde sempre encontrava algum amigo com quem dava meus dois-dedos-de-prosa. Pudera! passava o dia na repartição, com a cabeça cheia de números, a espinha doendo de ficar horas e mais horas na mesma posição. Era lógico que gostasse e sentia mesmo a necessidade de sair sem rumo, para espalhecer.

No bar encontrava o Jacinto, rapaz forte, espadado, filho de sertanejo, que abandonara as terras do pai, as dôres da seca, o amor às serras, tudo, para enfrentar o "batente" na cidade. Nunca vi tanta força-de-vontade até hoje. A vida de Jacinto daria um romance. Chegou do sertão, passou dois dias perambulando pela cidade, enchendo os olhos de mar e de progresso, viu tudo e, logo depois, toca a trabalhar. Filho de família rica e com o propósito de ganhar a vida de qualquer maneira honesta, Jacinto foi trabalhar de garção num pequeno hotel, ganhando uma "sinharria". O hotel funcionava até tarde da noite, quando chegava o interestadual e depois de alimentados e acomodados os viajantes era que Jacinto, em seu quarto exiguo e imundo, acendia uma vela e estudava até tarde nos vários compêndios adquiridos nos "sibos" da rua do Rangel com suas magras economias. E foi progredindo até que tomou um professor particular, um contador aposentado, e por arte não sei de quem entendeu de fazer concurso para o banco. Para resumir a história saí em primeiro lugar com o direito de escolher a filial em que quisesse servir, preferindo ficar mesmo na de Recife. Deixou o hotel mas todas as noites, não sei se devido ao hábito, gostava de bebericar seu café-pequeno no bar, numa roda de amigos, conversando pelos cotovelos. E como Jacinto era "bamba" no assunto, pois de tudo sabia um pouco, nunca faltaram ouvintes para sua conversa boa, fluente, agradável como pouca. Falava de tudo. Não fugia dos assuntos por mais complexos que fossem. Lá muito e estava ao par de tudo que acontecia no mundo e, além do mais, todos gostavam dele.

A MOEDA

Mas, como ia dizendo, tôda vez que passava pelo bar, "ele" estava lá, sentado sempre nas últimas bancas, taciturno, um cigarro piffo aos lábios, ante um "grog". Passava bons minutos olhando o copão como se de dentro fosse sair um fantasma. Enquanto Jacinto discorria sobre as formidáveis poderes explosivos da bomba atômica empregada pelos aliados no oriente, eu observava como "ele" permanecia alheio a tudo, namorando o "grog" de todos os dias. Comecei a achar esquisito aquêle pobre homem sempre tão só, sem amigos. Não podendo conter mais minha curiosidade, indaguei de Jacinto, com os olhos, se ele conhecia aquêle senhor.

— Vamos dar um giro? — perguntou Jacinto.

— Vamos... — respondi.

E animos. Depois de acender um cigarro (Jacinto só sabia conversar fumando) meu companheiro foi dizendo:

— Aquêle senhor viveu uma bruta tragédia... E que tragédia, rapaz!...

— E você o conhece?

— Como não se "ele morava perto da fazenda?"

— E...

— Vou contar sua história. Filho de uma das mais tradicionais famílias do sertão, dr. Carlos é bacharel e dono de uma fortuna incalculável. Morava em uma das fazendas delimitada por seu pai, o coronel Chico. Era casado com d. Sônia, uma mulher morta, um tipo de mulher que basta a gente ver uma só vez para nunca mais esquecer. D. Sônia tinha tudo, bonitos vestidos, jóias caras, automóvel. Era uma vida de grande. Mas, mulher, como você sabe, é um caso sério. Dr. Carlos não era um tipo simpático de mais e nem era feio. Alto, forte, educado, rico, podia muito bem fazer a felicidade de d. Sônia não fosse o destino. As vezes eu acredito no destino. Quem sabe lá?

Soltando uma bafarada, continuou:

— Em tôda história de muita sensação, em tôda questão, em todo crime você pode procurar que encontra uma mulher envolvida no caso. Apareceu lá pela zona um médico, dr. Costa, educado, novinho em folha, com uma conversa bonita, discutindo sempre sobre filmes, artistas, teatro, e que aconteceu? D. Sônia ficou "caída" pelo "gajo" que, justiça seja feita, era insinuante a valer. Até que, um belo dia, chegando em casa, dr. Carlos encontrou o médico fazendo suas vezes de marido. O médico quis fugir.

— "Calma, rapaz; não precisa fugir. Não lhe farei mal, pode ficar descansado. Tome o chapéu que ia esquecendo.

— "O...brigado."

— Não vá ainda. Só lhe peço que pague sua amante. Ela lhe proporcionou momentos agradáveis e é lógico que o sr. pague seus carinhos."

— Mas... — a gaguejar o dr. Costa.

— "Não tem mas nem menos. O sr. tem que pagar."

O médico, mais morto do que vivo, sacou da carteira e tirando uma nota de duzentos entregou a d. Sônia.

— "Não, doutor; está caro de-mais. O sr. parece que não está acostumado a pagar mulher. A mulher dessa qualidade a gente só pre-



TANIA abriu os olhos de-vagarinho, com pena de perder aquela sensação agradável, com a cabeça repousando no travesseiro baixo, os músculos relaxados, o corpo completamente abandonado. Uma réstea de sol entrava pela janela entreaberta e parecia querer brincar com os pequenos objetos do tualete. Não sabia quantas horas havia dormido. O relógio estava, bem pertinho, ali, quase no ouvido, em cima da mesinha de-cabeceira. Mas como era bom ficar assim, sem fazer nada, sentindo a cama quente e macia, os olhos semi-cerrados, vendo a réstezinha brincar, agora no espelho da penteadeira! Como era boa aquela sensação de abandono! A vida é que era pau; ter que se levantar, tomar banho, descobrir um penteado diferente... Seria mil vezes melhor se pudesse ficar mais umas duas horas deitada, imóvel, só... Mil vezes melhor. E, por cima de tudo, era dia de ir ao dentista; lá teria de esperar pelo menos uns quarenta minutos, lendo revistas atrasadas, deixando os olhos passear por tudo que fosse tolice, até que chegasse sua vez. E o dentista como era incrível com sua delicadeza demastada! Depois... Depois onde é que ia? Ah! sim; aproveitava a vez e dava um pulinho na farmácia para comprar o remédio de Paulo e em seguida falava com a modista a podia ser até que já tivesse chegado os modelos pedidos no Rio. Se não tivesse chegado, olharia os modelos de Madame Rosemary. O Paulo que tivesse paciência, mas este não precisava de um vestido, desse no que desse! Com que vestido iria ao chá de Vera Lúcia? Com o verde de "pois"? Nunca! Paulo que se apressasse, mas era o jeito... Teria que comprar um vestido somente? E um sapato? Também. O azul, Vera Lúcia já conhecia desde o último baile do clube. O "bordeaux" de salto mexicano, estava feio. O branco também não se prestava; podia chover. Compraria sapatos também. Se o marido quisesse ver sua mulhazinha bonita e elegante que gostasse de pensar. Aliás nada tinha que dizer do Paulo; era o tipo do marido camarada, bom, não era cliente nem exigente. Nunca saiam de casa a não ser juntos, salvo algum negócio urgente. Tinha tudo que queria. E, de-boba, ia casar com o Lauro, um mediczinho recém-formado, de olhos azuis, sem clientela e, além do mais um pronto. Bem que o Lauro tinha uma boca formidável. Com Paulo era muito feliz.

MANHÃ

Tinha tudo que quisesse. Viviam felizes, ambos. De-tarde, quando voltava do escritório Paulo sempre lhe trazia um presentinho sem importância e os dois se sentavam nos banquinhos do jardim, abraçados como dois pombinhos, falando de coisas sem importância. Depois, a estante estava repleta de bons romances e as melhores revistas. Um ótimo rádio na sala de estar e outro no gabinete. Que faltava? Somente um nenê, gordinho, coradinho, os bracinhos roliços, os primeiros dentinhos. Como seria ótimo se também tivesse um nenêzinho!... E como o marido ficaria contente; tudo que quisesse arranjava com mais facilidade ainda. Quando eram noivos, tinham escolhido até o nome do primeiro filho... Como se lembrava... Foi naquela noite de Natal, no baile dos Pedrosa, no jardim... E como eis corou quando Paulo falou no filho... Mas, já se foi, mais de um ano de casada e o nenê não quis vir. Não tinha culpa. A vida era assim mesmo. E era até melhor. Um nenê seria ótimo mas era horrível passar uma porção de tempo enjoada, sem poder sair, sem dançar... E depois? As dores, ficava mais velha, os seios torna-se-lam flácidos... Mil vezes assim.

O relógio da sala-de-jantar bateu dez horas. Uma, duas... Contou até dez e ficou esperando por mais uma. Pensava até que fosse mais tarde. Eram dez horas mesmo. A cama de Paulo estava desarrumada. Nem viu quando ele chegou da rua ontem. Também, foi dormir tão cedo... Nem foi ao cinema com Vera Lúcia. E Paulo, também, na rua... Não gostava de sair só, de-noite. Naturalmente que algum negócio; depois haveria de saber. Essa história de chegar tarde da rua, sem telefonar avisando, já a terceira vez na semana, bem que podia ser "coisa". Quando ele viesse almoçar teria que prestar contas. Não ia engolir essa, não. Faria um barulho, chorava um bocadinho e, aproveitando a ocasião, pediria o vestido e o sapato logo que fizesse as pazes.

Abriu os olhos de uma vez. A réstezinha de sol ainda continuava a brincar. Agora estava bem perto de um nú artístico, coisas do Paulo. Tomou o robe, o azul de setim, e vestindo o corpo quase desnudo com a camisola de rendão que deixava ver os seios erectos e róseos, ficou procurando os chinelinhos com os pés, como se tudo aquilo fosse um eterno brinquedo, a vida, o marido, tudo. Acheu e bocejou, sem querer. Afou o laço dos sapatos do marido, enquanto estava sentada no "poo". Espiou o relógio de cabeceira. Vinte minutos de atraso. Quando Paulo viesse almoçar pediria para direitá-lo.

Abriu a janela que dá para o jardim. A réstezinha desapareceu. Desapareceu é o modo de dizer. A réstezinha aumentou, cresceu, ficou do tamanho da janela e o quarto todo foi inundado por um jato de luz, misturado com o cheiro dos pássaros do alpendre e o perfume que vinha das roseiras.

Um ventinho bom entrou no quarto, brincou com umas revistas que estavam no chão, fez-lhe a trepadeira como um menino ingênuo.

Uma borboleta cor-de-rosa veio do jardim da vizinha.

Da sala, viu passar uma barata cinza. Alguém arenou. Teria sido o Paulo? Não. Talvez o areno fosse endereçado aos vizinhos da esquerda.

Defronte, passando pela calçada do outro

(Continua na página 16)

(Continua na página 16)

ESPORTES



Leça

A Mais Nova e o Mais Velho

A MAIS nova página esportiva da cidade apresenta aos seus leitores uma reportagem sobre o "crack" mais velho de um dos clubes mais antigos do Estado. Quer dizer: — NORDESTE oferece aos seus leitores algumas "lanças" de uma prosa com LEÇA.

VALTER LEÇA nasceu no dia sete de agosto do ano de mil novecentos e vinte. A primeira vista é magro até onde se pode ser, que se fosse mais um tiquinho seria invisível... E seria, também, um atrapalho, porque os atacantes dos quadros adversários não se conformariam em chutar para um arco sem saberem onde o guardião estava colocado... Por outro lado, podia ser até que desse certo, desde que há um rancho de pernas de pau espalhadas pelos nossos campos que só sabe chutar prá cima do "keeper". Quem sabe lá se desse gelito a gente tomava menos ratos assistindo uma partida de futebol? E bem capaz... Porque sem ver o "keeper" era mais difícil o canguloso da linha chutar bem prá cima d'ele...

Entretanto, a magreza de Leça não é extrema. Não é "a tal" isto é, não é daquelas das quais se poderia dizer que "só não é mais porque é um só"... Ele lá se ser muito mais magro ainda. Mas teve de dividir com seu irmão gêmeo, o seu inseparável Dudley...

Leça, no entanto, teve inteligência bastante para transformar sua aparente desvantagem numa vantagem indiscutível. E o que tem de magro tem de bom... Possui, absolutas, as duas qualidades essenciais a um "goal keeper" perfeito: — arrojô e agilidade. Falta-lhe, em grande escala, uma condição que o consagraria como um guardião completo: — colocação. Contudo, essa deficiência de Leça corre mais por conta dos técnicos que tem tido. E também por culpa de uma série de fulcros fantasmagóricos e sagazes... capazes, com as suas besteiras, de afobar e intranquilizar os maiores guardiões do mundo. E, portanto, um defeito cuja culpa não lhe cabe de todo.

Tem vinte e cinco câjás, o magríssimo e agilíssimo guarda-válua do AMÉRICA FUTEBOL CLUB. E, numa época em que os jogadores têmiam mudar de clube ao término de cada contrato, Leça é, por vários motivos, o jogador mais antigo do Campeão do Centenário. Primeiro de tudo,

é porque é mesmo. Assinou inscrição pelo América em 1937. Assim é de fato, o jogador mais antigo do campeão de 1944. Depois, se houvesse alguém de inscrição mais antiga, se houvesse alguém inscrito no clube desde 1930, ou desde 1925, Leça ainda seria de direito, o jogador mais antigo do AMÉRICA. Porque, quando o AMÉRICA conquistou brilhantemente o cobiçado título de Campeão do Centenário, já Leça, nas suas traquinagens de quem começara a andar, vestia a camisa e calçava o meião de seu mano, o saudoso George Leça, campeão naquele ano.

Naquele tempo o jogador de futebol podia ser bom como fosse: — pagava mensalidade, comprava seu material e cuidava d'ele. Guardava-o em casa. Era uma camisa de George que Leça vestia, e ainda ajudava a vestir outra em seu irmão gêmeo, o Dudley, e ficavam os dois, radiantes, metidos na camisa que arrastava pelo chão com se fossem camisas que tivessem saído muito compridas e fossem preciso virar o abanhado...

A prevalecer a data em que vestiu pela primeira vez a camisa do Clube, Leça pertence ao AMÉRICA desde 1922, quando, aos dois anos de idade, bancava jogador com a camisa de seu irmão. E, se outros motivos pudessem prevalecer, Leça pertenceria ao AMÉRICA desde agosto de 1930, quando, aos primeiros dias de nascido, tomou um susto danado quando seus irmãos George e Harry chegaram em casa aterrorizados e fizeram um barulho horrível, exaltados que estavam com o esbulho que um luz vegetal praticara contra o AMÉRICA num jogo contra o SANTA CRUZ, sabulho que a diretoria do órgão mentor dos desportos pernambucanos naquela época entendeu, estupidamente e precipitadamente, de confirmar e executar.

Rememoremos o incidente em ligeiros traços. O AMÉRICA fôra o campeão de 1918 e 1919. Em 1920 lá colocado na frente do certame quando ocorreu o célebre jogo com o SANTA CRUZ. Aquele altura os invejosos já estavam agrupados contra o bicampeão, e alegavam que o alvi-verde só conquistava os títulos porque tinha em seu quadro vários jogadores do Sul. E de notar que o AMÉRICA não era o único quadro que dispunha de vários jogadores do Sul. No jogo contra o SANTA CRUZ, o juiz

anula um tento marcado por Zetasso, um tento daqueles que somente o nosso "el ligro" sabia fazer: — driblando todo e entrando de "chapêu de sol aberto"... O juiz anula o "goal"... Alex se zanga, é expulso, o clube protesta, Alex volta, Pitota estava na banheira e mareou um tento que o juiz considerou... Novo surrú, com participação de outros jogadores além do Alex. Acaba-se o jogo. O AMÉRICA perde de 2x1, o juiz lança, na saída, os jogadores do AMÉRICA, e a Liga suspende Alex por seis meses, e os outros três, Bermudes, Salerno e Peres, cada um por três meses... Era melhor suspender o quadro todo... A diretoria do AMÉRICA cabia um único recurso: — afastar-se do campeonato. Perdia, vítima de uma campanha vergonhosa, o título de tri-campeão. No ano seguinte (1921) voltava à Liga, composto exclusivamente de "jogadores de casa", e conquistava o campeonato, façanha que repetia no ano seguinte e conquistava o famoso Campeonato do Centenário. A perseguição que moveram ao AMÉRICA em 1921 prejudicaria seu título de pentacampeão.

Aquêle susto que Leça tomou nos primeiros dias de nascido, marcaria a primeira manifestação de sua solidariedade... Chovava Leça pr' um canto e chorava Dudley pro outro... A carinhosa genitora dos gêmeos se apertou, fez tudo prá ver se acalentava os recém-nascidos, e zandá. Por duas vezes mandou meiar as chupetas no mel de abelha, prá ver se os meninos se calavam. E o berreiro continuava. O velho Ernesto, que já estava abufelado com aquela história da suspensão dos jogadores, ficou ainda mais excitado com aquêle choro de dois meninos ao mesmo tempo. A empregada pensou em sugerir um chá-zinho de capim santo, que aqui podia ser dor de barriga. Ou então de cidreira, prá acalmar um pouquinho. Mas era novata e teve receio de falar, convencida de que menino que nascia num palacete como aquê da Cruz das Almas não bebia chá de planta...

Por causa daquela injustiça que o AMÉRICA sofreu em 1929, Leça



O quadro de futebol do Clube Náutico Capibaribe — CAMPEÃO DE 1945

ça choraria horas e horas seguidas...

Guardião do primeiro quadro do AMÉRICA, desde 1940, é a Leça que o alvi-verde deve suas vitórias mais expressivas, e a ele, mais do que a qualquer outro jogador, o AMÉRICA deve a conquista do campeonato do ano passado.

Claro que a maior sensação da carreira desportiva de Leça foi a conquista do campeonato de 1944, desde que outra não é a aspiração de um jogador de futebol. Quando começou a jogar no AMÉRICA, já o seu clube não levantava um campeonato da dez anos. Integrante do primeiro quadro, era um campeão que ele queria, para encerrar sua carreira sem guardar queixas das bonitas pancadas que levou para salvar seu arco de um tento certo...

Satisfeita sua maior aspiração, Leça tem agora um único desejo — terminar sua vida desportiva defendendo as cores do AMÉRICA, que são, por assim dizer, as cores de sua própria família.

(Continua na pág. 15)

A Família Imperial

Socrates Times de Carvalho

SÃO várias as famílias tradicionais do football pernambucano. E várias foram socialmente pela influência de seus representantes no mundo esportivo da cidade, influência que tanto podia ser exercida através de um diretor como de um jogador.

De tal modo as famílias viviam ligadas aos clubes que se identificaria facilmente o clube preferido de um cidadão pela família a que ele pertencesse. Quem falasse, por-exemplo, em Loyo, saberia que se tratava do velho Tôrre, a velha "madeira rubra", que tantas glórias conquistou no cenário esportivo da cidade, e de cuja resistência o coronel Zeça Loyo era a vigamestra.

Ao Sport Clube do Recife uma família está intrinsecamente

ligada: — a família Caidas. Porque ninguém poderá esquecer os louros do valeroso rubro-negro sem recordar os nomes de Péricas, Aluizio e Juba, três irmãos que foram três astros de primeira grandeza na constelação do campeão de terra e mar. No Estado, bem raros foram os centro-atacantes enladrados como Péricas. E um ponta amolestado como Aluizio, o segundo ainda está para aparecer. E entre os dois, Juba... o Jubinha — só dava de colher... Era um inferno.

Ao aristocrático clube da avenida Rosa e Silva não poderia faltar a sua família tradicional. E até certo ponto não se sabia se os Carvalheira eram do Náutico ou se o Náutico era dos Carvalheira... Os dois irmãos, — aliás os dois em duplicata... — Fernando Zezé, Artur e o saudoso Emídio, ligaram a vida de uma família à existência de um clube: — Carvalheira e Clube Náutico Capibaribe. Por sinal que, nas mesmas condições do Sport, eram um centro-avante excelente e um ponteiro magnífico servidos excepcionalmente por um meia como o primo Artur.

Uma família de vastos recursos, esportivamente falando, e que não chegou a emprestar a pujança de seu nome a um determinado clube, é a família Viana. Dividiu seus valores entre o "Santa Cruz" e o "Náutico", com uma ligeira participação do "América".

Entretanto, entre todas as famílias que se ligaram tradicionalmente a um clube de football, a que mais se destaca é a família "Leça". Dir-se-ia uma ligação umbelical... E quase que o velho Ernesto Leça podia dizer, quando o "América" estivesse disputando uma partida: — meu filho está jogando...

Do primeiro matrimônio de Ernesto Leça nasceram onze filhos: — quatro meninas e sete meninos. Dos sete filhos de Ernesto Leça sete jogariam pelo "América", inclusive os dois gêmeos... Somente um deles, o Dudley, um dos gêmeos, não teria uma atuação intensa como todos os outros, e isso mesmo devido ao seu defeito físico. Contudo, chegaria a defender, algumas vezes, as cores do primeiro team da família...

O mais velho dos Leça, George, ainda hoje é lembrado nas pugnas de football. Zaqueiro de nascença, preatou grandes serviços ao alvi-verde atuando como reserva de ponteiro e de guardião. Mas consagrou-se como zaqueiro, dono de uma cabeçada fortíssima, e dono também de umas entradas "daquelas gelito"... Basta dizer que George treinava no Country Club, com os ingleses... Ali sim, a peia falava mesmo... E ali mesmo George era um óseo duro de roer.

Depois veio Harry, um "inside" de atuação brilhante porém passageira, porque machucou-se num jogo contra o "Tôrre" e nunca mais voltou ao gramado.

A característica predominante dos irmãos Leça era a violência do chute. Eric foi o campeão...

(Continua na pág. 15)

"Que farra!... Suco de Tomate!"

SE no Olimpo, em lugar de hidrosuave, existisse Suco de Tomate marca PEIXE, seria essa e bebida preferida por todos os deuses! O Suco de Tomate marca PEIXE conserva inalteráveis todas as qualidades nutritivas do fru maduro. Verdadeira fonte de vit minas A, B, C e G 4, ao mesmo tempo, seu saboroso refrigerante e um poderoso alimento! Agrada ao paladar e faz bem a saúde. Pode ser tomado a qualquer momento e em qualquer época do ano.

SUCO DE TOMATE MARCA PEIXE

ME PEIXEIRA

CARLOS DE BRITTO & CIA. - FABRICANTES DOS PRODUTOS MARCA PEIXE

PAGINA FEMININA



PARA UMA TARDE DE VERÃO

A Crônica do Mês

PODEREMOS SER MÁIS...

Laís L. Coelho

NOS tempos atuais não se iria pensar no ideal como inatingível ficção, quais fantasias irrealizáveis ou meros devaneios de uma mocidade desmorteada. Para a nossa juventude é representativa algo de concreto e firmemente assentado, com formas definidas e já plasmadas em suas bases, fenômenos em vias de realização.

É bem verdade que muitos e belos sonhos nos ocupam o cérebro e nos encham de inspiração nesta fase da vida tão repleta de emoções. Eles, porém, servem-nos apenas de núcleo no pensamento diretriz, formando a nossa parte diversional. São o sal que tempera a vida para não nos deixar abater o espírito. São o incenso purificante do ambiente e supridor do enlévo necessário à espiritualidade, para que não seja a vida olhada em sua nudez, como alegaria certa vez Eça de Queiroz, quando muito bem disse: "sob o manto diáfano da fantasia, a nudez crua da verdade."

Esses sonhos e devaneios da mocidade não serão, portanto, os castelos de cartas, tão aludidos à nossa idade, que rapidamente se desmoronam no sópro das dificuldades. Serão antes uma pira ardente alimentando perene o otimismo realizador de nosso ideal.

Podemos desde já lançar à vista, em rápido painel, ao

que constituímos nosso ideal. — A pintora idealista colocaria um sol a irradiar sobre o oceano fosforescente e, neste, um alvo batel a seguir por conhecida rota para algum seguro pórtico. Pelos invios caminhos o batel singraria avante vencendo, sob o sol do idealismo, as procélas e calmarias com a proa sempre a apontar o pórtico certo do destino.

A pintora idealista deu ao seu painel tódas as deslumbrantes cores representativas das forças vivas da natureza e inspiradoras de mais absoluta confiança no seu poder. Entretanto, o que ela não incluiu e não

quis fazer vislumbrar, sequer, foi o pórtico seguro, deixando-o no absoluto obscurantismo, pelo que ficou até hoje ignorado de seu aventureiro batel, a não ser por uns rápidos clarões onde se o presume encontrar.

A jovem de nossa idade nada faltará que a oriente e dirija. São disto bem convincentes os primeiros cuidados maternais com sua solicitude absoluta para que nada nos falte e afluja. Vem depois os zelos do papai, dos títilos e demais parentes formando um bloco protetor. Cedo aparecem os nossos mestres que nos o-

rientam na aquisição do saber. Não achais tudo isto tão extraordinário e belo, com o seu encadeamento tão forte e circunstanciado e ainda assim, sem nos tirar o mérito de chegarmos à meta pelos nossos próprios esforços?

Sim e neste ponto desejo tornar-me categórica, porque a despeito de todo estímulo e proteção que nos cercam, poderemos ser más, supinamente más, se não for de nossa vontade e formação de caráter aceitar os bons conselhos e orientações.



UM MODELO PARA VOCE

A Mais Nova e o Mais Velho

A Família Imperial

(Conclusão da pág. 13)

(Conclusão da pág. 14)

millia. Todos os seus irmãos vestiram exclusivamente a camisa do alvi-verde, à exceção de Ralph, que no fim de sua carreira, defenderia as cores do Tramways pela circunstância de ser funcionário da Empresa. E é isso que Leça não desejava: — um emprego que o obrigasse a defender as cores de outro clube que não fosse o seu AMERICA. Várias têm sido as propostas que recebe, inclusive de outros Estados. Todas elas têm sido recusadas. Mas Leça está ficando "menos moço". Precisa cuidar da vida. Casou-se, e tem um gróto, a quem não deve prejudicar para servir o AMERICA.

Esta página de NORDESTE, que é a mais nova da crônica desportiva da cidade, registra neste número liqüetos aspectos da vida do mais velho jogador de um dos clubes mais antigos do Estado. Se, algum dia, palestrar novamente com o referido jogador,

peão deles, conquanto Ralph não lhe ficasse muito atrás, e tivesse sobre ele a vantagem de saber arrematar com mais perfeição. Ambos foram campeões em 1927, um na meia direita e o outro na meia esquerda. Cirilo foi o que mais se assemelhou ao George... E passar pelo Cirilo na linha média para topar com o George na zaga, era preciso ter muito cabelo nos peitos...

Leça é o guardião arrojado cujas defesas sensacionais todos nós estamos acostumados a plaudir. Em diversas ocasiões suas defesas têm sido, numa partida oficial do campeonato talvez não seja mais a página caçula. E talvez Leça não seja o veterano. A "mais nova" terá ficado antiga, e o "mais velho" estará fazendo "ten-ten" no outro clube... Assim é o futebol...

da cidade, a única coisa digna do preço da entrada e do sacrifício da condução...

De tódas as famílias tradicionais do football pernambucano, dentre elas, principalmente, as Caldas, Carvalheira e Leça, a que mais se impôs, pelo número e pelo tempo, foi a Leça. É a maior, porque sete irmãos defenderam as cores de um mesmo clube. É a mais antiga, porque foi a que primeiro se ligou tradicionalmente a um clube, pela defesa do seu pavilhão no gramado.

Em 1922, um filho de Ernesto Leça foi campeão pelo "América". Em 1944, outro filho de Ernesto Leça foi campeão pelo "América". Entre um campeonato e outro decorreram vinte e dois anos. Vencendo as outras famílias no perpassar dos tempos, a família Leça manteve sua tradição durante um quarto de século. Dentre as famílias tradicionais do football pernambucano, a família Leça é, indiscutivelmente, a família imperial.



ALBINO SILVA-COMERCIOS S. A.

Ferragens em geral — Maquinária diversa — Material de construção

MODERNÍSSIMA LOJA DAS TINTAS "YPIRANGA"

Com seções especializadas de: TINTAS, ESMALTES e VERNIZES CERA E PASTA "MARVEL" CAÇA E PESCA

AGRO-VETERINÁRIA

Avenida Marquês de Olinda, 191

FONES: 9622 e 9272

RECIFE

Mata-Pau

É no sertão que isto ocorre: uma árvore á outra se abraça e nunca mais a outra vive...

Assim o estímulo morre ao mata-pau da injustiça...

Conflito

Eu não posso esquecer que vim do pó e ao pó retornarei...

Trista interrogação quando estou só: que é o pó?

Não sei.

Balthazar de Oliveira

Joalheria Krause

JOIAS PRATARIA - RELÓGIOS OBJETOS PARA PRESENTES

RECIFE

PERNAMBUCO

RUA 1.º DE MARÇO, 34 - FONE 6420

Curiosos Aspectos De Uma Epidemia etc.

(Continuação da página 8)

meio de lucros mensais, como aquele negociante da rua Nova, casa n. 63, que anunciava:

—“Na rua Nova n. 63 existe uma rica e nunca vista estampa da milagrosa imagem de S. Sebastião, a qual contém 2 versos á margem como as estampas do Senhor Crucificado, depositado na Igreja da Mãe de Deos, N. S. da Saúde, S. Pantaleão, S. Braz, Santo Amaro; todas estas estampas são advogadas da peste que presentemente nos assola. Na mesma casa existe uma porção de diferentes outras estampas, que se darão por preço comodo...”

A febre amarela, assim brava e arrasadora, serviu até de ameaça para os que oscilavam na entrega dos achados... Por mais curioso que o caso pareça, ai vai a prova neste anúncio...

ciro inserto no DIARIO DE PERNAMBUCO:

—“Perdeo-se a quantia de 40\$000 em cédulas amarellas de 20\$000, unidas em um bilhete firmado por Pinto Vêras, que dirigia com data de 9 do corrente, ao sr. Torres, morador na rua das Flores n. 15; quem achou querendo restituí-la (o que não he máo porque pôde morrer de febre amarella e não tendo feito neste mundo a restituição, ir para o inferno) dirija-se á mesma casa da rua das Flores n. 15, que da mesma quantia receberá 20\$000 pelo achado...”

Enfim, a desorganização foi quase completa na vida da cidade; transferiu-se a abertura dos trabalhos da Assembléa Provincial; a parada de praxe, na data aniversária da Constituição do Império, foi cancelada;

nas escolas suspenderam as aulas; as igrejas não tinham mais lugar para os mortos; vidas preciosas eram ceifadas e os jornais circulavam cheios de artigos, de discursos, de sonetos, escritos ou recitados á beira das inúmeras sepulturas que, todos os dias se fechavam sobre um pestoço querido.

Foi dessa dificuldade de enterramentos que nasceu a idéa da criação de um cemitério público no Recife. E ainda vivia a Cidade em pleno período das febres — 25 de março de 1850 — quando teve lugar a realização da bênção do terreno respectivo, pelas 5 e 1/2 da tarde, no sítio denominado Grande de Santo Amaro, que custaria, todo elle, 10 contos de réis á Câmara Municipal. No ano seguinte, vencendo as resistências do espirito religioso do povo, que via nessa mudança de sepultamentos imperdoável ultraje aos mortos, este Cemitério foi inaugurado sob a égide do Senhor Bom Jesus da Redenção.

DOIS CONTOS DE MARIO SOUTO MAYOR

(Continuação da página 13)

A MOEDA MANHÃ

elas pagar dois cruzeiros.” — disse dr. Carlos bem calmo.

— “Não tenho trocado...”
— “O José!” — gritou o fazendeiro.
— “Pegue o cavallo slazão e como um relâmpago vá na cidade trocar este dinheiro.”
— “Pois não, patrão!”
Como uma bala José foi á cidade que ficava a três quilômetros da fazenda, trocou o dinheiro e voltou com a respiração ofegante e a cara coberta de suor que descia em bagas.

Dr. Costa entregou a d. Sônia uma moeda de dois cruzeiros e partiu.

Vários dias se passaram e dr. Carlos permanecia trancado em seu quarto sem querer falar com ninguém. O boato num instante se espalhou pela cidade. Aconselharam o médico a dar o “pira.”

— Mas você está pensando que dr. Carlos procedeu assim por covardia, não é? Puro engano, colega. Não sei porque foi; só sei dizer que por covardia não foi. Somente depois de algum tempo, quando uma cozinheira deixou os trabalhos na casa da fazenda é que descobrimos do que se passava lá. Todos os dias, pela manhã, d. Sônia e dr. Carlos se sentavam para o café. Terminada a refeição elle tirava a moeda do bolso, mostrava a d. Sônia e lhe dizia:

— “Está vendo a senhora? Tomou café, dormiu bem e não foi preciso trocar sua moeda...”

E fazia a mesma coisa por ocasião do almoço e do jantar, todos os dias, todas as semanas, todos os meses. Eram estas as únicas palavras que dr. Carlos dirigia á esposa. A pobre mulher levava uma vida miserável, sem falar com ninguém, sem poder fugir pois o José estava encarregado de vigiar os passos de sua senhora. E á hora das refeições tinha que escutar dos lábios de seu marido as mesmas palavras:

— “Está vendo a senhora? Almoçou mas não precisou trocar sua moeda...”

— Só sei que d. Sônia não suportou mais do que três meses aquela vida. Um dia, amancebrou morta, pendurada na bandeira da porta. Eu fui ao enterro. Tive mesmo a curiosidade de olhar o corpo sem vida de d. Sônia. Pode acreditar, colega; depois de morta, ainda era bonita, mais bonita ainda. Que cabelos bonitos! Que nariz! Que boca! Você vai pensar que estou mentindo, mas é a verdade.

— E a familia dela? — perguntei.

— A familia dela era do Pará. O casamento foi realizado contra a vontade das duas familias. Tiveram que fugir.

— E o médico?

— Desapareceu. Dizem que é um ótimo médico em São Paulo.

— E dr. Carlos?

— Dr. Carlos vendeu tudo o que possuía e passou dois anos viajando pela América. Chegou outro dia de Vina del Mar. Parece que aprendeu a beber. Beber bem que faz esquecer. Creio que elle tinha uma bruta paixão por d. Sônia. Que mulher!

— E a moeda? — perguntei.

— Puxa! Você é curioso em excesso!... Creio que ainda não foi preciso trocar a moeda.

— E...

— E até amanhã; vou pegar meu bonde que vem all. Boa noite!

— Até!

lado da rua, um rapaz fica olhando. E' até bonitinho e fica bem sua roupa esporte, colorido alto. O rapaz torna a olhar, com insistência. Tânia esboça um sorriso. Lembra-se que não devia ter olhado e vê que o robe é muito decotado. Não devia ter olhado, não! Mas que é que tinha? Como o sol era quente e como acariciava seu corpo!... Como a manhã estava bonita!... Como a vida era engraçada!...

BANCO AUXILIAR DO TRABALHO

Sociedade de Crédito de Responsabilidade Limitada

Capital realizado Cr\$ 629.580,00
Fundo de reserva Cr\$ 16.701,00

DEPÓSITOS A MELHORES JUROS

GERENTE

Alexandre Gomes da Fonsêca

Rua Siqueira Campos, 100 -- Telefone: 6258

TRES LIVROS

(Continuação da página 5)

vida, pouco merecedores dessa distinção, pela inexpressividade de suas composições, no quadro geral de nossa poesia. Composições, de resto, bem pobres como expressão pessoal e nada representativas de nítidas individualidades poéticas.

Por outro lado, nem sempre a seleção das poesias se baseou num mesmo critério—o do melhor e mais característico na produção dos autores lembrados, de modo a focalizar suas tendências, seus gêneros, sua formação e sua filiação poética. Por vêzes, mesmo, lá se encontram certos “momentos” rimados que constituem simportes acidentales na lira de alguns autores, sem força suficiente para lhes gravar a personalidade. Tal é o caso da quadra de Jader de Andrade, daquela outra do disco da lua cheia posto pela natureza em troféu na vitrola do céu, de Mauro Mota, da “A chama”, de Ascenso Pereira, que, afinal de con-

tas, não é “transição” para coisa nenhuma, em suas obra literária.

Não se esteja, entretanto, a apontar somente os defeitos dessa obra meritória, e os seus lapsos, entre os quais não é o menor, segundo me informam, a indicação de Mateus de Albuquerque como recifense, numa obra de que, por igual razão, foram excluídos um Araújo Filho e um Mateus de Lima, bem mais nossos, por vários títulos, que de suas terras. A “Antologia” fundida por Fernando Mota é trabalho de valor, tanto mais penoso quanto maiores as dificuldades para reunir o disperso material de nossas letras poéticas. Há, na tarefa a que se entregou seu autor, grandes virtudes, de que se deve salientar o corte feliz na invocação á Nossa Senhora da Penha, do padre Manuel de Sousa Magalhães, de cujo incrível soneto á chegada de d. Azeredo Coutinho infelizmente não escapámos.

Só não se deve perdoar a Fernando Mota é o haver perdido a oportunidade de escrever um largo estudo critico sobre a poesia pernambucana, completando a obra a que beneditinamente se entregou. Temos, ali, realmente, um mostruário frio de poesias, mal ou bem escolhidas. Faltam, ao volume, o prefaciador e o anotador que Fernando Mota poderia ter sido sem maiores conseqüências, se lhe não fossem tão curtas as férias de dezembro. Não desesperemos, entretanto, de ler, um dia, o prefácio que está faltando á primeira edição de sua “Antologia de poetas pernambucanos”.

No próximo número, continuação de

“Povo, Província, Estudante e Arte” o grande ensaio de

GILBERTO FREYRE

Aos seus fregueses e amigos

a Administração da

Great Western Of Brazil Railway Co. Ltd.

deseja

muito boas festas e tôda felicidade no ano de 1946

Arlindo C. Moura

DISTRIBUIDOR DA

Industria de Pneumáticos Firestone S/A

Pneumáticos e Acessórios

311-RUA MARIZ E BARROS-311

CINEMATOGRAFIA

FAZ muitos anos, o cinema pernambucano escreveu a sua página de ouro, que devia servir de exemplo aos que hoje fazem filmes, no Brasil.

O romance dessa jornada ainda está para ser contado, mas quem quer que o tente terá de fazer justiça aos valores de então, exaltando o trabalho de jovens amadores — um grupo de modestos cinematografistas hábeis, cuja luta, ainda ignorada por muitos, é uma vibrante lição de tenacidade em busca de um ideal.

Os que fizeram cinema, há vinte e cinco anos passados, no Recife, nos legaram alguns trabalhos com real compreensão da arte das imagens.

E' uma pena, pois, constatar que, hoje, não houvesse quem, dentro da mesma atividade, demonstrasse o mesmo amor e a competência dos que lutaram, nos dias do silêncio.

Porisso, grato é-nos recordar alguns episódios do tempo em que se fazia cinema em Pernambuco.

EXISTE uma poesia maravilhosa, nas coisas do passado, que a gente não pode esquecer. E' o espírito de uma época, evocando um sentir de nobres emoções, que dentro de nós se reavivaram, para nos proporcionar doces e impressionantes reminiscências.

Ah, se fosse possível voltar aqueles dias! E se pudessemos experimentar, outra vez, todas as emoções vividas, que ficaram para trás do tempo!

Tudo em vão. A espessa cortina que divide cada período da nossa vida é um impedimento intransponível ao nosso desejo de voltar pelo mesmo caminho...

Sim, elas não voltam. E o nosso pensamento, num longo retrocesso, mergulha no mais profundo dessas recordações, para salvar as últimas esperanças de um retorno ao nosso passado cinematográfico...



1926 — Edson Chagas, sócio e "camera-man" da "Aurora Filme", que tinha os seus laboratórios à rua da Praia n. 159 — 1o. andar, no Recife.

apanhados de recantos pitorescos da cidade, trabalho que desenvolveram durante cerca de um ano. Entre esses documentários destacou-se uma reportagem sobre o governo de Sérgio Loreto, a primeira, no gênero, portanto, de que se tem memória, em Pernambuco.

Apesar de terem a iniciativa do novo negócio, naquele tempo verdadeira novidade, como exploração comercial, Falangola e Cambiêre não lograram êxito, pois não conseguiram o necessário apoio financeiro, para levar avante a pequena empresa, a "Pernambuco Filme," localizada na rua de São João, 485.

O surto de cinema verificado no ano seguinte havia, por fim, de dar como terminada a participação desses estrangeiros na história da cinematografia pernambucana, dando ensejo a que atividades mais definidas, sob o ponto de vista artístico, pudessem escrever os primórdios dessa jornada de tão acentuado sabor regional, nos motivos que a impeliram sempre a uma solução satisfatória, cujo objetivo era dar a Pernambuco um cinema próprio e independente.

E desenvolveram-se os fatos que influíram nos êxitos e fracassos dessa aventura. A idéia de cinema chegou a constituir a obsessão de um grupo de jovens. E fez época pela sua profunda penetração na vida da cidade — essa risonda e pacata cidade do Recife, no início da terceira década do nosso século.

NUMA dessas tardes quentes e luminosas do Recife, em pleno verão, as ruas borbulhadas de apressados transeuntes, uma febril atividade por toda parte, num casual encontro entre dois velhos amigos, teve início a nossa história.

Foi aquele, precisamente, o começo da jornada cinematográfica, nascida, instantaneamente, na ponta de uma incendiária faísca de idealismo.

Dois rapazes pobres, Edson Chagas e Gen-

Edson e Gentil não podiam esconder a grande sedução que a arte das imagens exercia sobre os seus pensamentos. Era natural. O desejo de uma vida menos provinciana e mais agitada os impelia a querer transpor as fronteiras do seu próprio mundo. A sensação da inatividade, em contraste com o meio ambiente, numa cidade excitada por um sol tropical, falta de luz e calor, causava-lhes uma grande inquietude. E os seus espíritos, ainda muito jovens, sentiam-se castigados por uma vontade de vencer que não lhes era fácil dominar. E daí o terem-se, ambos, atirado, com arrojo, à aventura.

A conversa sobre retratos passou à arte fotográfica e, logo, caminhou, sem que percebessem, para a cinematografia, uma quasi novidade a esse tempo.

De fato, o miraculoso invento atravava-se, com os filmes de ação muito em moda, à conquista de um público cada vez mais entusiasmado e numeroso.

A essa altura, já Falangola e Gambiêre haviam demonstrado que era possível fazer cinema de enredo, no Recife. E uma tal iniciativa, desde que nascesse com propósitos sérios e bem delineados, estaria fadada ao êxito. E assim foi.

Edson Chagas trazia na alma sonhadora um programa de ação que a todo custo cumpriria realizar. Não lhe faltava coragem, para isso.

Na cama, noite alta, o bravo iniciador da cinematografia pernambucana tinha a cabeça cheia de projetos.

Tentou dormir. As idéias, em torrentes, começaram a se desdobrar em espirais sem fim, no seu cérebro. Uma louca e febril esperança impedia-o de pregar os olhos. O amanhã era tudo para ele.

— Por que já não pensei nisso antes? — repetia quase como num pesadelo.

Quando se fazia cinema em Pernambuco

LUIZ FELIPE VIEIRA

A HISTÓRIA do cinema pernambucano, no tempo do mudo, compreende o largo período de 1923 a 1931. Os fatos que sobre ele foram divulgados pela imprensa, nos dias correntes, muito embora apresentados sob forma romancada, para que melhor pudessem adquirir re-

N. R. — O autor deste trabalho não participou das lutas do cinema pernambucano, pois era ainda muito criança naquele tempo.

Contudo, é um dos mais entusiastas membros do grupo saudosista que frequenta o "Museu-Cinema," tendo se dedicado, de há muito, ao estudo de todos os fatos que escreveram essa história empolgante.

Ele sente-se, além disso, intimamente ligado a todas aquelas ocorrências, através de um contacto quasi permanente com a gente e os filmes daquele agitado período de nossa arte cinematográfica, e à vontade, portanto, para tomar parte ativa na tarefa de reconstituição desse aspecto da vida pernambucana, que tanto nos envaidece.

tituição, é sincera e cheia da mesma fé que iluminou aqueles nossos artistas.

Seríamos profundamente desonestos para com o leitor se nos furtássemos ao dever de confessar que tudo quanto aqui referimos constitui uma relíquia para os corações saudosos de tanta emoção vivida. E que todas essas recordações ainda não desapareceram atesta o "Museu-Cinema," fundado por um grupo de bons e virtuosos amigos, para perpetuar as glórias e os precários do cinema pernambucano do tempo da censura muda.

O NOSSO relato remonta ao ano de 1923.

Naquêlo tempo... Dois italianos, U. Falangola e J. Cambiêre, chegaram ao Recife conduzindo u'a máquina cinematográfica que lhes permitia ganhar a vida. Confeccionavam letreiros destinados a fazer propaganda de casas comerciais. Desde logo, iniciaram a realização de pequenos filmes, com

til Roiz, um orçives, outro, gravador, encontraram-se na rua Nova, que era como uma feira de vaidades. A palestra foi animada e longa entre os dois, e, de repente, viram-se trocando idéias sobre máquinas fotográficas, um desporto muito em voga, então, uma contaminável mania, também.



vão, são, todavia, instantâneos da realidade. E' possível reconstituir, nos seus pormenores, o que foi a luta em que se empenharam, de corpo e alma, modestos mas entusiastas filhos da terra, pela cinematografia, entre nós.

Na verdade, poucas vezes, na existência de um indivíduo ou de um grupo de indivíduos, vivendo sob a mesma e arraigada determinação, se terá podido juntar uma soma de acontecimentos tão marcantes, capaz, cada um deles, de fornecer material para um vibrante relato, o que a história desses rapazes que aqui rolarão filmes.

Porque germinou, mas não cresceu, o cinema como indústria de possibilidades autônomas, fizeram-no os fatos já do conhecimento do público.

O leitor, ao conhecer a última página desse drama, que só tem mesmo o mérito que lhe quiserem atribuir os que o compreenderem, sentirá uma certa tristeza. Verificou de certo que os homens e as coisas do passado possuem algo que já não é fácil encontrar, hoje em dia.

De qualquer modo, não é nosso intento escrever sobre toda essa agitada história dos nossos cinematografistas, nem agrupar fatos, como um romance, apesar de ser uma tarefa fascinante. Antes, queremos que a lembrança daqueles tumultuosos dias, no Recife, possa proporcionar o início de uma narrativa que, ficando pelos primórdios, tanto quanto nos permitem os conhecimentos e dados ao nosso alcance, com um pouco de imaginação a ajudar esta recon-



MENSAGEM

MAGAZINE MENSAL

Os meios culturais e populares acolheram com a melhor simpatia a primeira edição de MENSAGEM.

MENSAGEM não é órgão político nem literário. É um repositório de artigos selecionados, em linguagem simples, mas correta, extralidos de outras publicações e condensados de maneira a não se tornarem enfadonhos.

Em todas as bancas de jornais, e nas livrarias, MENSAGEM, a leitura do momento.

Adquiria ainda hoje o seu exemplar.

MENSAGEM

é uma publicação da Editora MENSAGEM, Ltda. Rua do Imperador, 346, sala 23 RECIFE PERNAMBUCO

AS INDÚSTRIAS REUNIDAS FAROL inauguraram, no dia 17 do corrente, as suas novas e moderníssimas instalações da parte comercial e dos escritórios da firma.

As novas instalações das "Indústrias Reunidas Farol", obedecendo aos mais modernos requisitos da arquitetura, quer na beleza de suas linhas, quer na higiene e na perfeição com que estão dispostas as suas diversas secções, estão à altura do desenvolvimento de nossa capital. Aliás nota-se que na panificadora, cada nova padaria que se abre vem apresentar um novo aspecto, sempre agradável.

Nenhuma porém, até agora, oferece o aspecto das "Indústrias Reunidas Farol", e uma simples visita às suas instalações vale como uma confortadora certeza do progresso que anima o nosso comércio.

HISTÓRICO

Há oito anos passados, no dia 17 de dezembro de 1937, o sr. José Vieira Matos abriu para a população do Zumbi e adjacências, as portas da "Padaria e Pastelaria Polat". Casa pequena, montada a custo de sacrifício, a nova panificadora foi, pouco a pouco, obtendo um prestígio, cada vez maior, impondo-se à preferência dos consumidores. Crescendo, assim, de ano para ano, e alcançando os seus produtos uma aceitação sempre maior, a "Polat" deixou de ser uma casa modesta para formar na linha das grandes panificadoras do Recife.

Cinco anos após a instalação da firma, resolveu o seu proprietário mudar o nome da mesma para "Indústrias Reunidas Farol".

E foi com esse nome que ele se impôs, definitivamente, nestes últimos anos, ao consumo da população, podendo afirmar-se, sem favor, que as "Indústrias Reunidas Farol" marcham na vanguarda da indústria panificadora desta capital.

Quem passar atualmente pela estrada de Caxangá, no trecho central do Zumbi, ficará surpreendido ao se defrontar com o majestoso edifício de número 744 ao 790, onde funcionam as Indústrias Reunidas Farol.

A VISITA DO REPÓRTER

O repórter esteve, ontem, fazendo uma visita à panificadora Indústrias Reunidas Farol. Ao receber o convite, pensou simplesmente que se iria defrontar com uma padaria dessas tão comuns em nossos arrabaldes. Mas, esta antecipada impressão foi rapidamente desfeita, diante da monumental casa industrial que são as Indústrias Reunidas Farol. E ainda muito mais surpreso ficou ao palestrar com o proprietário da firma. Um português muito simples e amável. E que, nesta simplicidade adorável dos bons portugueses, se vai evidenciando, logo ao primeiro contacto, o homem sincero, trabalhador e com a visão dos grandes homens de negócio, de olhos sempre fitos no futuro.

TRABALHADOR E PERSEVERANTE

O sr. José Vieira Matos é um português dos bons: trabalhador, honesto e perseverante, e que se fez por si mesmo e com a ajuda de amigos prestímosos e dedicados, depois de longos e árduos anos de dificuldades.

Em 1911, um ano após a sua chegada ao Brasil, ingressou na agricultura, enfrentando a terra dura, sob o sol ardente, com a enxada na mão. Em 1912, entrou para o comércio, trabalhando como "caxeiro de vassouras", no Recife, ganhando o absolutamente necessário para comer e vestir. Nessa vida, foi até 1919.

Em princípio de 1920, resolveu mudar de vida. Passou a exercer a profissão de leiteiro e saía pela rua com o vasilhame às costas, descendo, sofrendo o que não deseja a ninguém, mas com a lã de vencer.



Fachada do novo edifício das "Indústrias Reunidas Farol"

INDÚSTRIAS REUNIDAS FAROL

TENACIDADE E ESPÍRITO DE INICIATIVA A SERVIÇO DE UMA ORGANIZAÇÃO QUE HOJE HONRA A INDÚSTRIA PANIFICADORA NESTA CAPITAL

CAPITAL, CORAGEM E MUITA FÉ

Assim, foi que, no ano de 1937, o atual proprietário das Indústrias Reunidas Farol resolveu montar uma padaria.

"Pouco depois de alguns meses — disse ele — fundei a modesta padaria "Polat", neste mesmo local. Tomei aos ombros essa iniciativa, unicamente com o capital coragem, muita fé e um intenso desejo de vencer. E não posso deixar de mencionar o auxílio de alguns bons amigos.

Trabalhei muito. De noite e de dia. E, assim, depois de muitas dificuldades e muitas lutas, consegui objetivar este patrimônio que são as Indústrias Reunidas Farol. Somente agora é que me estou aproximando do meu objetivo. A parte industrial da casa aqui ao lado entrará no início do ano numa reforma total, para se completar com a da comercial que acaba de ser inaugurada".

A INAUGURAÇÃO DO NOVO ESTABELECIMENTO

O que houve esta semana nas instalações das Indústrias Reunidas Farol não foi, propriamente, inauguração. Isto haverá somente, como informou o sr. José Vieira Matos ao nosso representante, quando tudo já estiver construído, na parte comercial e na parte industrial.

— "Por enquanto, — explicou —, somente a parte comercial estará exposta ao público. Logo mais, apresentarei, também, a parte industrial, cujas primeiras máquinas já estão encomendadas na Inglaterra, quando o seu custo em cerca de um milhão e quinhentos mil cruzeiros".

UMA VILA PARA OS SEUS AUXILIARES

Em seguida, o sr. José Vieira Matos informa que, ainda no próximo ano, irá aproveitar um terreno que adquiriu no Cordelro, em frente à Igreja de São Sebastião, para construir uma vila para os seus auxiliares.

"Desde o empregado mais graduado até o mais humilde da minha casa, todos terão o conforto de uma casa saudável e dentro das minhas possibilidades". E sobre este assunto, acrescenta:

— "Considero os meus auxiliares como pessoas de minha família. Set o que é ser pobre. Não se esquecem tão facilmente os dias de amargura e de dificuldades por que se passou. Ao meu ver, entre patrão e empregados precisa haver antes de

de bem cedo até as 10 horas da noite.

Como vê, a legislação trabalhista de 8 horas de serviço por dia, a mim pelo menos não beneficiou... A atividade constan-

de bem cedo até as 10 horas da noite.

Como vê, a legislação trabalhista de 8 horas de serviço por dia, a mim pelo menos não beneficiou... A atividade constan-

de bem cedo até as 10 horas da noite.

Como vê, a legislação trabalhista de 8 horas de serviço por dia, a mim pelo menos não beneficiou... A atividade constan-



O sr. José Vieira Matos falando ao repórter

tudo recíprocos interesses.

O empregado precisa merecer sempre o apóio e a amizade do seu patrão. Não é possível haver um perfeito entendimento entre ambos. É certo que às vezes os ingratos não faltam.

Entretanto, posso assegurar que até hoje sempre me dei muito bem com esse método de entendimento com os meus auxiliares. Não é possível, na época em que vivemos, usar outros e antiquados métodos menos compatíveis com a dignidade humana. No meu tempo de dificuldades, um empregado era qual tratado como cachorro. E isto inúmeras vezes me revoltou profundamente. Dai o meu modo de interpretar diferentemente as relações entre empregados e patrões".

AFINIDADE ENTRE PATRÃO E EMPREGADOS

— "A minha indústria até certo ponto é igualmente deles. Trabalhamos em conjunto e para o mesmo fim. O dinheiro que vou ganhando, eu o vou empregando. Aumentando o meu comércio, aumento as possibilidades dos meus auxiliares. Desenvolvo igualmente novas possibi-

nesta casa. O limite de trabalho para mim é o cumprimento definitivo da obrigação. Aqui nesta casa me encontrará des-

te é o meu ideal de viver. Sinto-me profundamente preocupado quando vejo dinheiro no cofre. O dinheiro foi feito para

circular. Hoje aqui, amanhã ali. Assim penso e assim faço".

ESTIMULANDO O PROGRESSO

— "Como o sonho está vindo, a minha casa comercial parece ser excessivamente suntuosa para o local. Mas é exagero. Ao melhorar as possibilidades da minha casa comercial e as maquinárias da minha indústria, estou colaborando para o engrandecimento do meu negócio e ao mesmo tempo estou estimulando o progresso deste bairro.

O calçamento da avenida Caxangá, feito pelo município, foi a colaboração do Estado. Agora resta aos particulares fazer o mesmo dentro de suas posses".

ESPECIALIDADES

As Indústrias Reunidas Farol são especializadas na confecção de pães e bolachas. Entretanto, têm uma pasteleria funcionando, cujos produtos, finos e tipos populares, são destinados a atender a todas as classes da população.

Há, ainda, o café extra-fino "Farol", para cuja moagem recebe a rubrica diretamente do seu cunhado, fazendeiro em Garanhuns. Já está instalada uma máquina de moagem e brevemente será entregue ao consumo o café "Farol"; confeccionado com "Café cereja" e garantido pelo renome de seus produtores.

AS INSTALAÇÕES

A entrada para o salão da secção de vendas é coberta por uma vasta marquise superpondo-se a todas as portas, como se vê no clichê. Iteiramente, circundando o salão, uma armação ricamente trabalhada e envidraçada. Os balcões se antepõem às armações igualmente envidraçadas com tampas de mármore, de vidro, e de madeira outros.

A iluminação do salão é toda, em luz fluorescente e instalada caprichosamente. No fundo se destacam duas escadas que conduzem a uma galeria que fica em volta sobre a secção de vendas. Neste pavimento superior, para a parte do fundo do edifício, ficam os escritórios da firma. A direita, uma porta de vai-e-vem dá entrada ao gabinete do diretor-proprietário. Até ao meio da parede, circulando toda área do gabinete, é forrada com madeira de imbuia. Dois corfes nos cantos e um grande bureau com umas cadeiras de estilo. Em frente, cobrindo a parede, uma rica estante ocupada pelos livros principais da firma.

Partindo da galeria para o lado esquerdo, uma porta, igualmente de vai-e-vem, dá acesso ao escritório propriamente dito das Indústrias Reunidas Farol. Bureaux dos auxiliares, colocados em linha reta, recebem a luz direta pelos lados. Num dos cantos, uma mesa comprida para verificação das contas, com cadeiras altas ao lado, para melhor comodidade dos funcionários.

Banco Irmãos Guimarães Ltda.



★ Apresenta seus melhores votos para Natal e Ano Bom ★

CIRURGIA, INCLUSIVE PLÁSTICA, PARA MANTER A VIDA DOS MONUMENTOS HISTÓRICOS

(Conclusão da 20.ª página)

ram-se ao restabelecimento da cobertura do templo onde fica localizada a biblioteca. E a outra parada agora é na velha igreja do Carmo, cuja elevação o automóvel sobe aos pinotes, na posição fortemente inclinada.

E esta é a principal obra do Serviço em Olinda, (planta que traz a influência do padrão da igreja jesuítica de Jesuá, em Roma) se tempo é o mais notável de Olinda e reproduz uma observação do Lúcio Costa, de que ela apresenta certa semelhança de partição e proporção com as igrejas hispano-americanas: as suas torres atarracadas, a vantagem da largura sobre a altura, a predominância dos arcos, etc.

Os trabalhos já estão bem adiantados. Na fachada, procedeu-se ao mesmo sistema do arboço de concreto, com duas colunatas e na vigia sustentando inteiramente a velha parede. As capelas laterais tinham sido obstruídas, construindo-se altares à entrada das mesmas: o SPHAN restabeleceu essas capelas, fazendo voltarem os altares aos seus lugares próprios. Dois altares de talha, mais valiosos, foram colocados nas primeiras capelas à direita e esquerda da entrada, ao passado que as demais capelas ainda estão vazias. Num desses altares, o dr. Airton nos mostra um exemplo de mesa carmelitana, com as suas características inconfundíveis.

Itinerário de um pesquisa

Aproximamo-nos da capela mor e aí o carregado do SPHAN nos desenvolve um templo de pesquisa comum aos trabalhos da paração, referente à forma originária da capela. Assim é que chegou à conclusão que a capela mor do Carmo sofreu quatro grandes modificações. Antes do atual altar de talha, existiram dois retábulos de alvenaria, de que ainda existem vestígios sob aquele. Do primeiro, vêm-se indícios num trecho de calha e nos rebocos e socos que ladeavam a cada do altar mor, os quais se encontram aterrados. No segundo, a alvenaria era pin-

tada e os socos que ladeavam a escada de acesso ao altar foram deslocados a fim de aumentar o supedâneo do altar de cerca de 50 centímetros. A terceira modificação introduzida foi a do altar mor, de talha, na qual foi mantida a posição do sóco da segunda modificação, enquanto na composição do retábulo a mesa do altar saçava do seu plano vertical. A quarta modificação, afinal, consistiu na elevação da mesa do altar, que se desloca para o mesmo plano vertical do retábulo. O sóco foi então eliminado, construindo-se ao longo das paredes laterais da capela-mor uma galeria estreita, de alvenaria, onde foi assentado o cadeiral (duas séries de cadeiras altas e lavradas, para assento das dignidades na cerimônia solene) em nível pouco mais elevado do que o do antigo patamar do altar. Ainda mais, as paredes laterais receberam um suplemento: espécie de barra sobre a qual foram construídas colunas justapostas às paredes com capitais de massa ornados de folhas de acanto, etc.

Um assunto e duas teses

Reproduzimos estas notas, para dar uma idéia dos problemas com que se defronta o SPHAN. E queremos mostrar, também, o caráter ainda tateante, ainda não de todo fixo das normas de ação que o SPHAN vai aos poucos transformando em "coisa julgada", o que determina, às vezes, cordiais divergências entre a direção central no Rio e os delegados regionais. Foi o que o dr. Airton nos deu a entender, ao desenvolver o seu ponto de vista próprio a respeito dos altares de talha, embora deva obedecer à orientação superior, seja qual seja, ele acha que se deve fazer a reconstrução das partes mutiladas ou apodrecidas pelo tempo, em madeira nova, pois é da opinião de que os altares barrocos valem não pelo detalhe, mas pelo conjunto e que se deve dar ao curioso, ao leigo, a idéia da obra de arte em sua forma total. Já o Rio pensa de outra maneira: deve-se tocar o menos possível no altar, deixando como estão as partes mutiladas, de forma que, de uma maneira honesta,

a peça possa inspirar um comentário assim: "Isto aqui é um antigo altar e dele resta o que se vê".

Verniz e "decapé"

Outra diferença de ponto de vista e outro exemplo de tateamento nos métodos: guiando-se pelo que observou em trabalhos em realização na igreja do Outeiro da Glória, no Rio, o dr. Airton mandou envernizar o púlpito e outros elementos de madeira do Carmo. A direção do SPHAN discordou e explicou que talvez o delegado tivesse visto mesmo aquele tratamento em um dos altares da referida igreja, mas tratava-se de mera experiência, que não teve resultado satisfatório. O dr. Airton lamentou que a orientação fixada em contraposição ao envernizamento só lhe tivesse chegado depois da execução dos trabalhos, que terão que ser corrigidos, com prejuízo material; e disse que pessoalmente discordava dessa orientação, pois ela importava num acabamento "decapé" (espécie de cobertura de cal ou alvaçada sobre

a madeira) muito mais impróprio que o envernizamento. Ademais, sucede que nos altares de talha a madeira empregada não é de uma única qualidade, existindo muitas vezes remendos que chocam a vista, pela diversidade de coloração, acrescentando, ainda, que o verniz se tornava uma superfície protetora da madeira e uniformizadora da cor de toda peça. E não se deveria alegar que o verniz não era solução primitiva, porquanto o "decapé" também não o é, possuindo o primeiro a vantagem de proteger a talha.

Um convite

Outros trabalhos que o dr. Airton nos aponta: foram substituídas três tesouras da cobertura; vai ser estabelecido o portão do lado direito, "esplêndida porta do convento" (segundo as notas de Lúcio Costa), que existiu ali; as torres foram simplesmente rebocadas e foi conservada a fachada do lado da praça do Carmo, que lembra o antigo claustro: mantiveram-se as arcadas e não foram "cegadas" as janelas em cima do passadiço lateral, apesar de sua atual inutilidade.

Eis, em resumo tanto quanto possível fiel, o que nos disse e mostrou o dr. Airton Costa Carvalho, acerca das tarefas que o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico lhe confiou. Além disso, apenas uma sugestão e uma promessa:

— Vamos qualquer dia destes ao interior, onde tenho umas preciosidades para lhe mostrar: uma bela casa de engenho do período áureo da cultura canavieira, uma maravilhosa capela também de engenho e outras coisas. Quem não aceita um convite destes?



Euclides Da Cunha, Colaborador De Jornais

(CONCLUSÃO DA 3.ª PAGINA)

quanto aquele é entregue a si mesmo, o salário mal dando para esperar a morte prematura. É a isto que Euclides denominava "a pecaminosa injustiça" do capitalismo e por isto ele plenamente justificava o princípio da socialização dos meios de produção e de circulação. Não há dúvida que o autor de "Um velho problema" estaria hoje entre aqueles intelectuais chamados de "esquerda", se acaso ainda fosse vivo. Por outro lado, é possível que ele jamais chegasse, segundo a observação de Gilberto Freyre, a certa forma de socialização da vida ou de planificação dos valores que afetam substancialmente a personalidade do homem em qualquer parte ou a do brasileiro em seus traços específicos. Um exemplo desse respeito à personalidade humana e ao caráter brasileiro é a sua defesa de Antônio Conselheiro e dos fanáticos de Canudos. Atitude essa de Euclides, nem sempre bem interpretada ao tempo em que publicara OS SERTÕES. Também ele dissera, certa vez, a Oliveira Lima, que tomara para si "o belo título de último dos românticos, não já do Brasil apenas, mas do mundo todo, nestes tempos utilitários." Mesmo que não tenha sido o último dos românticos, bem que Euclides da Cunha pode ser considerado um deles — e romântico de alma larga e generosa.

Não deixa de ter um certo interesse psicológico essa explosão de Euclides em favor do Marxismo exatamente na época da sua

maior dificuldade de vida, o seu ressentimento derivando para um sistema de doutrina como meio de liberação do homem desajudado que sempre fora. E' ainda para notar que nunca chegando a uma situação que se parecesse com a confortável ou ao menos a folgada, não mais tivesse ele voltado a manifestar-se contra os vícios do capitalismo e a favor da socialização das formas de produção e de circulação ou da arregimentação do proletariado como planejara em São José do Rio Pardo. Todavia nunca a sua voz faltou como um protesto contra todas as modalidades de exploração do homem pelo homem. A miséria brasileira sempre despertou em Euclides as suas melhores reservas de humanidade.

Em janeiro nas Livrarias:

Aderbal Jurema
DEMOCRACIA E PLANIFICAÇÃO (ensaio político)

Edições

"NORDESTE"-Preço Cr\$ 5,00



UM NARIZ POPULAR

— Meu nariz consiste numa dessas lâmpadas comuns usadas em todo o mundo. Por este motivo reivindico, para mim, a condição particular de possuir o nariz mais popular do mundo.

Não há muito tempo Edison inventou meu nariz e, desde essa data, grandes passos foram dados para aperfeiçoá-lo. Hoje em dia presta inestimável serviço à Humanidade, não apenas como fator primordial de uma visão melhor, mas, também, como protetor contra os perigos decorrentes da escuridão — diz "Seu" Kilowatt, o criado elétrico.

Casa Bancária Pernambucana Ltda.

Capital realizado Cr\$ 250.000,00
Fundo de reserva. Cr\$ 30.000,18

PAGA AS MELHORES TAXAS DE JUROS

GERENTE

José Canuto

Rua do Imperador, 446 — Telefone: 7247

CIRURGIA, INCLUSIVE PLÁSTICA, PARA MANTER A VIDA DOS MONUMENTOS HISTÓRICOS

Reportagem de JORGE ABRANTES

Mete-se um esqueleto de cimento armado no corpo de uma velha parede de alvenaria a granel, robustecendo a parede e salvando as aparências—Preferência ao SPHAN na compra do material das demolições—Onde se enterrou o capitão-governador e lugar-tenente Felipe Cavalcanti—Pesquisas, teses e divergências cor-diais—Duelo do verniz e do "decapê"—"Tenho umas preciosidades para lhe mostrar".

Os monumentos históricos têm esta coisa de semelhante às pessoas humanas: o tempo deixa sobre um e outró a sua inexorável marca, ao mesmo tempo dignificante e destruidora e chegada a idade aneã, o inebriamento do presente reduz a uma minoria que para eles se voltam em sinal de respeito e em atitude de admiração, enquanto que uma maioria espantosa os costumes brindar senão com a sua irreverência, ao menos com o seu desconhecimento total. Em relação ao passado histórico existe, ainda, a forma bárbara e anti-humanista da destruição e das mutilações e das mutilações que, infelizmente, não resultam apenas de catástrofes sociais, como as guerras, mas também de atitudes concientes contra a tradição. Estas considerações se aplicam muito bem ao Brasil, onde a ausência de longas idades preferitas e de uma consciência histórica e cultural perfeitamente cristalizada se tornou responsável por muitas ações e omissões criminosas nesse sentido. É sabido por muita gente que de há uns trinta ou quarenta anos para traz abateu-se sobre muitos momentos históricos e religiosos em Pernambuco e no país uma fúria de destruição e descaracterização, que diríamos inconscientes, se não fôsse a incidência de um lugar comum...

Hoje, graças a Deus e por honra do nosso nome cultural, possuímos uma repartição pública federal que protege com zelo enérgico e carinho especial as nossas coisas tradicionais: o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), criado há uma oito anos e entregue à inteligência operosa do sr. Rodrigo Melo Franco de Andrade. E possui o sr. Melo Franco, em Pernambuco, o melhor lugar-tenente que poderia encontrar para as províncias do Nordeste, na pessoa do engenheiro Airtton Costa Carvalho que, em vários anos de função, tomou-se de verdadeiro apêgo, de verdadeiro amor pela alta missão aqui desempenhada pelo SPHAN. Seu trabalho, como, de resto, o trabalho que executa a repartição aqui e em todo o território nacional, não é dêsse que mais se prestam à propaganda política de administrações públicas. É, antes, um trabalho atencioso—embora eficiente, repousado—embora conciente e seguro e que—como nos disse êle

numa expressão bem achada—exige muita sensibilidade e paciência pelas coisas do passado.

Disse-nos durante uma corrida a Olinda, dentro de um Ford 36 que êle aviltou com o apelido de loré mas que, com alguma boa vontade pode escapar perfeitamente a essa classificação. Talvez que com tal observação, quizesse indiretamente por à mostra a modestia dos meios e recursos com que conta para a execução de suas tarefas, o que se torna bem evidente numa visita que se faça ao humilde rés-do-chão onde funciona o SPHAN ali na rua da União. A não ser que se quizesse interpretar essa localização numa das ruas mais tradicionais do Recife, a rua da "evocação" de Manuel Bandeira, como uma lírica homenagem à natureza e aos fins da repartição, o que não seria uma observação muito prática...

Fizemos realmente essa visita. Fomos provocar o encarregado regional do SPHAN, pois queríamos que êle descerasse aos olhos dos

a um destino a que estaria irremediavelmente condenada, se ficasse entregue às forças cegas do tempo e da natureza: a destruição.

Sugestão à Prefeitura do Recife

O dr. Airtton aponta, gesticula, sobe escadas, afaga blocos de arenito e o reporter, acompanhando-o em suas peripécias, vai recebendo uma verdadeira lição da arte de conservar e reparar os monumentos históricos. Mostra a fachada ao lado esquerdo: estava inteiramente descaracterizada. Foram, agora, tiradas as platibandas e restabelecido o antigo beiral, não em sua existência material completa, mas em sua forma, com material mais recente. A propósito, o representante do SPHAN explica que para êsses trabalhos se lança mão de material proveniente da demolição de prédios antigos e lembra que a prefeitura do Recife poderia baixar um decreto concedendo



FACHADA DA CONCEIÇÃO DAS DOROTEIAS: AQUI ANDOU O DEDO DO S. P. H. A. N., CORRIGINDO E PRESERVANDO

leitores de NORDESTE o quadro das atividades a que preside. Airtton Costa Carvalho tinha muitas coisas a nos mostrar, como tombamentos de monumentos históricos e religiosos e outros assuntos e trabalhos que fazem a própria vida da repartição. Ele sugeriu-nos, porém—o que foi aceito com o maior prazer—uma forma plástica e dinâmica de entrevista: a vista e o exame da obra do SPHAN em pleno fieri, em sua execução, ao-invés da exibição de resultados estatísticos e de anotações burocráticas. Rumamos, pois, a Olinda...

Um templo que escapou no incêndio de Olinda

Enveredando, no Varadouro, pela estrada que segue para Paulista, e deixando-a, um pouco adiante, para galgar as escarpas da velha cidade, estávamos, dentro de alguns minutos, no oitão da igreja de São João, situada numa eminência fronteira àquela onde se ergue a do Amparo. O templo—explica-nos Airtton Costa Carvalho, cicerone dos mais cultos e simpáticos—não tem grande valor artístico. Mas tem a sua respeitabilidade histórica, a sua longa anciandade, dizendo-se mesmo que foi a única igreja que escapou ao incêndio de Olinda. Já existia, aliás, em 1595, pertencendo à Irmandade dos Militares e teve a honra de, em 1644, receber o corpo de um chefe ilustre, Felipe Cavalcanti, capitão-governador e loco-tenente do donatário Jorge de Albuquerque Coelho.

A igreja cercada de andaimes e pelo chão vêm-se pranchas, calbros, telhas e toda espécie de materiais de construção. O SPHAN, numa operação—se nos permitem a expansão—ao mesmo tempo plástica e genericamente cirúrgica, está arrebatando a Igreja de São João

preferência de compra dêsses artigos ao SPHAN, o que viria resolver as dificuldades que ao Serviço se deparam nesse particular.

Também foram reconstituídas as janelas laterais em sua forma antiga. Não se conhecia o formato dessas janelas, mas o dr. Airtton transpôs o obstáculo recorrendo à memória de um antigo membro da irmandade da igreja e com o auxílio do antigo frechal, por cujas cavilhas ou entalhes pôde determinar exatamente a posição e as dimensões das janelas, com resultados coincidentes com o depoimento do velho conselheiro. Nas janelas da sacristia, situadas dêsses lado, há um pormenor interessante: barras de ferro com barriguinhas em vários pontos de sua extensão, denunciando certa influência espanhola.

A parede oposta apresentava um grande desapuro, em consequência da descaracterização das "tesouras" que sustentavam a cobertura, tesouras de feição regional, em "canga de porco" e que tiveram que ser substituídas inteiramente por tesouras simples, modernas, cuja possível ação descaracterizadora será anulada, de futuro, quando se construir o novo forro de que a igreja está precisando. O desapuro obrigou à reconstrução total da referida parede, com uma calçada protetora dos alicerces e uma calha para escoamento das águas pluviais.

Esqueleto novo em corpo velho

Passamos à frente do templo. O frontão—explica o dr. Airtton—estava inteiramente modificado e, assim, na impossibilidade de reproduzir o antigo, permanecerá um frontão simples em forma de empena. Na grossa parede

da fachada frontal, vêm-se, como resultado "emagamento dos materiais" pela poluição dêsstes (grossa argamassa a granel), em duas faces exteriores de matéria mais resistente), fendas quase sempre verticais, com a segregação das juntas. A tarefa a executar, então, é reforçar a resistência dessa parede conservando-lhe, porém, o aspecto exterior. Isto é feito mediante a construção de uma estrutura de concreto armado, embutida na parede, constante de duas colunatas, de um lado e de outro da porta de entrada e de uma vig horizontal apoiando-se nestas, conseguindo assim distribuir o peso dos materiais que, em invés de repousar sobre a própria parede, de cansar a sobre a estrutura de cimento. Est aliás, já está terminada e podemos ver o seu genhoso resultado: à parede aparentemente não sofreu modificação, mas em realidade está robustecida com aquele esqueleto moderno, que a habilitará a resistir à ação do tempo por muitos anos adiante.

Pobreza de interior

O interior é modesto e não há nenhuma documentação a respeito de sua maneira original. Numa nota manuscrita e ilustrada do sr. Lúcio Costa sobre as igrejas de Olinda e outras cidades de Pernambuco e que está em mão do dr. Airtton Costa Carvalho, o aquêle eminente especialista de coisas antigas, tratando-se de uma igreja do primeiro século e que escapou ao incêndio da cidade era impossível que não possuísse inteiramente peças de excepcional valor. No entanto, em resultado das pesquisas efetuadas, nada de importância foi encontrado. O altar não é mais o antigo nem se sabe como era êste, de modo que o atual será conservado, sendo que, nestes casos a orientação fixada pelo SPHAN, contrária à construção de altares novos imitando o antigo, preferindo uma obra nova da maior simplicidade, contanto que fique salvo a honestidade do trabalho de preservação e reconstrução e se evitem falsidades artísticas e históricas. Quanto possível, ser mantido o arcabouço do antigo altar. Sobre o altar-mor da igreja de São João, vemos um velho nicho de madeira, que o dr. Airtton diz ter sido encontrado noutra parte da igreja e ali colocado.

O caso de um pórtico

Passada em revista mais ou menos toda a obra, montamos novamente no automóvel, rumo à igreja da Conceição das Doroteias, ao lado da Academia de Santa Gertrudes e onde também se fez sentir a ação vigilante e corretiva do SPHAN. De passagem pelo Amparo, o dr. Airtton informa que nesse templo o Serviço restaurou parte da cobertura e orientou tecnicamente pintura interior.

A Conceição é um templo que lembra o estilo das igrejas franciscanas. Suas fachadas estavam descaracterizadas e igualmente foram retiradas platibandas e substituídas pelo beiral. Mas o principal trabalho foi a restauração do antigo pórtico, cujas arcadas haviam sido fechadas com portas, com vantagem para a área interna, mas com prejuízo para a arquitetura da igreja. O dr. Airtton mostra-nos na parede os sinais de um outro pórtico, em seguimento àquêle, ou melhor, da existência de um antigo pórtico duplo. Quanto a êste segundo elemento, porém, foi necessário ceder às razões das freiras, deixando de restabelecer-se o complemento do pórtico. Mesmo assim, certos observadores lamentaram a diminuição de tamanho do templo... Na parte desobstruída, foi feito um piso com lajes de lã, enquanto o interior ostenta, em contraste com a arquitetura do prédio, um piso de ladrilhos hidráulicos. Na capela mor foi permitida a construção de pequenas platibandas para a colocação de imagens.

Influências arquitetônicas na Igreja do Carmo

Descemos ligeiramente no convento de São Francisco, onde os trabalhos do SPHAN redu-

(Continua na 19.ª página)



O QUE RESTA DA ANTIGA PORTA DO CONVENTO DO CARMO — HAVIA UMA ESPÉCIE DE "COPIAR", AO BOM GOSTO PERNAMBUCANO

Preço dêste exemplar: CR\$ 2,00